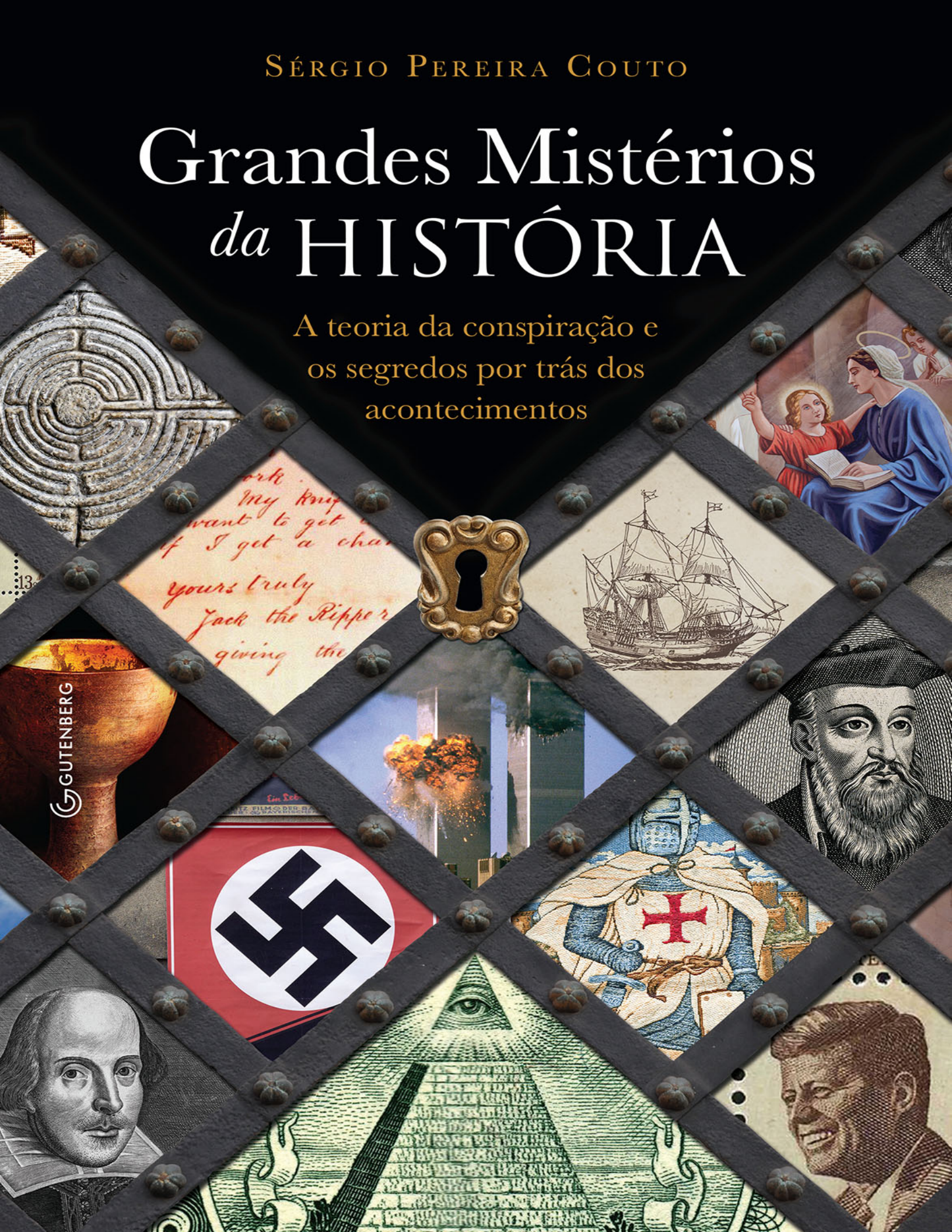


Grandes Mistérios *da* HISTÓRIA



GUTENBERG





Sérgio Pereira Couto

Grandes
MISTÉRIOS
da **HISTÓRIA**

A teoria da conspiração e os segredos
por trás dos acontecimentos



GUTENBERG

Introdução

Existem acontecimentos históricos que são nebulosos, misteriosos. Faltam explicações para certos fatos, que constituem verdadeiros “buracos” sem esclarecimento, deixando uma interrogação no ar. O que teria ocorrido? Qual o sentido daquele evento?

Para esses mistérios, começam a surgir hipóteses, teses, teorias... Tudo é tão obscuro, que parece haver uma conspiração por trás, fazendo acontecer coisas sem que ninguém saiba da verdade. Parece que há um segredo que não se conta, algo envolto em uma névoa espessa e obscura, proibida para a maioria das pessoas.

Assuntos como esses são entusiasmantes, porque nos fazem sentir como exploradores, arqueólogos do tempo, prestes a entrar em uma câmara cheia de mistérios secretos.

Na verdade, esses temas fazem parte do que se chama popularmente de *teoria da conspiração*: alguns acontecimentos históricos seriam fruto de um plano secreto paralelo, executado por governos, sociedades secretas ou grupos que tramam por interesses próprios, lícitos ou não, sem que a população em geral saiba da verdade.

É claro que as teorias da conspiração são vistas com ceticismo por muitas pessoas, e muitas vezes o que é um fato até corriqueiro passa ao

conhecimento de todos interpretado com parcialidade, por falta de informações, ou por um viés esquisito, e entra para a história como algo obscuro ou misterioso, e sempre polêmico. Seus adeptos são muitos e chegam a ser conhecidos como “conspirólogos”.

Não há, hoje, um estudo que englobe as várias (e de fato são muitas) facetas da teoria da conspiração. Ela pode englobar qualquer coisa: de quem construiu as pirâmides a quem fundou os Estados Unidos, passando pela queda de OVNI's em Roswell, em 1947, e o assassinato de presidentes norte-americanos no começo dos anos 1960. Passa também por criminosos nunca identificados, como Jack, o Estripador, e o Assassino do Zodíaco e esbarra nas lendas urbanas do Rock and Roll e na derrubada das Torres Gêmeas, que não teria ocorrido sem o aval do governo norte-americano.

Se as várias explicações para os mistérios e segredos da história são fruto de teoria da conspiração ou não, ou se há explicações distintas das aceitas “oficialmente”, o fato é que é interessantíssimo revisitar o contexto de como tudo aconteceu e entender onde, como, quando e por que algumas passagens tornaram-se polêmicas ou nebulosas.

De qualquer maneira, é divertido e prazeroso procurar resolver mistérios e desvendar segredos, e conhecer um pouco mais sobre a história e os acontecimentos passados. As conclusões sobre o que é fato, boato, elucubração, conspiração ou verdade ficarão sempre para a imaginação e o critério de cada um.

Capítulo 1

As profecias de Nostradamus já se cumpriram?

Será que as chamadas profecias se cumpriram ou se cumprirão? Ou os chamados “profetas” ou “visionários” seriam charlatões, e suas palavras, pouco confiáveis?

Parece que nem tudo o que foi dito pelos profetas mais conhecidos aconteceu de fato, ou pelo menos não foi interpretado como algo que se cumpriu. Porém, há quem duvide desse ponto de vista e siga, ao pé da letra, todo e qualquer texto escrito pelos grandes nomes da profecia, como Nostradamus e Edgar Cayce.

De qualquer maneira, um dos maiores medos do ser humano é enfrentar o que se prediz há anos: o advento do fim do mundo ou o chamado apocalipse. Essa crença é quase tão antiga quanto a humanidade. As imagens do planeta terminando sua existência em meio ao caos e a guerras diversas assombram os seres humanos desde que começaram a ser divulgadas por algumas religiões, como uma espécie de artifício para controlar as atitudes de seus fiéis. Esse também passou a ser o tema preferido de vários profetas.

Esse assunto é conhecido pelo nome *escatologia*, uma parte da teologia e da filosofia que trata dos últimos eventos na história do mundo ou do destino

final do gênero humano, comumente denominado de fim do mundo. Para muitas crenças, o fim é um evento profetizado em um texto sagrado que relaciona conceitos como messias, vida após a morte e outros. Obviamente, a tradição diz que o fim dos tempos não aparecerá “sem mais nem menos”. Primeiro virão sinais vastos, que estarão espalhados em meio a estranhos fenômenos naturais e aparições diversas. Assim diz o texto de Nostradamus mais ligado ao tema, que está na Quadra 72 da Centúria IX:

No ano 1999, sétimo mês
Do céu virá um grande Rei de assustar
Ressuscita o grande Rei de Angolmois,
Antes depois Marte reina pela felicidade

Essa seria a quadra que descreveria o Apocalipse. A interpretação mais aceita é a de que, em julho de 1999, viria do céu “um grande e aterrorizante monarca que reavivaria o rei de Angolmois”, palavra que seria um anagrama de *mongolois* em francês, ou mongol. Assim, a interpretação diz que uma força que viria dos céus faria reviver Gengis Khan, o conquistador e imperador que viveu no século XIII. Marte, o deus greco-romano da guerra, reinaria feliz para sempre. Como 1999 já se foi há tempos, a desculpa para esse erro seria a de que os cálculos estavam errados e que os fatos lá contidos ainda estariam para acontecer.

Claro que se discute até hoje ao que Nostradamus estaria se referindo. Entretanto, cientistas já indicaram que de fato houve uma queda de meteoro na época, mas que não causou grandes estragos. Outros associam a passagem ao fatídico 11 de Setembro e colocam como possível justificativa que os cálculos dos anos e as diferenças entre os calendários Juliano e Gregoriano seriam os principais responsáveis pela incongruência das datas.

Quando chegou 1999, essa profecia foi muito criticada, já que nada de extraordinário aconteceu. Mas é necessário apelar para a interpretação dos especialistas, dizem os entendidos, que falam coisas como: “a expressão ‘do céu virá’ pode ser considerada como algo extraterrestre. Mas pode ser também que se esteja usando uma expressão para dizer que o ‘Rei de assustar’ será um rei bom, ou seja, ele virá do céu e não do inferno”. Quando se trata de analisar textos proféticos, nem sempre a primeira explicação

parece ser a mais exata, e Nostradamus é constantemente analisado para ver o quanto de suas profecias já aconteceu.

A verdade é que a quantidade de trabalhos já publicados que se propõem a analisar as Centúrias de Nostradamus é simplesmente enorme. Um pesquisador sério, para se dedicar ao tema, deve se debruçar sobre uma pilha quase interminável de textos, apenas para poder dominar o assunto. Para encontrar alguma coisa que ainda não foi explorada, então, devem-se levar anos de análise. E nunca dois pesquisadores chegam a uma mesma conclusão.

Sabemos que, no total, as centúrias trazem previsões significativas para a história humana a partir de 1557. O consenso afirma que o profeta projetou o fim do mundo não para 2012, mas sim para o ano 7000, quando supostamente o Sol destruiria nosso planeta e, segundo alguns, “retomaria sua condição suprema no universo”. A grande dúvida, mais uma vez, reside na escolha do calendário que para alguns era o cristão, enquanto outros insistem que o utilizado foi o judeu.

Independentemente disso, a fama de Nostradamus e as imagens lúgubres que se tornaram sua marca registrada foram suficientes para gerar vários mitos em torno de sua pessoa e de sua morte. Um deles afirma que o profeta teria sido enterrado com um documento capaz de elucidar todas as suas previsões. Em 1700, vândalos teriam rompido o caixão em busca dessas instruções e supostamente encontraram um medalhão com a inscrição 1700, data na qual residiria a profecia, feita por Nostradamus, de quando seus restos mortais seriam exumados.

Mas nem todos respeitavam sua memória, principalmente durante a Revolução Francesa, quando soldados antimonarquistas violaram os túmulos dentro do convento onde Nostradamus repousava e espalharam seus ossos pelo local. Diz a lenda, porém, que quando souberam que o vidente tinha previsto o advento da Revolução, os adeptos recolheram os restos mortais e os devolveram ao caixão violado, levando-o depois para a Capela da Virgem, na igreja de Saint-Laurent, em Salon, onde permanecem até hoje.

As melhores pistas que possuímos, hoje em dia, para entender a mente de Nostradamus estão mesmo nos textos que não são quadras ou centúrias em si, como as cartas deixadas para o filho César e para o rei Henrique II.

Na verdade, ainda se especula muito sobre a vida de Nostradamus. Tanto é que pesquisadores de grandes universidades como Ottawa, no Canadá,

Cambridge, na Inglaterra, e Sorbonne, na França, desenvolveram uma teoria no mínimo polêmica para os seguidores do profeta: a de que as quadras das Centúrias se baseariam em fatos históricos anteriores à sua redação e que, assim, serviram de inspiração para as quadras “futuras”. Esse grupo, identificado como NRG, composto de nomes reconhecidos pela comunidade acadêmica internacional, teria detectado pelo menos cem desses fatos, que receberam a alcunha de “pontos de partida”. A partir do momento em que são feitas profecias baseadas em textos antigos, essa prática é conhecida como Bibliomancia, hoje definida como “prática que procura por respostas para questões pessoais, mas já foi usada para tentar compreender o significado da vida e da realidade, lendo passagens aleatórias em qualquer livro, principalmente na Bíblia, no I Ching e em dicionários”.

Assim, o grupo defende que entre a morte de Nostradamus, em 1566, e os anos seguintes, apareceram muitos livros que teriam sido supostamente produzidos pelo profeta. Aí está pelo menos uma suspeita de que o Livro Perdido possa muito bem ser uma dessas obras.

Dessa forma, segundo os pesquisadores históricos, é possível identificar pelo menos duas versões para a Carta a César e nada menos que sete versões diferentes para a Epístola ao rei Henrique II. A confusão causada pela proliferação dessas obras é tanta, que hoje algumas são sabidamente falsas enquanto outras ainda estão sob investigação. Há também obras de outros autores da mesma época que refutam Nostradamus a ponto de deixarem implícito que o profeta não era um ser humano, mas sim um personagem criado por um grupo de autores, nos mesmos moldes daqueles que acusam a mesma coisa para a obra do dramaturgo britânico William Shakespeare.

Vale lembrar que algumas correntes esotéricas sem fundamento algum (nem mesmo com um embasamento místico) afirmam que Nostradamus foi, na verdade, a reencarnação do profeta bíblico Isaías, que teria vivido entre 740 e 681 a.C.. É claro que as especulações variam, e já acusaram o vidente de ser quase todos os profetas do Velho Testamento.

Que o profeta era muito devotado ao seu trabalho de vidente, isso não deixa nenhuma dúvida. O problema que reside aqui é entender o verdadeiro intento para escrever as Centúrias. Estaria ele querendo mesmo alertar a humanidade futura sobre cataclismos ou apenas era uma leitura voltada aos homens de seu tempo, que já viviam uma época terrível com a convivência com a peste negra? O debate vai longe e continua acalorado, com céticos e

crentes acusando-se reciprocamente sem chegar a uma conclusão consistente. Mas seria tudo tão nebuloso assim? A tabela a seguir tem algumas quadras retiradas das três primeiras Centúrias que, segundo o consenso até o momento, indicariam conflitos vindouros. Ligados ou não ao fim do mundo, o fato é que ainda hoje muitos esperam que o profeta tenha a palavra final sobre os assuntos modernos.

Indicação	Texto	Interpretação
Centúria I, quadra 9	Do Oriente virá o coração púnico, Perturbar Hadrie e os herdeiros romúlidas: Acompanhado da frota líbica, Templos melitas e ilhas próximas desertas.	A origem do conflito seria no Oriente Médio, possivelmente em países muçulmanos da África do Norte, envolvendo Itália, Líbia, Malta e o Adriático.

Indicação	Texto	Interpretação
Centúria I, quadra 16	Foice no Tanque, junto para o Sagitário, Em seu alto auge e exaltação, Peste, fome, morte por mão militar, O século aproxima-se de renovação.	Esta configuração celeste mostra Saturno em destaque na constelação de Escorpião que está em conjunção com Sagitário, algo que se prevê que ocorrerá em 2015.
Centúria I, quadra 18	Por discórdia e displicência da França as portas se abrirão para Maomé. de sangue molhada a terra e mar sénois. O porto de Marselha está tomado de velas e embarcações.	A passagem será aberta aos islâmicos por causa da negligência dos franceses. As regiões perto de Toulon serão atacadas e Marselha será coberta de navios e aviões.

Indicação	Texto	Interpretação
Centúria I, quadra 45	Perseguir seitas grande dor ao delator, Animal em teatro, ergue o jogo cênico, Do fato antigo enobrece o inventor, Por seita mundo confuso e cismático.	Estima-se que apenas nos Estados Unidos existam cerca de 600 seitas, além de haver registros de 400 delas em Berlim e mais 130 na Rússia.
Centúria I, quadra 63	Pestes se alastrarão, o mundo ficará menor Por um longo período, as terras serão habitadas em paz As pessoas viajarão com segurança por terra, água e ar Então as guerras recomeçarão.	No terceiro Milênio os homens remanescentes viverão em paz e muitas terras ficarão desabitadas por séculos. Porém a natureza humana fará com que a humanidade volte a sofrer suas misérias costumeiras e se torne novamente violenta.

Indicação	Texto	Interpretação
Centúria I, quadra 67	A grande fome que vejo aproximar-se faz-se sentir ora aqui, ora ali, mas depois é universal. Será tão grande e prolongada que arrancarão as raízes dos troncos, e o infante do seio materno.	Aumento inevitável da fome no mundo.
Centúria II, quadra 3	Pelo calor solar sobre o mar, de Negroponto os peixes quase cozidos, Os habitantes os virão destruir, Quando Rodes e Gênova precisarem de provisões.	A morte dos peixes do Mar Negro seria causada por uma onda de calor, para alguns, causado por uma possível mancha solar como as descritas para 2012.

Indicação	Texto	Interpretação
Centúria II, quadra 52	Durante várias noites, a Terra sacudirá. Durante a primavera, dois esforços sucessivos; Corinto e Éfeso nadarão em dois mares Guerra movida por dois valentes de luta.	Tremores de terra que teriam origem no Japão, seguidos de uma guerra entre Grécia e Turquia, referidos como Corinto e Éfeso.
Centúria II, quadra 93	Perto do Tibre, a morte ameaçará. Um pouco antes da grande inundação O chefe da Igreja será preso e banido, O castelo (Sto. Ângelo) e o palácio (Vaticano) em chamas.	Prisão do papa e destruição do Vaticano. Este seria o fim igreja católica, que seria destruída por meio de suas principais instituições. O papa cai e a Basílica de São Pedro é destruída.

Indicação	Texto	Interpretação
Centúria III, quadra 3	Marte e mercúrio, e a prata estarão juntos, Sobre o meio-dia grande seca, Um terremoto virá da Ásia, Corinto, Éfeso então em perplexidade.	Guerra, corrupção e o poder do dinheiro reinarão juntos. Na mesma época, haverá uma grande seca que virá do Sul. Novamente se fala dos terremotos no Japão e do conflito entre Grécia e Turquia.
Centúria III, quadra 12	Pelo tumor de Heb, Pó, Tejo, Tibre, & Roma, E pelo lago Léman & aretino: Os dois grandes chefes & cidades do Garona, Presos, mortos, afogados. Partir butim humano.	Tumor (<i>tumeur</i> em francês antigo) quer dizer “agitação”. Os Aretinos são os habitantes da cidade de Arezzo, localizada próximo do lago Trasimeno. Assim, graças à agitação de Hebron (Israel), do rio Pó, do Tejo, do Tibre e de Roma e pelo lago Léman e Arezzo, os dois grandes dirigentes das cidades do Garona (Bordéus e Toulouse) serão presos, afogados e mortos.

Indicação	Texto	Interpretação
Centúria III, quadra 86	Um chefe de Ausônia às Espanhas irá, Por mar fará parada em Marselha, Antes de sua morte um longo tempo languirá, Depois de sua morte se verá grande maravilha	O termo em latim <i>ausônia</i> é um nome antigo da Itália. Assim, um chefe italiano irá à Espanha, fará uma parada em Marselha, para lá definhar por algum tempo antes de morrer. Após sua morte, será vista uma maravilha, embora não se saiba qual.

Há muitas outras predições espalhadas pelas demais Centúrias, porém, pela seleção feita, dá para perceber que Nostradamus falava mais sobre guerras entre os líderes humanos do que sobre cataclismos naturais. É difícil ver seu dedo no Livro Perdido, já que nem mesmos seu conhecimento de astrologia é tido como certo pelos pesquisadores. O que se sabe é que seu poder de persuasão sobre milhares de pessoas continua ainda até hoje.

Capítulo 2

Os Illuminati eram perigosos?

Uma das mais comentadas sociedades secretas da história é a dos Illuminati. Eles foram bem descritos no livro do pesquisador alemão Paul H. Koch, que esclareceu muitos pontos sobre as origens históricas dessa ordem. Koch caracterizou os Illuminati como um grupo dedicado ao que ele chama de *antitradição*, ou seja, eles teriam por objetivo derrubar a ordem vigente de maneira radical, o que por si só não é nenhuma novidade, já que há outros grupos no meio das sociedades secretas que possuíam a mesma finalidade, como a Rosacruz original e até os grupos modernos supostamente derivados dos Illuminati, como o *Skull and Bones* ou o Clube Bilderberg.

O fator que os caracteriza mesmo como um grupo de destaque é a personalidade obscura de Adam Weishaupt, um catedrático de Direito Canônico da Universidade de Ingolstadt, que nasceu em 7 de fevereiro de 1748. Seu pai, George Weishaupt, era também do meio acadêmico e ensinava na cadeira de Instituições Imperiais e de Direito Penal no mesmo centro universitário. A família era judia e, aos 5 anos de idade, Adam Weishaupt ficou órfão e foi acolhido por seu avô, que também seria seu tutor, o barão Johann Adam Ickstatt. De uma maneira ou de outra, ironicamente, ele tinha laços com a mesma monarquia que queria tanto derrubar.

Por algum tempo, Weishaupt se converteu ao cristianismo graças ao convívio com seu tutor, quando ingressou no colégio dos jesuítas, onde se destacou graças à sua inteligência, considerada acima da média, e de sua memória, pois tinha fama de ser excepcional. De lá foi para a faculdade de Direito, a mesma onde seu pai havia ensinado anos antes.

Foi com o avô que tomou conhecimento de obras que o influenciariam muito. A biblioteca de seu tutor era composta por títulos de filósofos franceses, obras sobre a maçonaria e sobre outros grupos na mesma linha. Chegou a fazer amizade com ninguém menos que Maxmilien de Robespierre (1758-1794), advogado e político francês que se destacou por ser uma das personalidades mais controversas da Revolução Francesa. Também mantinha contato com um obscuro místico dinamarquês, que havia vivido no Egito, de nome Kolmer. Essa figura viveu muitos anos na terra dos faraós, como comerciante, até voltar à Europa, quando tentou fundar uma sociedade secreta de linha maniqueísta, sem muito sucesso. Esse Kolmer tinha sua própria rede de contatos e descreveu muitos encontros com figuras proeminentes da área esotérica, incluindo o até hoje polêmico e enigmático conde de Cagliostro (1743-1795), que era maçom, ocultista e alquimista.

Weishaupt ficou fascinado por Kolmer e por seus conhecimentos. Chegou a requisitar que ele o iniciasse nos Mistérios dos Sábios de Mênfis, ritos de iniciação aos mistérios egípcios, atividade esta que ele chegou a levar em paralelo com seus estudos normais. Quando tinha 25 anos, recebeu o título de professor universitário, e se tornou catedrático em Ingolstadt dois anos depois.

Naquela época, já tinha em sua mente definições de conceitos que evoluiriam para a forma dos Illuminati da Baviera que se conhece hoje. Porém, sua primeira intenção não era formar sua própria sociedade secreta e sim encontrar um grupo de trabalho pronto, que servisse a esse propósito. Para ele, uma organização como a dos jesuítas ou a maçonaria seria a ideal, desde que o permitisse andar para uma direção diferente. Weishaupt apenas tomaria a decisão de fundar seu próprio grupo quando não encontrou nada parecido. Mas não antes de se envolver com a maçonaria. Foi durante seu período com os filhos da viúva que ele criaria um simbolismo considerado curioso e passaria a adotar o nome simbólico Espártaco.

Koch considera que o regulamento inicial dos Illuminati é um meio-termo entre as regras maçônicas e jesuíticas, com elementos do que ele

chama de “falso rosicrucianismo”. É logo no início de suas atividades que surge o que hoje é o símbolo mais famoso dessa sociedade secreta: a pirâmide com um olho aberto em seu interior, com variante do olho por cima da pirâmide.

A primeira coisa que vem à mente do leitor atento é saber exatamente o que os Illuminati pregavam a ponto de atrair interessados pertencentes ao mesmo grupo que juraram destruir. Os novos membros entravam sabendo que o propósito do grupo era a substituição da velha ordem reinante no mundo por uma nova, na qual eles mesmos seriam uma espécie de comando supremo, devotado a “conduzir a humanidade para uma era, jamais vista, de paz e prosperidade racional”, de acordo com Koch. A ideia era uma só: criar um governo de ordem mundial, na qual cada homem teria a mesma importância, sem discriminações de classes sociais, nacionalidade, credo, ofício ou mesmo raça.

O tal sistema global seria de conhecimento de todos, já que chegaria de forma pacífica e a partir de uma evolução natural. O que diferenciava era o fato de Weishaupt e seu grupo supostamente oferecerem “atalhos” para que esses objetivos fossem mais rapidamente concretizados e, assim, ninguém teria de esperar centenas ou milhões de anos para ver sua concretização. Isso, segundo ele, aconteceria no período de uma geração, embora, para tal fim, fosse necessário aplicar a violência, uma vez que a velha ordem não seria tão facilmente desmantelada. Para poder participar de tal empreitada, bastava apenas oferecer obediência cega ao seu comando e não prestar atenção ao fato de que, em um primeiro momento, suas ordens parecessem sem sentido.

Assim, os Illuminati passaram por sua fase mais áurea. Com o apoio do barão de Knigge e de olho em novos adeptos, Weishaupt iniciou uma intensa campanha na Alemanha, para conquistar a simpatia de novos candidatos. O barão partiu para o norte do país, enquanto seu sócio administrador se concentrou na região central do país. Como ambos eram maçons, foi fácil entrar em contato com as lojas e com os maçons locais.

A reação da maçonaria

A reação da maçonaria não tardaria a começar. É claro que ficou contra os Illuminati, mesmo porque eles passaram a ocupar quase todos os cargos e

empregos importantes da Baviera, onde predominava o catolicismo. A maçonaria não admitia o combate à religião e era rígida nos seus princípios morais, o que não acontecia de jeito nenhum com os seguidores de Weishaupt.

A loja maçônica alemã Três Globos, uma das mais famosas de então, divulgou um comunicado interno, declarando que excluiria da ordem todas as lojas que “degradassem os princípios da maçonaria ao introduzir nelas o *iluminismo*” (nome pelo qual a filosofia dos Illuminati era conhecida).

No caso de lojas que já haviam adotado o iluminismo, a Grande Loja Alemã proibiu o ingresso de maçons ainda não convertidos. A confusão foi tanta que até hoje há pessoas que afirmam que os Illuminati eram originalmente um ramo da maçonaria, ou que os Illuminati tinham o apoio da maçonaria, uma ideia totalmente errada.

A situação não parecia muito boa para os “iluminados”, que sentiam o perigo bater à sua porta. Porém, isso não amedrontava Weishaupt, que se lançou em um projeto arriscado. Em julho de 1782, várias obediências maçônicas se reuniram no convento de Wilhelmsbad, hoje um resort próximo de Hanau. De olho no fato de que adquirira certo conhecimento e prestígio nos últimos anos, Weishaupt tentou dar um golpe final que lhe permitiria unificar e controlar todos os ramos europeus da organização. Tudo o que conseguiu na ocasião foi um acordo para refundir os três primeiros graus de todas as obediências, deixando os demais ao livre-arbítrio de cada uma.

Nem a Grande Loja da Inglaterra, ou o Grande Oriente da França, que começaram a combater abertamente sua influência, nem mesmo os teósofos adeptos de Swedenborg manifestaram-se a favor de Weishaupt. Esses resultados, somados à frustração do que obtiveram com as tentativas no convento de Wilhelmsbad, levaram o barão Von Knigge a renunciar. Vale a pena ressaltar que o nobre terminou seus dias retirado em Bremen, no norte da Alemanha, onde morreu em 1796, após publicar alguns livros com sermões que visavam atingir os templos protestantes.

Weishaupt estava em uma posição difícil e de onde dificilmente conseguiria dar andamento a seus planos. Os maçons ingleses não paravam de fazer ataques aos Illuminati, e a eles logo se uniram os martinistas. O pior golpe, porém, veio de Joseph Utzschneider, um ex-Illuminatus que, após abandonar a ordem, enviou uma carta para a grã-duquesa Maria Anna da Baviera.

Assim, em junho de 1784, veio o golpe fatal. O duque de Karl Theodor Dalberg, confrontado pela enorme quantidade de reclamações e sinais que recebia dos opositores dos Illuminati, promulgou um édito no qual tornou terminantemente proibida a constituição de qualquer tipo de fraternidade, sociedade secreta ou grupo iniciático que não se enquadrasse nas leis vigentes. Mais tarde, os Illuminati foram identificados, em outro comunicado, como um ramo da maçonaria, o que acarretou no fechamento de todas as lojas daquela sociedade secreta.

E a coisa não parou por aí. Weishaupt terminou por ser destituído de sua cátedra e foi exilado, embora o duque de Saxe, que era um Illuminatus, tenha oferecido refúgio em sua corte e o tornado conselheiro oficial, encarregado da educação de seu próprio filho. Os demais dirigentes da ordem procuraram refúgio em lojas maçônicas, antes do começo das perseguições, em maio de 1785. Os membros inferiores foram também perseguidos, presos e submetidos a torturas.

Em 10 de julho desse mesmo ano, um enviado de Weishaupt, o abade Lanz, cavalgava em meio a uma tempestade, quando foi atingido por um raio. Ao contrário do que se pode pensar, o cadáver não foi recuperado por membros da ordem, mas sim, segundo relatos, por pessoas locais que o recolheram com cuidado e o levaram para a capela de São Emmeran. Lá, entre as roupas que o morto usava, estavam importantes documentos comprometedores, que teriam revelado os planos “iluminados” para a conquista mundial. Alertadas, as autoridades usaram isso para selar de vez o destino dos Illuminati da Baviera, e a polícia bávara ficou a par de todos os detalhes da conspiração. Assim, passou-se a crer que os Illuminati eram a verdadeira força por trás da Revolução Francesa.

Seguir a trilha “iluminada” desde a supressão da Ordem na Alemanha não é uma tarefa fácil. Muitos afirmam que decretar o fim do grupo foi um tiro que saiu pela culatra, já que ajudou a espalhar os ideais Illuminati pelos quatro cantos do mundo. Aparentemente, a França foi o país europeu que mais demonstrou vontade de acolhê-los, porém outras localidades também se mostraram um terreno fértil para que as ideias de Weishaupt crescessem e frutificassem, ou pelo menos é nisso que os atuais pesquisadores do assunto creem.

Persiste o fato de que os Estados Unidos foram a primeira das novas terras visadas pelos “iluminados”. É claro que não foi a única, ainda mais no

Novo Continente. Outros países, entre eles o México e até Cuba, já foram apontados como centros de aglutinação de membros desse grupo. De fato, quando se passa por esses países, nota-se a presença, em vários locais, do símbolo máximo dos Illuminati: o olho que tudo vê. Mas se essa mesma imagem também é utilizada pelos maçons, como ter certeza quando se trata de uma ou de outra sociedade secreta?

Para se ter uma pista é necessário voltarmos para os documentos históricos europeus. Um deles, um artigo publicado na revista alemã *Französische Züstade*, de Hamburgo, é datado de julho de 1842 e assinado por um poeta menor que era ligado aos carbonários. Nele há alguns parágrafos que advertem sobre “o comunismo que ainda não apareceu, mas aparecerá poderoso e será intrépido e desinteressado como o pensamento [...] se identificará com a ditadura do proletariado”. Curiosamente o termo *comunismo* não era tão usado como depois do surgimento do marxismo-leninismo, que levou à Revolução Russa. De fato, a palavra apareceu pela primeira vez na imprensa em 1827, quando o reformador galês Robert Owen (1771-1858) usou-a para se referir aos socialistas e comunistas. Owen também foi o primeiro a considerar que o valor de uma mercadoria devia ser medido pelo trabalho a ela incorporado, e não pelo valor em dinheiro que lhe era atribuído.

Isso poderia significar que esse poeta que assinou o artigo na revista alemã tinha uma ligação com os Illuminati? Em poucas linhas, o texto apresentava estranhas profecias, já que previa não apenas o advento do comunismo como também a guerra franco-prussiana de 1870 e até a globalização. Entre os termos usados está um em particular que deixou muitos pesquisadores desconfiados: *ditadura do proletariado*, termo que mais tarde se tornou quase uma marca registrada de Lênin e que é utilizado por Heinrich Heine.

Falemos um pouco sobre este último personagem. Heine (1797-1856) foi um importante poeta romântico alemão. Teve grande parte de sua poesia lírica, especialmente a publicada durante sua juventude, musicada por vários dos grandes compositores, dentre eles Robert Schumann, Franz Schubert, Brahms, Richard Wagner e, mais recentemente, Hans Werner Henze e Lord Berners. Desconfia-se que o tal poeta da revista seja ele, mas mais uma vez não há maiores referências sobre o fato.

E por que ele é importante? Trata-se de um nome que consta em qualquer enciclopédia, impressa ou eletrônica, conhecido e estudado por diversas universidades do mundo todo. Ele foi um homem viajado, formado em Direito e que se relacionou com personagens famosos, como o naturalista alemão Humboldt, os escritores franceses Victor Hugo e Honoré de Balzac e o compositor alemão Wagner. Ganhou fama pelo lirismo de sua obra. Essa é a parte conhecida. Passemos agora para a parte oculta ou pouco conhecida.

Heine era sobrinho do banqueiro Salomón Heine, de Hamburgo (o que já servia para ligá-lo ao poeta da revista). Na Universidade de Berlim, seu tio teve oportunidade de se relacionar com os Rothschild de Londres e era amigo íntimo de Karl Marx. Koch relata que foi graças a Heine que Marx conseguiu chegar são e salvo à Inglaterra, quando fugiu da perseguição das polícias prussiana e francesa. E ainda ressalta: “Naquele momento, um maçom britânico, protegido também um dia pela mesma casa Rothschild, ocupava o assento de primeiro-ministro do Reino Unido: Benjamin Disraeli”.

Capítulo 3

Os judeus teriam incitado o nazismo?

Na esteira do entendimento e da ação dos Illuminati, existe um livro que é tido como um dos que mais difamou a raça judaica e que, dizem, contribuiu muito para o surgimento do nazismo alemão: *Os protocolos dos sábios de Sião*. Esse livro foi publicado originalmente em um jornal de São Petersburgo, entre agosto e setembro de 1903, com o título original de *Programa judaico de conquista do mundo* e saiu em capítulos. Dois anos mais tarde, foi publicado em edição completa em um folheto que levou o título absurdo de *A origem de nossos males*. Até hoje há certo mal-estar quando alguém procura por esse livro em um sebo. Aparentemente, ninguém se atreve a publicá-lo, pois invariavelmente traz problemas para a editora que o faz, exatamente quando alguém resolve soltar uma nova edição de *Mein Kampf*, de Hitler.

Não é nem preciso dizer que tal livro provocou um tremendo constrangimento entre as autoridades russas quando editado, mas a população em geral resolveu lê-lo e, como consequência, trechos suspeitos começaram a se disseminar. Eis um deles:

Aqueles que seduzem o povo com ideias políticas e sociais estão sujeitos ao nosso jugo. Suas utopias irrealizáveis estão solapando o prestígio

dos governos nacionais e os pilares dos atuais Estados de direito. [...] Depois de desprestigiar as monarquias, faremos com que sejam eleitos presidentes aqueles que possam nos servir com submissão. Os eleitos devem ter algum ponto obscuro no seu passado para podermos tê-los amordaçados, por temor de ser por nós descoberto, ao mesmo tempo em que, amarrados à posição do poder adquirido, desfrutando de honras e privilégios, sintam-se ansiosos por cooperar para não prendê-los. [...] Quando, decepcionados com seus governantes, os povos começarem a clamar por um governo único que traga paz e concórdia, será o momento de entronizar o nosso soberano.

Com certeza há muita gente que vê nesse trecho insinuações de que os judeus conspiravam para dominar o mundo, assim como aconteceu com Hitler e seus seguidores. O problema maior que os pesquisadores modernos veem nesta obra é que, de fato, poderia haver uma conspiração, mas com marcas próprias dos Illuminati e não dos judeus.

Vale lembrar um detalhe no mínimo curioso: a verdadeira origem do texto não foi provada até hoje. A hipótese mais aceita pelos historiadores é que se trata de um texto forjado em 1897 pela Okhrana, a polícia secreta do czar Nicolau II (1868-1918), o mesmo que terminou executado com sua família pelos bolcheviques. Há ainda historiadores que creem que o texto foi roubado de uma mansão na Rússia, tendo sido posteriormente entregue ao czar e que este, após lê-lo, tivesse comentado que já era “tarde demais”.

O texto, em si, já é motivo de muitas desconfianças. Está no formato de uma ata de reunião que teria sido redigida por uma pessoa em um congresso realizado a portas fechadas, em uma assembleia em Basileia, na Suíça, no ano 1807. Lá, um grupo de sábios judeus e maçons teria se reunido para estruturar um esquema de dominação mundial. Nessa ocasião, foram discutidos planos para se usar uma nação europeia como exemplo para que as demais que se atrevessem a atravessar o caminho dos conspiradores. Entre os objetivos desse suposto grupo estariam (e é aqui que temos as mais elevadas suspeitas), o controle do ouro e das pedras preciosas de cada nação que se envolvesse no plano, a criação de uma moeda amplamente aceita e que estaria sob o controle dos conspiradores, a confusão daqueles que não estivessem participando dos planos com dados econômicos e físicos e, o principal, “pânico tamanho que fosse capaz de fazer com que os países

criassem uma organização supranacional, sob controle sionista, capaz de interferir em países rebeldes”.

Seriam esses ecos dos Illuminati? Para muitos pesquisadores e para um grupo de historiadores de Yale, que já chegaram a publicar estudos sobre o assunto há alguns anos, a resposta é com certeza sim. Essas pesquisas não falam sobre uma dominação judaica, mas sim de um grupo Illuminati disposto a levar seus planos a cabo de maneira completa e irrestrita. Afinal, segundo seus argumentos, os Rothschild, supostos financiadores dos Illuminati, são de origem judaica. Vejamos o que diz Koch:

Já é comumente aceito que *Os Protocolos* não são outra coisa senão uma hábil falsificação da Okhrana, a polícia secreta do czar, destinada a alimentar o tradicional ódio do povo russo aos judeus, e inclusive se indica Piotr Ivanovitch Ratchkovsky, que dirigiu a polícia secreta, como o autor material do texto. Por outro lado, até o advento do nacional socialismo (mais conhecido como nazismo), na Alemanha, a imensa maioria dos judeus não só estava integrada na sociedade alemã, assim como na francesa ou na inglesa, mas também ocupava ali uma alta percentagem de cargos relevantes, o que não ocorria nos países eslavos e especialmente na Rússia e na Polônia, onde os *pogroms* (atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus e outras minorias étnicas da Europa) sempre desfrutaram de grande aceitação popular.

Oficialmente, também se acredita que o texto visava não apenas difamar os judeus, mas também acabar com as sociedades secretas, em cujos rituais e simbolismos havia uma clara influência direta de filosofias sionistas como a Cabala. Porém, é bom lembrarmos que, naqueles dias, ninguém nem mesmo levou essa hipótese em consideração, e consideravam que a obra possuía informações relevantes e até mesmo importantes. Além disso, é importante lembrar que, assim como na maioria dos países europeus, a Rússia também era um palco preparado para que conspirações florescessem. As autoridades estavam preparadas para mover céus e terra para conter qualquer onda de natureza revolucionária que pudesse aparecer. O que, como todos sabem, não adiantou muito...

O livro ganhou fama por toda a Europa, graças a uma crítica elogiosa que o jornalista britânico Wicham Steed fez para o jornal de Londres, o *The*

Times. A data era maio de 1920, e o livro havia ganhado sua primeira edição em inglês. Trechos dessa crítica falavam sobre a existência, havia séculos, de “organizações secretas e políticas dos judeus” encarregadas de projetar “ódio tradicional e eterno” à Cristandade, assim como oferecer um domínio mundial que beirava a tirania.

E esse foi apenas o primeiro passo. O livro correu o mundo e causou impacto por onde passou. Também em 1920, saiu pela primeira vez nos Estados Unidos, e depois foi publicado a partir do ano seguinte na França, Alemanha, Itália e Espanha.

O clima de conspiração espalhou como fogo em palha. Afinal, a Europa ainda não tinha se recuperado das últimas intrigas e revoluções que aconteceram por lá e elevou à enésima potência o medo e o temor de tudo o que fosse, mesmo que remotamente, relacionado aos judeus. Foi também peça-chave para, nas palavras de Koch, “rarefazer o ambiente no território alemão”, facilitando a distribuição das ideias nazistas, que defendiam a necessidade de se lidar com a “ameaça judaica” para se obter o “livre desenvolvimento da Alemanha e da Europa”.

Vejamos o que se sabe historicamente sobre esse “possível documento Illuminati”. As suspeitas sobre a posição da ordem como a verdadeira autora do livro cresceram entre o público, mas como o texto falava diretamente dos judeus, simplesmente esqueceu-se qualquer referência de participação “iluminada” para se concentrar na ameaça à mão. Os pesquisadores afirmam categoricamente que, como Adam Weishaupt pregava que os fins justificavam os meios, seria um indício de que os Illuminati estavam dispostos a sacrificar seus aliados judeus para que estes levassem a culpa por serem conspiradores, o que deixava o caminho livre para que eles se concentrassem em seu trabalho.

Em Londres, numerosas investigações provaram que o livro era nada menos do que um embuste, especialmente uma série de artigos no *The Times* publicados entre 16 e 18 de agosto de 1921. Segundo eles, muito do que pregava o livro havia sido tirado de textos de autoria de Serge (ou Serguei) Nilus, um proprietário russo de terras que se tornou um maníaco religioso depois de perder sua fortuna. Outros analistas da obra afirmam que muito do que lá estava veio de sátiras políticas, principalmente do livro *O diálogo no inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, do escritor e advogado francês Maurice Joly (1829-1878), publicado em 1865.

Há ainda quem creia que a base da história dos *Protocolos* teria sido criada originalmente pelo romancista alemão antissemita, Hermann Goedsche (1815-1878), que teria assinado muito de seu trabalho com o pseudônimo de Sir John Retcliffe. Segundo essa linha de análise, foi Goedsche quem introduziu os judeus como os conspiradores para a conquista do mundo.

Koch e outros autores de trabalhos sobre os Illuminati afirmam que pouco importa quem sejam os verdadeiros autores do texto; para eles, o importante é reconhecer naquelas páginas os planos dos Illuminati. Uma teoria que parece ganhar força atribui a redação do livro à direção dos “iluminados”. Diz Koch:

(Os Illuminati) haviam se limitado a tornar públicos seus planos com total impunidade, garantindo assim que estes chegassem a todos os seus agentes no mundo ocidental, graças ao escândalo gerado por sua difusão literária, e camuflando sua identidade ao introduzir referências de caráter judaico. Dessa forma, também, fariam recair as suspeitas sobre o sionismo político e iriam preparando o terreno para os próximos conflitos mundiais prognosticados nas cartas trocadas por Pike e Mazzini.

Em resumo, os *Protocolos* possuem alguns pontos de destaque nas seguintes áreas:

- Religião: descreve um ataque sistemático contra o cristianismo em todas as suas formas, ao alimentar todo tipo de cismas e igrejas que fossem diferentes, e o desprezo público pela doutrina e hierarquia eclesiásticas.
- Ordem político-econômica: utilização do dinheiro para comprar e corromper a classe política, além de usar a imprensa para manejar e reorientar a opinião pública.
- Moral: ressaltar sempre as condições e vantagens para a organização sobre qualquer consideração de caráter moral e argumentar com mentira, corrupção e traição “sempre que for de utilidade”.

Entre as coisas descritas nos *Protocolos*, estão eventos como as duas guerras mundiais, a implantação do comunismo, a tendência cada vez maior para o estabelecimento de um governo mundial, a supressão progressiva da pena de morte, e o estabelecimento do terrorismo no cotidiano moderno. E vale lembrar que, catorze anos após serem publicados na Rússia, explodiu a revolução naquele país.

Assim, o que deixa a todos intrigados é não saber quem escreveu tal obra ou mesmo se tem ou não algo a ver com os judeus. A pergunta que não quer calar ainda é: por que uma obra tão estranha, sendo ou não uma falsificação, se parece tanto com os planos dos Illuminati, e como alguns dos acontecimentos que ela previu de fato se concretizaram? Teriam sido os Illuminati excelentes profetas que escreveram o texto ou apenas era uma espécie de “relatório de intenção” dos seguidores de Weishaupt?

Até onde se sabe, ainda há quem estude o livro para desvendar seus segredos. Quem sabe o que mais há lá, disfarçado de conspiração judaica?

Capítulo 4

O Santo Graal existe mesmo?

O fascínio pelo Santo Graal não é de hoje. Nos antigos mitos do Graal, aqueles que são ligados ao ciclo da cavalaria e às histórias do Rei Arthur, há constantemente uma referência a uma suposta “família do Graal”, da qual o cavaleiro Percival (Parsifal no original) faria parte. Esse teria sido o ponto de partida para que o trio Baigent, Leigh e Lincoln, de *O Santo Graal e a linhagem sagrada*, afirmasse que a ideia de uma linhagem ligada ao misterioso objeto pudesse existir.

E quem teria iniciado essa linhagem e por que, mesmo nessas histórias antigas, ela é considerada especial? Primeiro precisamos verificar uma coisa: o Graal, apesar de ser associado à imagem de um cálice, não seria bem uma taça. Estudiosos e historiadores afirmam que o formato de taça como a conhecemos teria surgido oficialmente muito tempos depois de Jesus, provavelmente durante a Idade Média, onde tal objeto era mais usado.

Para quem pesquisa o assunto, o verdadeiro Graal, que teria sido usado por Cristo na Ceia ou por José de Arimateia durante a crucificação, teria um formato bem diferente do tradicional cálice. A ideia da existência do Santo Graal foi apresentada em várias narrativas, principalmente medievais, e de várias formas: uma taça, um cálice, um caldeirão de abundância, uma relíquia ligada ao sangue de Cristo, um copo, uma cuia, uma travessa de

prata, um prato, uma pedra do céu (um meteoro?), uma espada, uma lança, um peixe, um livro, o maná, uma cabeça decepada (eco dos Templários?), uma mesa, um arpão, um pombo com uma hóstia no bico, um evangelho secreto, uma luz resplandecente, uma lança branca que sangra, e várias outras coisas.

Para Chrétien de Troyes, um dos primeiros a contar a história da busca pelo Graal no livro *Le Conte Du Graal*, ele é uma travessa que carrega a única hóstia da Eucaristia. Em outra obra, *Queste Del Saint Graal*, ele é o prato onde Jesus comeu o cordeiro da Páscoa, que contém as hóstias. Em *Perlesvaus*, obra de autoria anônima, há pelo menos cinco formas diferentes do objeto.

Há, claro, a versão oficial para o Graal do Vaticano. Ele estaria na Catedral de Valença, na Espanha, porém o título do verdadeiro Graal tem seus concorrentes, em países tão diversos quanto suas formas. Há uma vasilha de madeira encontrada no País de Gales, um cálice de vidro em Gênova, na Itália, e até um vaso que estaria escondido dentro da famosa Coluna do Aprendiz, na Capela de Rosslyn, na Escócia. A famosa Capela, inclusive, é apontada pelo escritor Andrew Sinclair como um testemunho em pedra de possíveis feitos notáveis dos Templários, que teriam estado no Novo Continente (a América) anos antes de Cristóvão Colombo e para lá levado o Santo Graal, para um esconderijo indeterminado. De fato, é possível ver na capela relevos que retratam o milho, planta desconhecida na Europa na época dos Templários.

Uma das versões mais curiosas sobre um candidato a Santo Graal é descrita pela escritora Karen Ralls no livro *Os Templários e o Graal*. Ela conta sobre um cálice de vidro verde encontrado e recolhido na cidade de Cesareia, na Terra Santa, por Guglielmo Embriaci, membro de uma poderosa família genovesa que se destacou nas Cruzadas dos séculos XI e XII. O cálice foi entregue aos cuidados da Catedral de São Lourenço, de onde foi, anos mais tarde, levado para Paris por Napoleão Bonaparte. Contudo, durante um exame científico, o cálice se quebrou em onze pedaços, dos quais dez foram devolvidos para Gênova em 1816. O Louvre, porém, reteve o décimo primeiro.

Na obra do trio de escritores britânicos Baigent, Leigh e Lincoln há provas, como a obra *Percival*, de Wolfram von Eschenbach, que descrevem

o Graal não como um objeto, mas como uma experiência de algum tipo. Dizem eles:

Existem poucas dúvidas de que, em certo nível, o Graal é uma experiência de iniciação que, na terminologia moderna, seria descrita como transformação, ou estado alterado de consciência. Alternativamente, ela pode ser descrita como uma experiência gnóstica, mística, uma iluminação ou união com Deus.

Assim, deixamos de ver o Graal como um objeto e passamos a encará-lo como algo não palpável, algo reservado a apenas alguns iniciados. Seria daí que teria partido a ideia da identificação de Madalena como o Graal?

Bem, a própria palavra suscita especulações. Santo Graal seria Sang Raal, uma corruptela de *sangue real*. No mistério de Rennes-le-Chateau, as imagens dos santos que estão dentro da Igreja de Maria Madalena (São Germano, São Roque, Santo Antônio de Pádua, Santo Antônio Eremita e São Lucas) formam o nome do Graal. Madalena foi muito associada ao Graal, inclusive como sua guardiã, muito antes de elegerem José de Arimateia o guardião oficial. O mito moderno associou o Graal de tal forma à imagem do cálice que se tornou quase impossível dissociá-lo deste.

Entretanto, esse estranho e misterioso objeto que, para muitos estudiosos, não necessariamente existiu, pode possuir um valor simbólico que represente a união mística (e não carnal) de Jesus e Madalena. Mas não há maior polêmica relacionada a Jesus do que a ideia de que Ele pode ter sido pai. O trio de escritores britânicos defende que era comum na época de Jesus que todo rabino fosse casado. Diz a obra: “Existe nos Evangelhos alguma evidência, direta ou indireta, que sugira que Jesus era casado? Não existe, é claro, uma afirmação explícita. Por outro lado, não existe nenhuma afirmação explícita de que ele não era; e isso é mais curioso e mais importante do que possa parecer”.

Notem que a maioria dos argumentos do trio é na base do “não diz que sim, mas também não diz que não”. Ao ler a obra, o leitor deve atentar bem para a pobreza dos argumentos dessa teoria. Mas voltemos ao livro: o texto afirma que Pedro era casado, e que em nenhum ponto dos evangelhos Jesus fala sobre o celibato, ponto bem embasado e que ataca principalmente o voto de celibato feito pelos atuais padres católicos. Para os autores, de acordo

com o costume judaico da época, era obrigatório que um homem fosse casado, e o celibato era “vigorosamente condenado”. E se Jesus não fosse casado, algo que com certeza chamaria a atenção de seus cronistas, isso teria sido de alguma maneira colocado nos evangelhos.

A fonte da polêmica que jogou cristãos tradicionais contra gnósticos começa com o Evangelho de Felipe, onde há um relato sobre a “união do homem e da mulher como símbolo da cura e da paz” e outras passagens que falavam sobre o relacionamento entre Jesus e Madalena, descrita como “a companhia mais íntima de Jesus, e símbolo da Sabedoria Divina”.

Os católicos alegam que o beijo entre mestre e discípula era comum e que não havia nenhuma insinuação de amor carnal num gesto desse tipo, enquanto os gnósticos veem uma relação especial ali retratada.

Em outro texto, chamado de Diálogo do Salvador (parte da coleção dos pergaminhos de Nag Hammadi), Madalena aparece juntamente com Tomé e Mateus para receber ensinamentos especiais. Porém, é ela que é exaltada sobre os demais com as palavras: “ela falou como uma mulher que conhecia o TODO”. É então que aparece a passagem em que Levi, incomodado pela reação irritada de Pedro, responde a ele da seguinte forma: “Pedro, você foi sempre irascível. Se o Salvador a considerou digna, quem é você para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhecia muito bem. Por isso amava-a mais que a nós”.

E Madalena, sem perder tempo, vai até Jesus e se queixa da reação do enciumado Pedro e do constrangimento de receber prioridade. Pedro, aliás, é descrito como aquele que “odiava a espécie feminina”. Jesus encerra a discussão alegando: “Aquele que o Espírito inspirar recebe ordenação divina para falar, seja homem ou mulher”.

Com tanto conhecimento era de se esperar que houvesse algum texto entre os evangelhos apócrifos encontrados que relatasse Madalena operando milagres. Um desses textos, pertencente ao Códice de Berlim, relata um encontro da santa com Pôncio Pilatos logo após ela ter testemunhado a Ressurreição de Cristo. Ela corria para dar a notícia aos discípulos, quando encontrou o procurador romano, para quem relatou o ocorrido. A reação dele não poderia ser outra: duvidou e ordenou que ela provasse. No mesmo instante, passava ao lado deles uma mulher que carregava uma cesta de ovos. Madalena tomou um em suas mãos e ergueu-o perante Pilatos. O ovo assumiu uma cor vermelho vivo. Em memória a esse evento, foi erguida, na Catedral

de Jerusalém, uma porta onde se vê uma estátua de Madalena segurando um ovo colorido.

Outro motivo pelo qual se afirma o suposto casamento de Jesus é o episódio das bodas de Canaã, onde ocorre o milagre da transformação da água em vinho. Se nos lembrarmos bem, em momento algum os nomes dos noivos na cerimônia são citados. Diz o texto que Jesus é “chamado” para a cerimônia, sendo que seu ministério como rabino não havia começado ainda. Maria, sua mãe, está presente e em momento algum sua presença é tida como algo fora do normal. Como o vinho está no final, Maria se volta para os criados da cerimônia e “praticamente ordena” que se cumpram as ordens de Jesus, ou seja, os servos receberiam não só ordens do filho como também da mãe, o que os colocaria numa posição de donos da festa e não de convidados.

Juan Arias, escritor espanhol que publicou o livro *El Último Tabu Del Cristianismo*, tenta apresentar uma verdadeira análise profunda que visa recuperar a verdadeira identidade de Madalena. Para Arias, foi por intermédio dela que os ensinamentos de Jesus obtiveram a maior repercussão. Ela era a verdadeira detentora dos segredos e da sabedoria do Mestre. Mas foram dois homens, Pedro e Paulo, quem venceram essa batalha com seus seguidores. Diz ele em entrevista recente que a figura de Madalena foi “a amiga sentimental de Jesus, a mulher que ele escolheu para companheira”. Como primeira destinatária de seus conhecimentos, provocou ciúmes em Pedro, que não conseguia entender essa estranha relação entre ela e seu mestre, e o principal, por que ela recebia certos ensinamentos que nem ele nem nenhum dos outros apóstolos recebiam. “É Madalena quem primeiro vê Jesus, logo depois que ele ressuscitou”, lembra o escritor.

Todas essas circunstâncias foram trazidas de novo à tona com a descoberta, em 1945, no Egito, de textos apócrifos em velhos pergaminhos. Esses textos, que estão hoje numa biblioteca do Egito, foram considerados tão importantes, que praticamente estão obrigando os estudiosos da Bíblia, e da própria teologia cristã, a realizarem uma releitura dos Evangelhos canônicos, principalmente do quarto, atribuído a João, considerado o mais influenciado por esses e outros textos gnósticos. Assim, para Arias, a corrente de pensamento criada por Madalena seria a principal responsável pelo quarto Evangelho.

Onde estaria Madalena nesse cenário? Para os três autores, Maria e Madalena podem muito bem ser a mesma pessoa. O fato de Madalena ser bem de posses e ter amigos influentes a coloca como uma pessoa rica. No episódio em que uma mulher lava os pés de Jesus com suas lágrimas e coloca bálsamo neles, pode-se considerar, mais uma vez, estar se tratando de Madalena e de nenhuma outra senão ela. Assim, Lázaro seria o discípulo amado, enquanto Madalena, que estaria dentro da casa em luto, esperaria, enquanto sua irmã Marta falaria com Jesus. De volta à cena da crucificação, seria então para Lázaro que Jesus entregaria sua mãe Maria. Um detalhe: misteriosamente, o trio de autores ignora completamente o fato de que Lázaro é morto novamente.

O destino histórico final de Madalena, indo parar no sul da França depois de ter fugido da Palestina após a morte de Jesus, é o ponto principal das especulações de muita gente, inclusive de Pierre Plantard, do Priorado de Sião, e esse assunto, que é um dos maiores mistérios da religião cristã, ganhou impulso após a publicação do livro de Dan Brown, *O Código Da Vinci*, e é até hoje discutido: teria mesmo a suposta companheira de Jesus fugido para outro continente?

A Igreja Ortodoxa mantém uma tradição interessante a respeito de Madalena. Para ela, a personagem, já reconhecida como santa, foi para Éfeso, na Grécia, na companhia de Theotokos (Maria, mãe de Jesus) logo após a Ressurreição, e lá morreu. Depois, teve suas relíquias (ou seja, seus restos mortais) transferidas para a cidade de Constantinopla (atual Istambul, na Turquia) em 886, onde ficaram lá preservados. Para estudiosos como Gregório de Tours, ela teria mesmo ido para Éfeso, sem nenhuma referência posterior para a Gália ou qualquer outra região da França.

Porém, poucos sabem indicar como foi que o culto a Madalena surgiu na região francesa da Provença. Por ser uma santa da Igreja Católica Romana, suas relíquias foram primeiramente veneradas na abadia de Vézelay, na Borgonha. Outro historiador medieval, Jacó (também conhecido como Jacobus) de Voragine nos legou a história oficial do transporte das relíquias de sua sepultura no oratório de São Maximiliano em Aix-em-Provence para a então recém-fundada abadia de Vézelay (chamada de Abadia de Vesoul em certos documentos da época) em 771. Seriam as mesmas que foram levadas para Constantinopla? Não se sabe ao certo. O responsável pelo transporte teria sido o próprio fundador da abadia, identificado como Gerard, duque da

Borgonha. Uma curiosidade: o São Maximiliano dessa lenda seria uma personagem que teria sido unida ao bispo histórico Maximiliano (que realmente existiu) e teria acompanhado Madalena, Marta e Lázaro até a Provença.

Outro culto, registrado em 1279, fala que peregrinos buscavam o corpo da santa, que havia sido encontrado na cidade de Saint-Maxime-la-Sainte-Baume, na Provença, para onde verdadeiras multidões convergiam. A grande quantidade de pessoas fez com que o altar inicialmente erguido para honrar a santa fosse transformado numa enorme Basílica no século XIII, uma das mais belas igrejas góticas do sul da França.

A competição entre os monges beneditinos de Vézelay e os dominicanos de Saint-Maxime gerou uma onda de literaturas (folhetos, em sua maioria) que apoiavam um ou outro lugar como o verdadeiro local de descanso dela. Jacobus de Voragine compilou uma obra, identificada como *Legenda Aurea*, em latim (Lenda Dourada), onde caracterizou Madalena como o emblema da penitência e a protetora dos peregrinos de Jerusalém. Retratou nela sua vida como uma espécie de romance literário, terminando com sua morte no oratório de São Maximiliano. Suas fontes seriam alegadamente os historiadores Heggesipus e Josephus.

A tradição francesa de São Lázaro (Saint Lazare) diz que Maria (já identificada como Madalena), seu irmão Lázaro e Maximiliano, expulsos da Terra Santa, atravessaram o Mediterrâneo em um barco frágil sem leme e foram parar na cidade de Saintes-Maries-de-la-Mer, cidade próxima a Arles. Maria Madalena foi então para Marselha e converteu ao cristianismo toda a Provença. Dizem que ela se retirou para uma caverna em uma colina lá próxima, chamada La Sainte-Baume (a caverna sagrada), onde se entregou a uma vida de penitência por trinta anos. Quando chegou a hora de morrer, teria sido carregada por anjos para Aix, onde foi posta no oratório de São Maximiliano e onde recebeu o sacramento. Seu corpo teria depois sido posto em um oratório construído por São Maximiliano em um local chamado Villa Lata, depois chamado de São Maximiliano.

Não há, entretanto, nenhuma menção anterior a essas histórias, que teriam aparecido apenas em 745, quando, de acordo com registros de Sigisberto, um cronista da época, as relíquias foram removidas para Vézelay por medo de ataque dos sarracenos (muçulmanos). Não há registro de algum retorno

das relíquias e de um caixão associado à Madalena que tenha permanecido naquela região.

Em 1279, quando Carlos II, rei de Nápoles, ergueu um convento dominicano em La Sainte-Baume, o altar foi miraculosamente encontrado intacto, com uma inscrição explanatória que dizia onde as relíquias estavam escondidas.

Em 1600, os achados foram postos em um sarcófago, em uma operação supervisionada pelo papa Clemente VIII. A cabeça de Madalena teria sido colocada em um relicário em separado. As relíquias e imagens a ela associadas foram espalhadas e destruídas quando eclodiu a Revolução Francesa. Somente em 1814 a igreja de La Sainte-Baume, que também havia sido destruída durante aquele período turbulento, foi restaurada e, em 1822, a gruta foi novamente consagrada à santa. A cabeça de Madalena hoje está lá e é o motivo de muitas peregrinações.

Capítulo 5

Os Templários eram maçons?

Muito já foi falado sobre a história dos Templários, que é uma Ordem de Cavaleiros que constitui um dos maiores mistérios ligados à Igreja Católica. Eles são conhecidos por terem supostamente passado muitos anos acampados no Monte do Templo, em Jerusalém, e terem usado os chamados Estábulo de Salomão, onde teriam feito escavações e encontrado algo sob as ruínas. Alguns escritores acreditam que era o Santo Graal; outros, a Arca da Aliança.

Vários escritores já aproveitaram as diversas lendas sobre esses históricos e trágicos personagens para se valer dos contos que dizem que os Templários teriam retirado o tesouro (seja ele o Graal, a Arca da Aliança, ou outro qualquer) quando da queda da cidade de São João de Acre, na Palestina, capital dos cruzados por um século, após a perda de Jerusalém para as mãos dos muçulmanos em 1291.

Disfarçados ou integrados, Templários e Illuminati encontraram entre os maçons solo fértil para sua multiplicação e preservação de seus ideais. A maçonaria tornou-se, com o tempo, uma sociedade que acolheu muitas seitas e filosofias diferentes, algumas delas vindas de outros grupos que, como ela, nasceram e floresceram por conta própria. Porém, com o passar do tempo e com a perseguição imposta por órgãos como a Igreja Católica e os governos

locais, esses grupos tiveram que escolher entre enfrentar tais poderes e arriscar serem extintos, ou se valer da infraestrutura maçônica para se tornar algo mais complexo. Pelo próprio mérito ou por vontade alheia, eles se tornaram parte da maçonaria, com graus próprios ou como grupos a ela ligados.

Dois dos mais conhecidos são os graus Templários e Illuminati, que seriam uma prova de que esses dois grupos passaram a ter uma ligação direta com os maçons, sendo estes últimos seus legítimos herdeiros. Vamos ver a seguir as evidências que tornariam tal hipótese possível.

A destruição causada pelos otomanos do arquivo central dos Templários em 1571, que estava em sua central na ilha de Chipre, teve consequências terríveis. Esta é a principal causa de sabermos tão pouco sobre a Ordem. Não há como prever a quantidade de informações preciosas que foram perdidas. Talvez soubéssemos mais sobre seus integrantes e a natureza de seus trabalhos se eles tivessem sobrevivido. Assim, o assunto não seria tão coroadado de especulações como é hoje.

Uma das inúmeras versões faz justamente a ligação entre os Cavaleiros do Templo e uma das mais famosas e influentes sociedades secretas de todos os tempos: a maçonaria. Livros e filmes já foram feitos sobre o assunto e há quem realmente acredite que grande parte do conhecimento Templário esteja até hoje diluído nas tradições maçônicas.

A primeira coisa que alguém pode perguntar é: “Mas a maçonaria não era composta por pedreiros?”. Seguindo a linha de raciocínio dessas versões, podemos ver uma relação entre ambas as sociedades. Voltemos um pouco no tempo: muitos historiadores acreditam na dispersão dos Templários, quando a perseguição na França foi deflagrada. Um dos lugares mais prováveis para um refúgio seria justamente a Escócia. Lá, apenas dois Templários haviam sido presos, e ambos eram ingleses. Em 1307, o papa havia excomungado o soberano conhecido como Robert, o Bruce, que assassinara, pouco tempo antes, um pretendente ao trono, o que geraria um conflito entre o país e o papa por pelo menos doze anos. Essa situação manteve as pretensões e imposições de Roma fora do caminho.

Assim, os historiadores encontraram várias lendas que ligam o Bruce aos Templários. A mais famosa delas fala que os fugitivos teriam ajudado o rei na Batalha de Bannockburn, que aconteceu em 1314. Em um dos muitos conflitos com a Inglaterra, essa batalha decidiria a questão da soberania

escocesa. Em um determinado momento, diz a lenda, os escoceses teriam recebido reforços em um momento crítico, que teria provocado o pânico nas tropas inglesas.

Outra lenda, citada por Karen Ralls, diz que uma rede de famílias pertencentes à nobreza escocesa teria agido para transmitir uma tradição templária, anos depois da supressão da Ordem. Seja como for, parece haver poucas dúvidas sobre a presença dos cavaleiros nas terras do norte da Grã-Bretanha.

Mas o que isso tudo tem a ver com a maçonaria? O pesquisador português Pedro Silva diz em sua obra *O mistério dos Templários* (Ediouro, 2001) que, embora os cavaleiros estivessem em um território seguro, sempre havia o medo de que pudessem ser descobertos e considerados novamente traidores. Por isso, teriam se valido de seus conhecimentos da arquitetura sagrada, que podem ter sido um dos muitos conhecimentos obtidos na Terra Santa, e assumiram um novo disfarce: o de pedreiros. De fato, há muitas catedrais e construções góticas que apresentam uma variedade de figuras místicas gravadas em suas paredes, cujo significado é desconhecido até hoje e que lembram símbolos usados pelos Templários.

Há uma organização templária moderna que se diz completamente ligada à maçonaria, talvez de maneiras mais diretas do que as demais. The Kight Templars diz, de acordo com Pedro Silva, que todos são membros da maçonaria. Porém, nem todos os maçons são Templários. Esses cavaleiros se dizem uma organização fraternal cristã, fundada no século XI. Atuam hoje, como as demais organizações templárias, com causas beneficentes e captam fundos para a pesquisa científica e médica. Possuem duas divisões: uma fundação dedicada ao estudo de problemas relacionados com a visão humana e outra, iniciada em 1922, que faz empréstimos aos jovens carentes e com dificuldades financeiras.

Sua estrutura está dividida em três grandes segmentos: a The Grand Encampment of Knights Templar define os onze rituais que comandam as atividades da Ordem; a The Grand Commandery of Knights Templar é o órgão que representa os membros nos estados; e a Commandery of Knights Templar controla os assuntos locais. Esta Ordem possui cerca de 260 mil membros divididos em 1.500 unidades nos Estados Unidos, Itália, México e Alemanha, entre outros países. Para poder entrar o candidato deve ser maçom e cristão.

Dentro da tradição conhecida da maçonaria, há um rito chamado Rito de York da Franco-Maçonaria, ou Arco Real, do qual o esquema Templário é parte integrante. Acredita-se que essa tradição tenha sido criada por volta de 1743, e que foi levado para a Inglaterra por volta de 1777. Era composto inicialmente por quatro graus, mas evoluiu para o aspecto moderno de treze. É o mais difundido mundialmente.

Outro rito que teria algo dos Templários é o Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA). Diz uma versão de um estudo, que os Templários partiram em 1307 com dezoito navios carregados com o lendário Tesouro. Uma parte aportou na Escócia e os cavaleiros se associaram com Guardas Escoceses para, juntos, formarem o Rito Escocês. Assim, os maçons seriam os verdadeiros guardiões autorizados de seus segredos arcanos. Para muitos estudiosos da maçonaria, o REAA é, de acordo com Joaquim Gervásio de Figueiredo, em seu *Dicionário de maçonaria* (Pensamento, 1996): “Orientado em forma de magia, enfatizando uma hierarquia social e política, uma ordem divina e um plano cósmico subjacente”. Esse rito teve suas regras oficialmente fixadas em 1786 e constitui-se de 33 graus. É o mais difundido na América Latina.

Há outro, entretanto, que se diz derivado dos Templários. Trata-se do chamado Rito da Grande Loja de Estocolmo, também conhecido sob o nome de Sistema Sueco. Seus seguidores juram que possuem o testamento de Jacques de Molay, que possui em seu texto as provas de que a continuidade do Templo sobreviveu dentro da maçonaria.

É claro que, se nos ativermos unicamente ao campo especulativo, a coisa vai longe. Porém precisamos ver o lado histórico para decidir se há mesmo ligações entre maçons e Templários. Senão, vejamos: *The Holy Craft and Fellowship of Masons*, uma das primeiras ligas de pedreiros livres, só apareceria oficialmente em 1220. Apenas em 1350 o título de *freestone-mason*, depois *free-mason*, ou franco-maçom, surgiu.

Em *História dos Cavaleiros Templários*, Élie de Montagnac conta sobre a mistura de estilos ocorrida na Escócia do ano 1728 e que poderia ser a origem da tradição templária na maçonaria. Nesse ano, um barão escocês, de nome John Mitchell Ramsay, trouxe para Londres um sistema de franco-maçonaria totalmente desconhecido. Suas origens remontariam à época das cruzadas e sua instituição, a Godefroy de Bouillon. O início desse sistema apresentava três graus: escoceses, noviços e cavaleiros Templários.

As iniciações deste último eram acompanhadas de toda a pompa própria às cerimônias da antiga Cavalaria.

Vale lembrar que esse sistema terminou sendo espalhado e adotado depois por quase todo o continente europeu. Foi a principal fonte para a constituição dos chamados altos graus. Na França, foi introduzido em 24 de novembro de 1788, em um capítulo chamado Clermont, alusão ao conde de Clermont que foi grão-mestre em 1743. Foi nessa mesma loja que foram instituídos os maçons Templários.

Há vários trabalhos sobre a franco-maçonaria que são de autoria do Barão de Hund, membro da loja Clermont. Em um deles, o nobre deixa claro que o Regime da Estrita Observância, nome dado ao sistema trazido por Ramsay, é “o único sucessor dos Templários” e que seu objetivo maior é perpetuar a existência da Ordem agora sob a proteção da maçonaria.

O livro *Os Templários*, de Michel Lamy, conta ainda outra versão sobre os atos do barão de Hund. Ele define Ramsay como um “baronete escocês que, no século XVIII, procurava raízes prestigiosas para a franco-maçonaria”. Na mesma ocasião, na reunião de delegados chamada Clermont, foram instituídos os graus de “maçons Templários”. O barão de Hund, que participou dele, parece estar na origem da história do cavaleiro d’Aumont. Essa lenda fez carreira, sobretudo, na Alemanha, onde as sociedades secretas pululavam literalmente.

Munido de uma carta assinada por Charles-Edward Stuart, o barão de Hund fez com que lhe concedessem o título de Grão-Mestre dos Templários, o que não deixou de levantar algumas contestações no mundo maçônico. Paralelamente, sob a influência do lionense Jean-Baptiste Willermoz, a lenda templária levaria à criação de determinados “altos graus” na Maçonaria, como os “cavaleiros benfeitores da Cidade Santa”. Ainda de acordo com Joaquim Gervásio de Figueiredo, o próprio Lamy admite: “É inegável que podem ter existido pontos comuns, mas que não fossem por meio da maçonaria operativa e das associações profissionais. Lembremo-nos daqueles companheiros que entraram na clandestinidade depois da queda da Ordem”.

Figueiredo também diz que todos os envolvidos puderam dar à maçonaria futura uma parte dessas lendas fundadoras e desses rituais que devem tanto à arquitetura.

Capítulo 6

Os cátaros eram mesmo hereges?

Da mesma maneira que se especulou a posse de tesouros (que jamais foram encontrados ou se sabe qualquer registro histórico que comprovasse sua existência) por parte dos Templários, outro grupo, o dos cátaros, também foi tido como guardião e protetor de tesouros, incluindo o Santo Graal. Fontes históricas francesas sugerem (sem nenhuma prova) que o Santo Graal teria passado das mãos dos Templários para a dos cátaros, e que teria sido levado para local desconhecido, quando do cerco de sua fortaleza Montségur, em 1224 (não é preciso ser historiador para ver que as datas deste acontecimento e da queda de Acre não batem, pois uma é antes da outra).

Mas o que sabemos hoje em dia sobre os cátaros? Os arquivos da própria seita se perderam quando do processo da Igreja Católica contra eles, porque foram queimados. O que se sabe, claro, vem dos processos católicos contra eles, registrados pela Inquisição que, historicamente, não eram bem o que se pode chamar de politicamente correta.

Foram estes que os erradicaram da região do sul da França conhecida como Languedoc por meio de uma Cruzada, criada e orientada a mando do papa Inocêncio III. O fascínio de suas doutrinas, entretanto, chegou até os

dias de hoje e gerou movimentos que estão em plena atividade na mesma região da França.

A palavra “cátaro” vem do grego *katarós*, que significa “puro”. Também ficaram conhecidos por albigenses, pois se concentrariam mais na cidade de Albi, tida como um dos grandes centros de influência herética no sul da França. Floresceram no século XII, um período em que, por causa das Cruzadas e do constante fluxo de pessoas entre a Europa e a Terra Santa, os contatos entre Oriente e Ocidente eram tais que muitas ideias e filosofias foram trazidas de terras distantes e ganharam adeptos europeus. Era uma época em que as Cruzadas estavam no auge e os mercadores traziam essas ideias junto com suas mercadorias. Uma delas, que deu origem ao catarismo, era o maniqueísmo.

O maniqueísmo é uma religião de origem persa, que deve seu nome ao lendário Manés (ou Manion Manique, 215-276), da Babilônia, que teria vivido nos primeiros séculos da nossa era, talvez no século III. Mane, que se dizia “filho da luz”, seguia os ensinamentos de Zoroastro e defendia uma reforma religiosa que procurasse a transcendência e a libertação das ilusões da vida terrena e corpórea. Tinha um pensamento dualista, ou seja, para ele o mundo material era ruim, enquanto o espiritual era bom. São dois reinos: o da luz, dominado por Deus (identificado como Ormuzde ou Ahura Mazda) e o das trevas, domínio de Satã (Ahrimã ou Anrô Mainiu). O homem, preso por Satã, luta sem descanso para se libertar das trevas e readquirir a luz. Sua libertação só poderá acontecer mediante uma vida austera, passando por três selos ou mortificações: o selo da boca (jejum), o da mão (abstenção do trabalho) e o do ventre (castidade).

O maniqueísmo teve como um de seus mais famosos discípulos Madek (do século VI), que afirmava que todo o mal do mundo era causado pelo desejo de posse de fortuna e mulheres. Por isso, pregava que esses mesmos itens deveriam ser de posse comum, ou seja, de usufruto de todos.

Essa doutrina estendeu-se da África do Norte até a China e, embora fosse combatida tanto pela Igreja quanto pelos governos dos países onde entrava, prolongou-se até a Idade Média, quando ressurgiu com os cátaros. No século XII as pessoas viam a decadência do clero. A Igreja era uma potência, com seus padres e bispos vivendo no luxo e perdoando pecados em troca de dinheiro. Esse era o clima ideal para o surgimento de uma seita que se enraizou primeiramente no norte da Itália (graças aos intercâmbios

culturais entre Veneza e o mundo bizantino) e, de lá, se espalhou para cidades como Milão, Lombardia e Florença, e depois para outros países como Alemanha (onde apareceu pela primeira vez a palavra “cátaro”, em 1163), Flandres, Inglaterra (onde são chamados de lolardos) e no sul da França. O medo das represálias da Igreja fez com que os cátaros mantivessem seus credos em silêncio.

Porém, a popularização do movimento atraiu tanta gente, que os seguidores passaram a agir abertamente, já que dispunham da proteção de senhores feudais. Não demorou muito para o catarismo e outro movimento ligeiramente semelhante, chamado de valdensianismo (criado em Lyon por Pedro Valdo em 1176), se tornassem as religiões predominantes do Languedoc.

O que os tornava tão perigosos para a Igreja? O principal motivo do conflito foram mesmo suas crenças, que iam de encontro às de Roma. Por exemplo, enquanto os católicos viam a salvação obtida por meio do sofrimento físico de Jesus, para os cátaros a redenção não vinha de Sua morte, mas sim de sua vida. Para estes, o mundo físico era imperfeito, portanto não poderia ser criação de um Deus perfeito.

Rejeitavam toda a visão bíblica da criação, por isso chegavam, por extensão, a rejeitar todo o Antigo Testamento (de acordo com João Ribeiro Júnior, em seu livro *Pequena história das heresias*, eles chegaram a reescrever o Novo Testamento e a elaborar uma mitologia inteira a fim de substituir o Antigo Testamento). Para os cátaros, a humanidade tinha sido moldada pelo demônio. Para um cátaro alcançar a salvação era necessário conhecer o verdadeiro destino e a origem da humanidade, e só poderia obter isso por meio da renúncia do mundo satânico da carne e levando uma vida de abstinência e pobreza.

Assim, para os cátaros, o homem, que foi criado por Deus (o lado bom) é prisioneiro da matéria. Esta, que foi criada por Satã (identificado como Javé), está presa ao mundo. O dualismo, herdado do maniqueísmo, é a luta da carne contra o espírito. Assim, para nos salvar, Jesus (que seria um anjo) teria se revestido de um “corpo aparente” (algo ilusório) para que pudesse transmitir-nos a maneira de obter essa libertação. A salvação, neste caso, seria “a libertação das parcelas de luz perdidas nas trevas do corpo”. Acreditavam na reencarnação: se alguém falhasse nesta vida, teria uma próxima chance de conseguir seu intento. A cruz de Cristo, para eles, era um

símbolo falso, pois não teria havido uma morte real (física), já que Jesus era um ser espiritual. Seu serviço eclesiástico era composto de uma leitura do Evangelho, um breve sermão, uma bênção e a Oração do Senhor. Esse serviço podia ser feito em qualquer lugar. Essa abordagem simples da liturgia teria, segundo alguns estudiosos, antecipado a simplicidade de seitas protestantes de épocas posteriores.

Pouco se sabe sobre como os cátaros se organizavam. O pouco que conseguiu chegar até nós dá uma ideia até certo ponto vaga, mas consistente. Tinham duas classes ou graus. A primeira, que englobava os leigos, era conhecida com o nome de crentes ou auditores. A segunda era composta pelos perfeitos ou eleitos, que enfrentavam um período de prova de dois anos.

Os crentes tinham regras para fazer seu jejum e não podiam comer carne, ovos ou leite. A principal obrigação dessa casta era adorar e alimentar os perfeitos. Os crentes jamais poderiam aspirar ascender à casta dos perfeitos, considerados de alto nível. No leito de morte podiam receber o *consolamentum* (batismo espiritual), que combinava características de batismo, confirmação e ordenação. Caso não morressem, eram colocados em regime de fome.

Os perfeitos tornavam-se membros dessa casta depois do período anterior mencionado, no qual renunciavam a todos os bens terrenos e viviam comunalmente com outros da mesma classe. Evitavam as tentações da carne, isolando-se completamente do convívio com o sexo oposto, além de fazer votos para nunca dormirem nus. Eram completamente contra a união sexual, pois perpetuava a vida e aprisionava mais um espírito no mundo espúrio material.

Praticavam o jejum absoluto três vezes por ano, condenavam o serviço militar e tinham o suicídio como ideal de santidade, sendo sua forma mais perfeita a endura, na qual passavam fome até morrer.

Uma pessoa podia ingressar na igreja cátara por meio de dois ritos de iniciação. O primeiro era a *conveneza* (palavra de origem ocitânia, a língua dos cátaros, que significa “acordo” ou “pacto”), um acordo em que o crente era consolado na hora da morte, mesmo que não estivesse consciente e em condições de recitar o Pai Nosso em voz alta. O segundo era o *consolamentum*, feito de forma espiritual, nunca com água que, como

qualquer coisa material, era maldita. Era necessário passar por esse rito para se tornar um perfeito.

O *consolamentum* acontecia em duas partes: o *servitium*, que era uma confissão geral feita pela assembleia; e o *Pater Noster*, que era uma cerimônia em que o candidato prostrava-se diante do bispo-chefe e rogava para que este o abençoasse e intercedesse junto a Deus por ele enquanto renunciava à Igreja romana e à cruz traçada na cabeça na hora do batismo. Essa cerimônia terminava com a troca de beijos entre os presentes, chamada de paz.

Havia ainda dois outros sacramentos conhecidos: a Penitência e a Quebra do Pão, uma espécie de comunhão, já que não acreditavam na material transubstanciação. Cada igreja cátara tinha um bispo-chefe, que era auxiliado por dois perfeitos, identificados como *filius maior* e *filius minor*, que também recebiam a denominação de bispos. Quando o chefe morria, o cargo era automaticamente passado para o *filius maior*.

Otto Rhan

Existe uma figura histórica que estabelece uma curiosa ligação entre o nazismo e os cátaros: o escritor e pesquisador Otto Rhan. Especialista em época medieval e membro das SS, ele é uma das pessoas mais fascinantes e ao mesmo tempo independentes do movimento nazi, e ainda hoje há muita especulação sobre as pesquisas que conduzia, principalmente por causa das circunstâncias misteriosas que rodeiam sua morte, em 1939. O que se sabe de concreto é que ele tinha um grande fascínio em particular pelas lendas de Parsifal, do Santo Graal, Lohengrin (descrito como filho de Parsifal) e pela saga dos Nibelungos.

Nasceu em 1904, em Michelstadt, no sudoeste da Alemanha. Enquanto frequentava a Universidade de Geissen, naquele país, foi inspirado por seu professor, o barão Von Gall, que era ligado ao movimento herético do catarismo, e passou a se interessar pelo massacre ocorrido em Montsegur. Esse interesse era tão grande, que o pesquisador sempre teria afirmado que o assunto o havia cativado por completo.

Toda a extensão de seu trabalho pode ser encontrada em dois livros que ele escreveu sobre o assunto: *Cruzada contra o Graal* (editado pela Via Occidentalis) e *A corte de Lúcifer na Europa*. Esses livros influenciaram

vários autores modernos, dos quais um deles foi o francês Jean-Michel Angebert, autor de *Hitler e as religiões da suástica* (já editado em Portugal), especialista no estudo da história das religiões e nos problemas das sociedades contemporâneas.

Curiosamente, entretanto, os livros de Rahn nunca foram traduzidos para o inglês. Isso porque Rahn aparece ligado a um tema que intriga as pessoas há séculos: o mito do Santo Graal. Dentro da temática abordada por todo esse livro, essa seria apenas mais uma lenda levada a sério pelos nazistas que, com certeza, se empenharam em buscar o paradeiro de sua verdadeira forma, já que muitos afirmam que nem sempre o Graal seria a taça com o sangue de Cristo coletado. Angebert conta em seu livro:

Em todas as literaturas se menciona um objeto com virtudes extraordinárias que, a partir de certa época, teria desaparecido misteriosamente. A interpretação simbólica do Graal, correntemente admitida, consiste em identificá-lo com a taça onde Jesus se serviu na última ceia e onde José de Arimateia recolheu o sangue do Salvador, proveniente da ferida feita por uma lança do centurião Longinus [...]. Todavia, sem antecipar o tema, notemos que a perda do Graal (vaso sagrado do conhecimento), ou de um símbolo equivalente, pode assimilar-se à perda da Tradição, com tudo o que isso implica de conhecimento espiritual.

Qual seria a importância dessa pesquisa de Rahn? Por que encontrar o Graal era tão importante? E por que ir atrás dessa peça justamente entre as ruínas de um movimento religioso que viu seu ápice na região do Languedoc, no sul da França, entre os séculos XII e XIII?

Rahn era considerado em sua época “um especialista de grande futuro” e que, como pode ser visto em seu livro sobre o assunto, afirmava que o Graal estava mesmo em Montesgur (que equivaleria ao Montsalvat ou Mont du Salut, conforme designações nas lendas do ciclo do Rei Arthur) e que os verdadeiros guardiões dessa peça seriam mesmo os cátaros. Em 1931, ele passou cerca de três meses na região e só voltou para lá em 1937, depois que *Cruzada contra o Graal* foi editado. Uma terceira ida foi organizada, mas nunca aconteceu. Angebert conta que em, 1945, corriam boatos de que Rahn tinha sido decapitado pelos nazis em um campo de concentração. Outra versão, levantada pelo escritor francês Marc Augier de Saint-Loup, é

baseada em informações obtidas junto a autoridades da então República Federal da Alemanha, em Bonn.

Rhan teria se suicidado com uma dose de cianureto “no cimo da montanha Kufstein, por motivos de ordem político-místicos e também por razões íntimas”, provavelmente no mês de março de 1939. O motivo, ninguém pode afirmar com certeza (nem mesmo Saint-Loup se atreveu a tanto), mas há quem especule que as verdadeiras naturezas de suas pesquisas o colocaram em contato com a “verdadeira nobreza humana”, que ia contra os ideais vigentes nazis. Assim, pressionado por essas revelações, havia duas alternativas: ou ele seguia o movimento vigente ou se matava. E ele teria seguido os passos dos cátaros, a quem realmente admirava, e praticado a endura, uma espécie de suicídio místico, praticado por alguns albigenses que eram presos e torturados. Essa morte, de acordo com suas crenças, não era de modo nenhum, condenável, pois “abandonavam a vida por amor do ser”.

Rahn acreditava haver uma ligação direta entre a obra de Von Eschenbach, *Parsifal*, e os cátaros. Estes teriam colocado algumas pistas para a solução desse mistério dentro de uma caverna, mais especificamente na Gruta de Lombrives, no sul dos Pirineus (há até uma foto dele na gruta no livro de Angebert). Essa gruta, conhecida como “Catedral de Lombrives”, foi o local onde, após a queda de Montsegur, um bispo cátaro, um perfeito chamado Amiel Aicard, tomou como sua moradia. Aicard teria recebido ordens para deixar a fortaleza sitiada durante a noite da rendição em 1244, levando consigo o “Tesouro dos Cátaros”. Outro possível local de esconderijo do Graal teria sido o próprio castelo de Montsegur, onde ele também investigou.

Rahn acreditava também ser possível rastrear uma espécie de “descendência tradicional” que ligaria os cátaros aos druidas convertidos ao gnosticismo maniqueísta. Ele via nos restos da cultura encontrados em Montsegur fortes semelhanças com a cultura celta.

Todas essas ideias tornaram-se comuns e aceitas por aqueles que investigaram o passado cátaro e as relações entre estes e os Templários. Para muitos pesquisadores modernos foi Otto Rahn quem se tornou responsável pela complexidade mitológica que associa os cátaros e Montsegur com o Santo Graal e seu mítico castelo.

Para Rhan, os cátaros teriam sido os verdadeiros guardiões do Santo Graal e que, escondidos nos romances medievais sobre o assunto está a essência do catarismo. A Busca pelo Graal seria, então, uma representação simbólica da iniciação cátara e o Graal em si, um símbolo da tradição secreta dos cátaros.

Foi no começo de 1929 que Rhan fez sua primeira aparição na região do Languedoc. Estabeleceu-se na vila de Lavelanet. Passou três meses explorando as ruínas de Montsegur, bem como as grutas ao redor de lá.

Nigel Pennick, por sua vez, afirma que Rahn conhecia a “geografia sagrada” (linhas imaginárias que unem pontos importantes da paisagem do Languedoc) e que, por sua vez, obteve esse conhecimento de seus estudos sobre os Templários e os druidas. Graças a seus muitos encontros com os habitantes locais é que o pesquisador nazi reuniu suas informações sobre os cátaros.

Em 1931, Rahn fez explorações extensivas nas grutas da área sul de Montsegur, principalmente em Ornoloac (cujo registro fotográfico também se encontra no livro de Angebert) e Lombrives. Nessa época, foi descrito pelos habitantes locais como “um eterno adolescente com uma paixão sobre-humana pelo Graal e pela Tradição Hermética”. Nas grutas de Sabarthes, ele encontrou câmaras cujas paredes estavam cobertas de símbolos característicos dos Templários, o que confirmava sua teoria de que os cavaleiros do templo e os cátaros tiveram ligações fortes no passado. Um desses desenhos, que mostrava uma lança, seria uma prova de que a lança que sangrava dos mitos arthurianos também era conhecida pelos que fizeram tais marcas.

Ao retornar para a Alemanha, em setembro de 1932, e publicar *Cruzada contra o Graal*, Rhan tornou públicas suas teorias de que não só os personagens de *Parsifal* eram moldados em pessoas reais, como o próprio personagem-título seria um cátaro de Carcassone, uma das vítimas da Cruzada Albigense. O eremita Trevrizent seria o bispo cátaro Guilhabert de Castres; o rei Anfortas seria Raimundo Rogério de Foix, e Montsegur, Montsalvage. Como esse castelo era protegido pela história por uma fonte, Rahn também identificou a referência com a fonte intermitente de Fontestorbes, localizada a alguns quilômetros do Pog (ou seja, do rochedo) onde fica o último bastião cátaro. Também afirmou que a floresta que ficava

ao redor de Montsaevage era chamada “Briciljan” e que o Bosque de Priscilien (que tem a mesma pronúncia) é próximo a Montsegur.

Mas o que seria o Graal? Para Rahn seriam várias pedras com inscrições rúnicas. Ele afirmava que havia uma esmeralda de 144 faces (ou 144 pedras incrustadas em uma esmeralda) que teria pertencido à Coroa de Lúcifer, que simbolizava seu terceiro olho, e que caiu na terra, precisamente em Montsegur.

Foi pouco depois da publicação de seu livro, que Heinrich Himmler se interessou por Rahn e o convenceu a se unir às SS. Inicialmente membro da Ahnenerbe, Rahn logo teve seus talentos reconhecidos por seus superiores e logo se tornou um membro das SS. Um amigo íntimo, Paul Ladame, sempre insistiu que ele se uniu porque não havia opção. Para ele, Otto era apenas um pesquisador sem nenhuma tendência a ser racista ou mesmo nazi. Assim, quando Himmler ofereceu-lhe um salário e liberdade de conduzir suas próprias pesquisas Rahn aceitou porque, caso contrário, teria sido preso.

Correm rumores de que Rahn teria fundado um círculo neocátaro dentro das SS. Em setembro de 1935 escreveu com grande entusiasmo para seu chefe da Ahnenerbe sobre os lugares visitados em sua busca por tradições ligadas ao Graal na Alemanha e pediu sigilo completo sobre o assunto.

Mesmo com tanta liberdade entre os nazis, Rahn não escapou de ter um fim trágico. Alguns afirmam que ele enfrentou problemas por ser um homossexual de origem judia, mas nenhuma prova disso jamais foi encontrada. Em carta a um amigo, entretanto, ele deixou escapar algumas pistas sobre o que sentia sobre o rumo da Alemanha: “Tenho muita pena de meu país. Há quatorze dias estava em Munique. Dois dias depois, preferi ir para as minhas montanhas. Impossível para um homem tolerante e liberal como eu viver na nação que meu país natal se tornou”.

Capítulo 7

Por que não há mulheres na maçonaria?

Quando o assunto é maçonaria, um dos pontos que sempre geraram polêmica é a participação feminina. Não é de hoje que se sabe que as mulheres têm um acesso restrito à Ordem e que ordens derivadas foram criadas como uma espécie de compensação.

Hoje é conhecida uma variação diferente de maçonaria, chamada de mista, como pode ser visto no site da Ordem Maçônica Mista Internacional Le Droit Humain e da Federação Brasileira O Direito Humano, no endereço <<http://www.droit-humain.org.br/v09.htm>>. A diferença, neste tipo, está em três pontos essenciais: ser uma sociedade mista (de homens e mulheres), ter um caráter internacional e uma continuidade iniciática de 23 graus no total.

Mas o assunto aqui é mesmo as mulheres. Sua participação na maçonaria tradicional é muito pouco conhecida pelos historiadores por diversos fatores, entre eles a destruição de uma grande parte dos documentos que comprovavam tais fatos. Isso aconteceu porque os próprios maçons de lojas exclusivamente masculinas resistiam e ainda resistem à ideia da participação feminina.

A não admissão de mulheres na Maçonaria é uma tradição milenar que vem desde os Maçons Medievais, que deles vem sendo transmitida até nós

através dos manuscritos dos antigos deveres que serviram de base para a elaboração dos regulamentos dos livros das constituições de James Anderson. Não há nenhum preceito especial que proíba as mulheres de participarem da Maçonaria. Talvez a reclamação mais antiga que se conhece contra essa tradição é da Rainha Elizabete quando no início do reinado, ao tomar conhecimento da existência da Maçonaria, soube não poder se afiliar a ela por ser mulher e, assim, não poderia participar de seus segredos. A não admissão de mulheres na Maçonaria é uma tradição de quase mil anos, que não pode ser abolida por ser a Maçonaria uma ordem.

(Ambrósio Peters, Ordem de Curitiba, Paraná, escritor, historiador, filósofo e livre pensador, conforme texto publicado no Portal Maçônico)

Apesar de todas essas resistências, a relação da maçonaria com o sexo feminino sempre foi marcada por separações e reconciliações, o que a caracteriza como conturbada e polêmica. Mas como tudo começou?

Para entender essa relação amor e ódio, é necessário voltarmos um pouco no tempo, mais precisamente para a Idade Média, por volta do fim do século XVI, quando a restrição ao ingresso de mulheres na Ordem tinha empecilhos próprios ao ofício. A sociedade da época era caracterizada por miséria e falta de empregos e os homens, com medo da inclusão da mão de obra feminina, que poderiam se tornar operárias com salários menores, quiseram restringir essas oportunidades.

Historiadores indicam que, em épocas anteriores, a admissão em sociedades secretas era bem ampla, podendo entrar pessoas de ambos os sexos, de qualquer posição social e cultural. O único critério que havia era a de que os candidatos, e candidatas, fossem puros e de conduta nobre.

O autor do *Dicionário de Maçonaria* mais conceituado entre os adeptos desta sociedade secreta, Gervásio de Figueiredo, conta em seu livro:

Se remontarmos a origem da Ordem aos antigos mistérios do Egito, Grécia e Roma, sem esquecer a escola de Pitágoras, fundada em Crotona em 529 a.C., calcada nesses mistérios, e depois difundida pela Grécia, ali encontramos iniciados homens e mulheres, passando todos igualmente pelas mesmas provas e cerimônias. Se, porém, preferirmos encurtar a idade da Maçonaria e situar sua origem nas Corporações Operativas da Idade Média,

então nada descobrimos expresso claramente a favor dessa tese, também nada deparamos contra.

A repressão às mulheres se iniciou por influência de mistérios de origem Judaicos-Mitro-Romanos, podemos citar o culto ao deus Mitra, por exemplo, que era apenas para homens. Algumas instituições na Idade Média vivam na clandestinidade com o objetivo de escapar de perseguições do clero e dos políticos.

Em artigo publicado no site Maçonaria Feminina, a autora Anatoli Olynik Dyn explica:

Em nenhuma escola pesquisada anteriormente, foi encontrado algo que proibisse o ingresso da mulher na ordem; pelo contrário, nos antigos mistérios do período operativo, a mulher desempenhava funções em igualdade com o homem, com a diluição desses mistérios pelas religiões, principalmente a Igreja Católica, as mulheres acabaram sendo discriminadas e inferiorizadas, e o clero feminino limitou-se a prestar serviços aos dirigentes eclesiásticos. Alegavam, nas sociedades antigas que a posição de inferioridade da mulher era devida à sua fragilidade física, sendo que até a esterilidade conjugal era indevidamente associada à mulher, pois não poderia comprometer o macho da espécie perante seus congêneres.

Registros acusam, ainda, a existência de um pequeno livro, chamado *Manuscrito poema régio*, de 1730, do qual uma leitura cuidadosa não revelou nenhum tipo de restrição. Dividido em 794 versos, diz em seu art. 10º, versos 203 e 204: “Que nenhum Mestre suplante o outro, sendo que procedam entre si como irmão e irmã”. Já no item 9º, versos 351 e 352, o texto diz: “Amavelmente servimo-nos a todos, como se fôssemos irmão e irmã”.

Quando os *landmarks* apareceram é que se observou a exclusão oficial das mulheres. E elas não foram as únicas: após a mudança da maçonaria operativa para especulativa, ocorrida em 1717, houve a publicação de uma Constituição, em 1723, imposta pelo presbítero James Anderson, que também proibia a entrada de escravos e deficientes físicos. Para vários pesquisadores do assunto as alterações de Anderson só passaram a ser válidas quando, na época da Reforma Protestante, alegou que os

representantes desse movimento foram os responsáveis pela destruição dos demais documentos existentes. Porém a participação do presbítero, que para muitos não era nem maçom, tirou da mulher um direito que fora originalmente dela por anos.

Apenas em 1730 surgiria um movimento destinado a combater esta injustiça. Sete anos após a publicação da constituição de Anderson, surgiu a Maçonaria de Adoção, na França, que era destinada à mulher. Foi então fundada a Ordem da Fidelidade, que tinha apenas quatro graus. Dois anos depois, uma nova Ordem, chamada Ordem dos Cavaleiros e Heroínas da Âncora, dos Cavaleiros e Ninfas da Rosa, que não aceitavam mulheres como membros, foram os primeiros a usar os sinais de reconhecimento com elas e aceitar sua presença em algumas cerimônias. O caminho começava a ser aberto.

Um passo importante na aceitação da mulher na maçonaria foi dado em 1738, quando foi fundada a Ordem de Moisés na Alemanha, e em 1747, quando surgiu a Ordem dos Lenhadores, que havia tomado suas principais cerimônias de outra Ordem, os Carbonários, da Itália. O lugar de reunião dessas ordens era conhecido como Corte Florestal que, traduzido para os termos usados na maçonaria atual, seria algo como “Pedreiros da Floresta”. Aqui o Mestre era chamado de Pai-Mestre e seus membros tratados por “primos” e “primas”.

A Ordem dos Lenhadores foi muito popular na época e as senhoras da França eram bem acolhidas em seu meio e convivência. Isso gerou a criação de outras, conhecidas como Ordem do Machado e Ordem da Felicidade. Essas novas ordens combatiam fortemente a franco-maçonaria no que tange ao seu exclusivismo.

Em 1774, foi criado o Rito da Adoção pelo Grande Oriente da França, que via essas ordens como potenciais candidatos a prejudicarem sua moral. Para o pesquisador francês Roger Dachez, que descreveu em seu livro *Histoire de la franc-maçonnerie française*, “só Franco-Maçons podem comparecer às reuniões; cada Loja de Adoção estará sob o jugo de uma Loja Maçônica regularmente constituída; o Venerável desta última, ou seu deputado, será o oficial que presidisse acompanhado da presidente da Loja de Adoção” (PUF, Paris, 2003). No ano seguinte, quase como uma resposta, é criada em Paris a Loja Santo Antônio, regida pela Duquesa de Bourbon,

nomeada Grã-Mestra do novo rito. Desta apareceram posteriormente mais duas Lojas, batizadas de “Candura” e “Nove Irmãs”.

Neste mesmo ano, um maçom francês, conhecido como Cavaleiro do Bois Beauchêne (Bosque Beauchêne), teve a ideia de fundar lojas femininas regulares, que seriam filiais das masculinas, levariam o mesmo nome e acolheriam as esposas, primas e parentes dos maçons regulares. Elas teriam quatro graus com um simbolismo adaptado ao universo feminino: Aprendiz, Companheira, Mestra e Mestra Perfeita. Porém, a ideia parece não ter vingado.

Em 1786, aparece a Loja Maçonaria Egípcia, fundada pelo conhecido conde Cagliostro, que havia sido iniciado em 1760, na maçonaria tradicional, pelo conde Saint Germain. A loja de Cagliostro alegava que as mulheres eram admitidas nos antigos mistérios e que não havia razão para excluí-las das ordens da época. Dois anos depois é fundada a Loja Estrela do Oriente, com um rito de adoção de apenas três graus: Aprendiz, Mestra e Perfeita Mestra. Nesse meio tempo, houve a expansão da Ordem de Moisés por quase todo o território alemão, o que fez com que o rei Frederico I se comprometesse a proteger as mulheres.

Mesmo assim, a resistência para liberar a entrada de mulheres continuava de forma irredutível. Assim, as esposas e outras passaram a ouvir rituais atrás das portas para fins de aprendizado, o que lhes possibilitou se iniciarem nos mistérios e fundarem suas próprias lojas. Um exemplo registrado foi o caso da senhora Beaton, da Inglaterra, que se escondeu no forro de madeira de uma loja de Norfolk e registrou para si mesma os segredos maçônicos. Foi então iniciada e guardou segredo até sua morte, em 1802.

Outro exemplo foi o de Madame Xaintrilles, embora não tenha chegado até nós sua época de atuação. Numa festa de adoção que se realizava numa loja, o maçom que era encarregado do exame dos visitantes vislumbrou um jovem oficial em uniforme de cavalaria. Ao lhe requisitar o certificado, recebeu um papel dobrado, que foi encaminhado ao orador da loja. Este, ao abrir, descobriu que era uma patente de ajudante de ordens, publicada pelo Diretório, à época da revolução Francesa. A patente era concedida à esposa do general Xaintrilles. Sua esposa lá estava, vestida como homem e possuidora de uma graduação militar.

O fim das lojas femininas na França aconteceu de maneira brutal. Isso porque, durante a Revolução Francesa, a princesa Lambelle, Grã-Mestra em 1786, que havia sido eleita pelas Lojas Escocesas femininas daquele país, foi massacrada em 1792, na prisão. No período do Consulado, ela pareceu se recuperar brevemente, quando Josephine Beauharmais, a imperatriz de Napoleão Bonaparte, foi encarregada por este de reconstruí-las. Josephine assistiu pessoalmente à iniciação da condessa de Canisy, sua dama de honra, numa assembleia que teve lugar em Estrasburgo, em 1805.

Mas nem assim as coisas pareciam favoráveis para as mulheres. O mesmo Napoleão, que ordenara a reconstrução das lojas, terminou por extingui-las em 1810. Somente oitenta e três anos depois, em 1893, reapareceriam.

Caindo para o lado cômico, há casos registrados por historiadores de mulheres nobres que, proibidas de circularem na maçonaria, teriam lançado mão de recursos contra a Ordem. Foi o caso da arquiduquesa Maria Tereza da Áustria que, em 1764, proibiu a maçonaria de atuar em seus domínios após ser impedida de adentrar os rituais secretos. E esse também teria sido o motivo pelo qual a rainha Elizabeth I teria perseguido os maçons na Inglaterra.

No final do século XIX, Marie Deraisme, feminista, fundou a primeira escola de obediência oficial, que levou o nome de a Grande Loja Simbólica Escocesa Mista O Direito Humano. Sua atuação se espalhou por países como Suécia, Inglaterra, Holanda, Itália e Argentina. No Brasil, chegou em 1919.

A fundadora da Sociedade Teosófica, Helena P. Blavatsky, falou um pouco sobre a maçonaria em sua obra, *Ísis revelada*. Diz ela:

A Maçonaria especulativa tem muitas tarefas a executar. Uma delas é a de admitir a mulher como colaboradora do homem nas atuações da vida, segundo o fizeram recentemente Maçons húngaros ao iniciarem a condessa Haiderk. Outra importante tarefa é o reconhecimento prático da fraternidade humana, de modo que a nacionalidade, a cor, crença e posição social não sejam obstáculos ao ingresso na Maçonaria. O negro não há de ser irmão do branco apenas teoricamente, pois Maçons da raça negra não são admitidos nas Lojas norte-americanas. É preciso persuadir a América do Sul a participar dos deveres para com a humanidade. Se a Maçonaria há de ser,

como se pretende, uma escola de ciência e religião progressivas, deve ir na vanguarda e não na retaguarda da civilização.

Já na segunda metade do século XIX, a emancipação feminista é uma realidade e a criação de lojas femininas, especialmente depois de 1871, é fortemente apoiada por maçons. O nome que mais se destaca dessa época é o de Marie Deraisme. Nascida em 1828, em Bourbon. Deraisme era uma excelente escritora, com talento de oradora. Logo foi convidada para fazer conferências no Grande Oriente da França, convite que ia recusar quando leu um artigo de jornal que falava sobre as mulheres das letras, que a levou a mudar de ideia e se engajar na luta pela emancipação da mulher por pelo menos vinte anos.

Ela terminaria por “receber a luz maçônica” em 14 de janeiro de 1892, na loja Les Libres Penseurs, em Pec, na Normandia. Nesse mesmo dia recebeu os graus de companheiro e mestre maçom. O fato, claro, provocou uma reação violenta por parte da Grande Loja da França, que expulsou da organização da Ordem, tanto a loja quanto seu Venerável Mestre, Ogram.

Foi o franco-maçom George Martin, senador da República, o qual lutava há algum tempo pela admissão da mulher na maçonaria, que persuadiu Ogram a fundar, juntamente com Marie, uma organização igualitária, que aceitaria tanto homens quanto mulheres. Os três conseguem seu intento e, em quatro de abril de 1893, nasceu a Grande Loja Simbólica Mista da França, denominada “Le Droit Humain” (O Direito Humano). Marie funda, logo depois, a primeira loja feminista que teve o mesmo nome da mista, mas que atuava seguindo o rito Escocês e só aceitava mulheres.

Embora a briga seja antiga, a maçonaria parece ainda não ter atingido um consenso quando o assunto é a participação das mulheres. As opiniões, ainda hoje, são divididas e, na maioria das vezes, sem nenhuma possibilidade de conciliação. E o mais interessante: mesmo quando perguntados sobre o porquê da não admissão feminina, os maçons escrevem em diversos lugares, como no já mencionado site Portal Maçônico:

Pode até ser justo querermos aplacar as nossas consciências pelo fato de não admitirmos mulheres, mas para o bem da Maçonaria é muito melhor deixar como está. Essa tradição é tão antiga quanto as guildas dos maçons medievais do século IX, quando as mulheres eram socialmente

marginalizadas, uma situação que atravessou a Idade Média e a Idade Moderna, e entrou pela Era Contemporânea até ainda as primeiras décadas do século XX. Isso lembra uma resposta dada pelo Papa João XXIII quando, em visita à América do Norte, recebeu uma comissão de mulheres que lhe foi pedir autorização para exercerem o sacerdócio. Ele disse: “Isto é uma tradição milenar que não pode ser discutida”.

Capítulo 8

Qual o verdadeiro significado dos labirintos?

Não há um símbolo mais utilizado em cartas de conspiração do que o labirinto. O complicado é rastrear a história em busca das origens desse estranho símbolo. De suas possíveis raízes com a epopeia de fundação de Roma, até uma versão similar ao Palácio de Cnossos em pleno Egito, todas tinham algo em comum: variações sobre o mesmo tema. Isso significa que, por mais que pesquisemos, sempre encontraremos um labirinto que apresente alguma coisa diferente do modelo considerado original, o cretense.

Ou será que não?

Se recorrermos ao livro do pesquisador Hermann Kern para tentar responder a isso, veremos que, no começo da obra, quando o alemão fala sobre as teorias que explicariam a origem e a disseminação mundial do símbolo, ele afirma que ambas as questões estão intimamente ligadas. Sabemos de algumas localidades que apresentaram o labirinto em suas culturas, apesar de algumas estarem do outro lado do oceano Atlântico, o que leva a uma pergunta similar à que se faz quando descobrimos semelhanças entre as pirâmides egípcias e as maias: como isso pôde acontecer apesar da distância?

Kern diz que a difusão do conceito do labirinto pode ser facilmente explicada se levarmos alguns fatores em consideração. Se partirmos do pressuposto de que o símbolo teria se originado na longínqua Creta, por exemplo, seu conceito teria sido uma ideia que surgiu simultaneamente em várias civilizações ou foi uma única descoberta que se espalhou pelo globo, por meio da migração de pessoas que levaram o desenho consigo e o ensinaram em outras partes do mundo.

Os etnologistas (que estudam o ramo das ciências humanas que tem por objeto o conhecimento do conjunto dos caracteres de cada etnia, para estabelecer as linhas gerais da estrutura e da evolução das sociedades) levam em consideração as perguntas feitas acima para ponderar sobre esse detalhe. Afinal, se conseguirem perceber a resposta, poderão concluir que a troca de informações entre as antigas civilizações poderia ser maior do que esperávamos, algo quase inconcebível para o homem moderno acostumado aos confortos tecnológicos que os atuais meios de comunicação podem fornecer.

Esses mesmo pontos colocados aqui foram o objeto de estudos de especialistas em etnologia no começo do século passado. O primeiro dos principais nomes foi o do polímata, ou seja, uma pessoa que se destaca em vários campos, particularmente nas artes e ciências ao mesmo tempo, o alemão Adolf Bastian, com sua obra *Elementargedanken* (Ideias elementares). O segundo foi o etnólogo Friedrich Ratzel, cujo livro chamava-se *Migrationstheorie* (Teoria da migração).

As duas obras em questão possuíam pontos de vista que, em uma primeira leitura, pareciam ser opostos, mas que, ao se analisar com mais cuidado, revelavam-se, na verdade, complementares. E lidavam com questões de ordem social e histórica, que podem ser úteis de certa maneira ao se lidar com o assunto “labirinto”. Algumas das perguntas levantadas por esses estudos incluem:

- O labirinto seria uma expressão básica de necessidades psicológicas que existem nos seres humanos de diferentes partes do mundo?
- Estaríamos lidando com um fenômeno cultural sofisticado, que só poderia ser explicado como produto de uma única cultura, que foi disseminada por meio da migração?

Para Kern, considerado a maior autoridade sobre labirintos do mundo, a segunda hipótese, que mexeria com migrações de povos diversos, seria a explicação mais óbvia. Mesmo porque isso coincidiria com os registros antigos em pedra, que para muitos seria um sinal de aviso para outros migrantes. O fato de termos labirintos identificados em localidades tão distantes e díspares no globo terrestre como Europa, Índia, Java, Sumatra e o sudoeste americano poderia confirmar essas suspeitas. Outros relatos de supostos labirintos na África, na área dominada pelos Zulus no nordeste da província de KwaZulu, na província da África do Sul; na Indonésia, em Seram, próximo da Indonésia e no Pacífico Sul, em Maleluka, que já foram considerados como tal, na verdade são relatos falsos, uma vez que não correspondem às características já discutidas neste livro.

Sobre as formas do labirinto, já vimos que as opiniões sobre sua verdadeira natureza variam muito, e nem todos acreditam que se tratava de uma construção. Para desvendar o mistério que circunda esse antigo símbolo, é necessário que nos concentremos em outros aspectos que podem tê-lo originado, e um deles é justamente sua forma. Kern afirma, em seu compêndio sobre o assunto, que o conceito do labirinto se manifesta em três formas principais, cada uma delas com suas próprias tradições:

- O labirinto como motivo literário, geralmente em forma de Dédalo. Nesse ponto temos englobadas todas as formas escritas, dos contos mitológicos aos romances como os do escritor argentino Jorge Luis Borges (que tinha uma obsessão pelo símbolo do labirinto) e a autora inglesa Kate Mossie.
- O labirinto como padrão de movimento. O fato de que o formato pode retratar uma antiga dança tem suas raízes no mito cretense, como já falamos, e é utilizado até hoje por correntes esotéricas ao redor do mundo onde um grupo de “peregrinos” dão as mãos e seguem os meandros tortuosos de um modelo de labirinto cretense impresso em lona.
- O labirinto como uma figura gráfica. A versão predileta de vários pesquisadores, que afirmam que as origens estão em labirintos antigos como os das decorações romanas.

Para Kern, a manifestação original do labirinto foi mesmo um padrão de dança, com movimentos corpóreos primais, uma versão que tem o apoio de maioria de etnólogos e antropólogos. Porém, acrescenta:

É claro que não há evidência conclusiva de tais passos de dança (executados por uma corrente de pessoas). A tradição parece ter morrido na maior parte. A primeira referência literária está no livro XVIII da *Ilíada*; Homero não usa o termo “dança labiríntica”, mas a descreve como tal, e menciona sua similaridade com a dança de superfície “a qual no grande Cnossos Dédalo adaptou do antigo para a linda Ariadne”.

A dança de Teseu em Delos, descrita por Plutarco em sua obra *Teseu*, bem como o já comentado Jogo de Troia, seriam apenas uma parte dessa tradição de caminhos tortuosos, como as danças realizadas na Troia da Idade do Bronze, em igrejas medievais e na região basca do século XX.

Quanto às demais formas, a literária e a gráfica, Kern as apresenta como “reflexões” de sua forma original ou tentativas de gravar os movimentos efêmeros característicos de tal dança. Os padrões seriam as manifestações, o que as tornaria praticamente duas formas simultâneas. Assim, se assumirmos que havia um design original do labirinto e que ele se manifestou inicialmente como uma dança, a questão que permanece seria o quanto inalterado esse conceito permaneceu enquanto as demais versões surgiam. Kern afirmava que todos os pesquisadores deveriam se concentrar na investigação de tal ponto, para que se pudesse dizer ao certo quando ocorreram mudanças para entender as origens das várias formas e até que ponto uma influenciou, ou mesmo fundiu-se com a outra.

Em seu livro *Labirinto – caminho para meditação e cura*, a escritora britânica Herlen Raphael Sands descreve:

Quando vemos a imagem de um labirinto, ficamos instantaneamente fascinados. Seu desenho de curvas e voltas ao redor de um centro lembra a superfície espiralada de um cérebro, o labirinto do ouvido interno, as curvas do intestino delgado. Com efeito, se você observar um labirinto, verá nele um reflexo de seu panorama interno. Do mesmo modo, a história de Teseu e Ariadne, geralmente associada ao labirinto, remete-nos ao fio de Ariadne

desenrolando-se ao longo do labirinto até o centro. Talvez isso excite nosso subconsciente e nos remeta de volta ao útero, onde estávamos ligados ao cordão umbilical que nos trazia a vida.

A autora fala bastante em seu livro da utilização do símbolo como método de cura, mas faz uma análise bem interessante dos elementos que o compõem. Por exemplo, partindo do desenho clássico cretense de sete voltas, ela reforça a ideia de que esse design é encontrado no mundo todo, desenhado na rocha, marcado no chão com pedras, escavado na grama ou decorando artefatos antigos. Ela também diz que, se estudarmos esses desenhos e os locais onde foram encontrados, poderemos começar a compor a história do labirinto em si, sua verdadeira representação e como foi usado com o passar dos anos.

O desenho cretense, segundo ela, desenvolveu-se em três permutações ao longo do tempo: linhas cruzadas no centro, um espaço central aberto e outro espaço central vazio. As linhas cruzadas ao centro podem lembrar, por causa de uma pequena curva que se vê antes mesmo de se chegar ao tão desejado centro, o gancho de uma bengala ou o cajado de um pastor. O primeiro espaço central era usado para colocar uma representação de Teseu e do Minotauro, pois sempre há uma ligação com o mito.

Essa forma clássica, que começa, como já explicamos, com uma cruz central, é encontrada em artefatos que pertencem a culturas diversas. O exemplo mais antigo existente é o já comentado desenho de um labirinto feito na parede de um túmulo na Sardenha. Sua datação indica que se trata de um desenho que teria sido feito entre 2500 e 2000 a.C.. Há sempre a possibilidade de tal desenho ter sido um grafite que foi incluído lá algum tempo depois, mas sua simples presença forçaria uma interpretação de ligação dos símbolos com rituais de vida e morte e movimentos feitos em forma de dança que marcariam uma passagem de volta à Mãe Terra.

A cruz no centro desse tipo de desenho sugere simplesmente uma questão de orientação nos quatro pontos cardeais, presentes em tradições nativas. Numa reserva de índios hopi, no estado norte-americano do Arizona, foram encontrados labirintos datados do século XII em paredes rochosas que são símbolos de emergência ou nascimento e criação. Aparece em duas versões: a Tapu'at, que significa “mãe e filho”, cujo caminho de linhas quadradas sugere tanto a curvatura de um bebê no útero quanto à criança recém-nascida

que se aconchega nos braços amorosos da mãe. Diz Sands que “a linha reta na entrada/saída representa tanto o cordão umbilical quanto a via de nascimento”.

A segunda versão possui um significado diferente: simboliza o Pai Sol com sua versão alongada e arredondada. O Sol, como na maioria dos mitos, é o símbolo do doador da vida e seu caminho simboliza a jornada pela existência. Era usado para marcar os limites concêntricos de territórios reclamados pelos índios.

Agora podemos nos deslocar para outra parte do mundo, mais especificamente para Pilos, na Grécia. No já citado Palácio de Micenas há uma variação do desenho do labirinto redondo, mas com os caminhos moldados em formato quadrado e os cantos que repousam em eixos diagonais que saem do espaço central. É essa a forma que serviu de base nos desenhos romanos.

Esse labirinto é um desenho que está numa tábua de argila datada de 1200 a.C., pouco mais larga do que uma mão humana média, e que era usada para registrar a entrega de cabras. O fato de encontramos a imagem labiríntica do outro lado da tábua sugere que pode se tratar de um jogo popular como o nosso mais conhecido jogo da velha, ou que talvez fosse um esboço que, com a ajuda dos dedos e talvez dos olhos, servisse apenas como uma espécie de distração durante as tarefas do dia.

Em países como Finlândia, Suécia, Alemanha e Dinamarca encontramos evidências de que o Jogo de Troia se espalhou por outras localidades. É por lá que formam encontrados labirintos ao ar livre, conhecidos como Troyaburg, Trojienborg e Trojborg. Os corredores dessas variações são definidos pelo uso de pedras para demarcar seus contornos e são de tamanho suficiente para uma pessoa por vez percorrê-los.

Se formos mais para o sul, nessas mesmas localidades, podemos encontrar dédalos de grama, que eram construídos em campos cuja grama era cortada para formar as paredes. As pessoas percorriam esses desenhos nos caminhos feitos de terra batida ou demarcados na própria grama. Alguns desses dédalos sobreviveram na Grã-Bretanha e mantiveram seus nomes que mostravam relações com Troia, como Cidadela de Troia, Centro de Troia, Muralha de Troia e um dos mais falados, um labirinto de grama galês chamado Cerdroia.

Um dos exemplos mais conhecidos desse tipo de labirinto está localizado na cidade de Visby, pertencente à ilha de Gotland, na Suécia. O arranjo data do século XIII, segundo arqueólogos, e situa-se próximo ao mar. Era percorrido por pescadores em busca de ajuda para enfrentarem o mau tempo, antes de partirem em busca de sua pesca.

Assim, temos mesmo essa estranha associação do labirinto com a mítica cidade de Troia que perdurará por quase todo este capítulo. É importante também lembrar que os pesquisadores conseguiram identificar um detalhe no mínimo inusitado. Esses chamados Labirintos de Troia eram usados como proteção contra muitos “demônios” que causavam mau tempo ou que eram nocivos, além de outros tipos de entidades sobrenaturais. Por vezes, esses desenhos estavam associados à prática de esportes de conquista de donzelas, o que os ligava à outra personagem nebulosa, a famosa Helena de Troia, o pivô da famosa guerra. Assim teria sido pela utilização do símbolo que muitas lendas de cavaleiros corajosos e donzelas em perigo teriam surgido. Mesmo na Idade Média, a imagem do cavaleiro que tinha de enfrentar um perigoso labirinto para chegar ao centro e salvar a donzela foi uma ideia predominante em antigas cantigas de amor.

Mas não foi apenas na Antiguidade que o símbolo teria conhecido a fama. De acordo com os pesquisadores, há pelo menos cinco labirintos datados do início da Idade do Ferro, já que falamos de um período que remonta há pelo menos de 750 a 500 a.C., que estão gravados em paredes de rocha no norte da Itália. Normalmente, esses desenhos retratam o peregrino em seu interior, numa jornada em direção ao centro. Porém estes desenhos citados apresentam elementos diferentes. Conta Sands:

Aqui a linha do desenho marcou na rocha traços do caminho verdadeiro. Do lado de fora das voltas desse labirinto encontram-se um pássaro de pescoço comprido, um objeto quadrado e três seres segurando o que poderiam ser bastões acima da cabeça. As três figuras têm extensões que se assemelham a penas projetando-se de suas costelas.

Com certeza trata-se de uma representação no mínimo inusitada. Mas o que poderia significar? O pássaro pode ser um grou, o pássaro-símbolo da Armênia, conhecido em nossa língua como grou comum (*Grus grus*) e que possui como habitat natural o norte da Europa e a porção ocidental da Ásia.

Por ser uma ave migratória que percorre grandes distâncias e forma bandos em migração que voam numa formação em V, podem muito bem ter sido avistados na Itália. Os tais seres com penas podem ser dançarinos (eis o elemento da dança de novo), que estariam imitando seu canto e sua postura de acasalamento. Com esses elementos é fácil pensar que este labirinto estaria relacionado com alguma espécie de ritual de fertilidade e da vida nova.

E o que isso teria a ver com a lenda cretense? Bem, segundo Sands, há uma dança do grou, também conhecida como Geranos, que está de fato ligada ao mito de Teseu. Diz-se que o herói ateniense e Ariadne a teriam dançado quando chegaram à ilha de Naxos, depois de sua fuga de Creta e da ira de Minos. Inclusive alguns, entre eles Kern, acreditam que a dança do labirinto seria na verdade a dança do grou.

Hoje em dia, existe uma versão grega dessa dança, conhecida popularmente como Dança de Roda. É chamada de Tsakonikos e é executada em linhas sinuosas, com dançarinos que estão em corrente e unem os polegares direitos dos participantes às palmas das mãos dos vizinhos, numa espécie de declaração de sua importância sexual.

Esses desenhos levam à crença de que o próprio mito que retratava a mulher sofreu também importantes alterações. Antes, na história de Troia, temos uma mulher, Helena, que esperava ser salva enquanto era mantida prisioneira na fortaleza inexpugnável de uma grande cidade. No mito cretense, que é representado pela figura feminina de Ariadne, segura o “cordão da vida” para que seu herói encontre o caminho de volta.

Há labirintos espalhados pelo mundo que ultrapassam qualquer tentativa de classificação. É muito fácil poder descrever desenhos em pedras, mas e quando um achado arqueológico apresenta um tipo que ninguém sabe dizer, ao certo, se é um labirinto ou não? Mesmo os pesquisadores mais aplicados não saberiam dizer se tal construção foi ou não influenciada pelo modelo cretense clássico. Nada que se afaste do desenho clássico é, necessariamente, um labirinto.

Vejam um caso desses. Plínio, o Velho, era mesmo uma pessoa notável. Em meio às suas notas sobre história natural sempre achava uma maneira de registrar outros pontos interessantes para seu público. É o caso dos labirintos de Lemnos e de outro, que ficou conhecido como Labirinto Italiano. Isso porque se localizava, segundo o naturalista, na Etrúria, nome

dado a um aglomerado de povos que viveram na região sul da atual Itália, mais especificamente ao sul do rio Arno e ao norte do Tibre. Essa região seria o que hoje conhecemos como a Toscana, com algumas partes pertencentes ao Lácio, região italiana na qual está localizada Roma, e a Úmbria, na Itália central.

Vejamos o que o velho romano tem a nos dizer sobre o assunto:

É apropriado chamar de “italiano”, bem como de “etrusco”, o labirinto construído pelo rei Rorsena da Etrúria para servir de seu túmulo, com um resultado que mesmo a vaidade dos reis estrangeiros é ultrapassada pela da Itália. Mas já que os contadores de história irresponsáveis ultrapassam os limites, devo descrever a construção usando as mesmas palavras de Marco Varro (pesquisador e escritor): “Ele está enterrado próximo à cidade de Clusium, num lugar onde deixou um monumento quadrado construído com blocos de pedra, cada um com 300 pés (91,44 metros) de comprimento por 50 pés (15,24 metros) de altura. Dentro do pedestal quadrado, há um labirinto no qual ninguém pode entrar sem um fio de lã para achar o caminho de volta. Neste pedestal estão cinco pirâmides, quatro nos cantos e uma no centro, cada uma com 75 pés (22,86 metros) na base e 150 pés (45,72 metros) de altura. Eles estreitam de tal maneira, que no topo do grupo há um único disco de bronze numa cúpula de bronze da qual pendem sinos com correntes; quando estes são movidos pela ação do vento, seu som é ouvido a grande distância, como era no caso de Dodona. Nesse disco estão quatro outras pirâmides, com 100 pés (30,48 metros) de altura, e, sobre estas, numa única plataforma, outras cinco”. O peso destas últimas pirâmides foi um detalhe que Varro não acrescentou ao seu relato por uma questão (acreditem se quiser) de vergonha. Mas as histórias etruscas dizem que era igual ao trabalho no nível térreo.

Essa estranha descrição de um suposto labirinto era o texto oficial do túmulo de Lars Prosenas, rei de Clusium, a moderna cidade de Chiusi, uma comuna italiana da região da Toscana, província de Siena, que cercou Roma em 505 a.C., numa tentativa de restaurar Tarquínio, o Soberbo, o último rei de Roma e o terceiro dos reis Tarquínios, ao poder.

Absolutamente nada resta do tal edifício descrito acima. Segundo Kern, desde meados do século XIX achava-se que o local do tal labirinto seria

Poggio Gaiella, uma colina que fica a cerca de cinco quilômetros ao norte de Chiusi. O pesquisador inglês George Dennis, que teve trabalhos publicados no ano 1848, teve fôlego para investigar a existência de vários túmulos naquele lugar. Em seu mapa, que chegou a ser divulgado, as passagens de fato pareciam ser bastante confusas, mas não havia absolutamente nada que identificasse tal lugar como um labirinto na concepção do termo. Portanto, ainda não seria desta vez que um país como a Itália teria um labirinto em tamanho natural como “recordação” de uma era passada, deixando para os desenhos descritos anteriormente de vilas e casas antigas a função de serem os verdadeiros labirintos italianos.

Capítulo 9

As lendas e os tesouros dos piratas seriam verdadeiros?

Não há nada mais ligado a conspirações do que histórias de piratas e de como eles teriam conseguido seus tesouros e os enterrado. De Long John Silver, passando pelo Capitão Gancho ao capitão Jack Sparrow, e pelas figuras históricas de Barba Negra e do desafortunado Capitão Kidd, o pirata passou para a História como um herói que simbolizava o nosso desejo interno de liberdade, custe o que custar.

O que há de comum a todos é o poder que essas histórias exercem sobre o imaginário popular. Assim, a figura do ladrão dos mares e dos homens rudes que o acompanhavam se converte em um personagem estilizado, que é uma mistura de herói e anti-herói, fórmula que se daria bem anos mais tarde em vários personagens do mundo dos quadrinhos.

Mas chega de introdução e vamos às histórias. Todas foram retiradas de várias fontes impressas e eletrônicas, muitas delas inéditas no Brasil.

A primeira, embora não seja bem uma história de piratas, embora já haja versões que diziam ser esta a profissão dos personagens, vale a pena ser citada por se tratar de um tema central do filme da Disney, *Piratas do Caribe: O Baú da Morte*. Começemos, então, por conhecer os detalhes da

história de um navio, cuja simples aparição prenuncia morte e desgraça e se imortalizou na forma de lendas e de ópera: a lenda do *Holandês Voador*. Eis a sinopse do segundo filme de *Piratas do Caribe – O Baú da Morte*:

O pirata capitão Jack tem uma dívida de sangue para com o lendário pirata Davy Jones – uma espécie de monstro marinho, meio-polvo, meio-caranguejo – mestre das profundezas oceânicas e capitão do assombrado navio *Holandês Voador*. Se Jack não conseguir descobrir uma maneira de sair dessa, ele será amaldiçoado com uma vida eterna de servidão. Para sair dessa, ele vai atrás dos amigos Will Turner e Elizabeth Swann, que acabam tendo que adiar seus planos de casamento para ajudá-lo.

Por mais estranho e bizarro que possa ser, trata-se de uma história que vem assombrando os mares por muito tempo. Tanto é que num outro site, Sobrenatural.org, que trata de navios fantasmagóricos, encontramos a seguinte definição para o tema do *Holandês Voador*:

O *Holandês Voador* surge repentinamente nos mares: navio-fantasma, veleiro diabólico, barco maldito, condenado a vagar eternamente entre dois dos três cabos. Do cabo das Tormentas ao cabo Horn, com seu satânico capitão Bernard Fokke ao leme, no meio da tempestade, envolto em relâmpagos, o veleiro fantástico aparece entre duas enormes vagas, prestes a desaparecer entre duas outras. Lenda? Certamente! Mas, mesmo assim, os guarda-costas norte-americanos destruíram 267 navios-fantasma em 1930 e outros aparecem sempre. Trata-se dos destroços de navios naufragados? Sim, mas também de barcos inteiros.

Vamos um pouco além. Esse outro trecho é de um site português que também é fórum, chamado Vigília.com, e narra um encontro supostamente verídico com o navio fantasma mais famoso de todos os tempos:

Na noite de três de agosto de 1942, dois oficiais estavam de serviço na cabine de comando do *HMS Jubilee*. Um deles era Nicholas Monsarrat, que se tornaria em poucos anos um escritor famoso com seu premiadíssimo livro *Mar Cruel*. Às 21 horas, eles viram o *Holandês Voador*, com suas velas enfunadas, no centro de uma tormenta que se abatia sobre o cabo da Boa

Esperança. Existem registros no diário do almirante Karl Doenitz, que os tripulantes de um submarino alemão enxergaram o navio fantasma na mesma região.

Mas o que diz essa lenda? Bem, segundo registros históricos, sua origem data do século XVII e conta capitão Hendrick van der Decken (o sobrenome pode ser traduzido como Do Convés). Diz-se que Hendrick voltava das Índias Orientais quando se viu enfrentando uma terrível tormenta no extremo sul da África, algumas versões falam no ponto exato como sendo o cabo da Boa Esperança. A tripulação estava apavorada com a fúria da tempestade e a perspectiva de naufrágio é iminente. Foi então que o capitão fez uma promessa desesperada: caso ele e a tripulação fossem poupados, ficariam navegando eternamente até o dia do Juízo Final. O que, claro, aconteceu e, então, todos foram condenados a cumprir essa promessa.

Bernard Fokke, citado no trecho anterior, pertence a uma segunda versão da história pouco conhecida. Era um capitão famoso por singrar os mares da Holanda à ilha de Java, e as pessoas diziam que ele estava em aliança com o demônio. Ao enfrentar uma tormenta no mesmo cabo da Boa Esperança, que a tripulação achava ser um sinal de Deus para voltar, ele não só desafiou a Vontade Divina como amaldiçoou qualquer tripulante que caísse fora naquela hora. Como resultado disso, Deus o condenou e à sua tripulação a vagar para sempre pelos mares.

O nome do capitão do *Holandês Voador* possui, ainda, outras versões. Há uma que diz que o nome era van Straaten, e outra que afirma o nome ser Ramhout van Dam. Em todas elas o navio não tem nome, assim o termo “Holandês Voador” se refere ao capitão amaldiçoado e não ao navio.

O curioso é que, desde o surgimento dessa história, muitos navegantes dizem que se defrontaram com o navio condenado em noites de tempestade. A história, em si, não é muito nova, tendo similares em obras clássicas, como na mitologia alemã que conta histórias de figuras heroicas que cruzavam as águas e mais tarde foram postas em terra firme com seus navios ou que tiveram seus corpos enviados ao mar dentro de seus navios, para vagarem para sempre. O mito seria, na verdade, uma história alterada, com a figura do holandês tirada de uma época em que esse povo era dono dos mares.

A lenda encontrou até mesmo alguns escritores dispostos a ajudar na sua propagação, entre eles Sir Walter Scott e Heinrich Heine, que criou sua própria versão para a saga do navio-fantasma, publicada num livro datado de 1834. Nela, o escritor alemão fala que o capitão foi condenado pelo demônio a navegar pelo resto de sua vida. Apenas uma coisa poderia salvá-lo da danação: o amor incondicional de uma mulher. Assim, a cada sete anos, o capitão holandês tem permissão de desembarcar num porto para tentar achar a amada que poderá lhe trazer a Redenção.

Não foi apenas como história que o Holandês Voador sobreviveu. Richard Wagner leu a versão de Heine quando ocupava a posição de diretor musical do Teatro de Riga. No ano 1839, o músico, então com 26 anos, não conseguiu renovar o seu contrato. E mais uma vez a lenda surge: acossado pelos credores, Wagner fugiu da cidade com sua esposa Minna. O casal embarcou no porto de Pillau, no Mar Báltico, e seguiram numa viagem de oito dias para Londres. Ao passarem pela costa da Dinamarca, o navio onde estavam, chamado *Tetis* (nome de uma ninfa grega das águas) foi atingido por fortes tempestades durante vinte e quatro horas. A situação era desesperadora e o comandante foi forçado a buscar abrigo num dos fiordes (estreito longo, rendilhado e de margens escarpadas, do litoral norueguês). Lá ele teria travado contato com dois oficiais que, no dia 3 de agosto de 1942, à noite, estavam de serviço na cabine de comando do *HMS Jubilee* e que juravam terem visto, às 9 da noite, o *Holandês Voador*, com suas velas enfunadas, no centro de uma tormenta que se abatia sobre o cabo da Boa Esperança. Um desses oficiais, curiosamente, era Nicholas Monsarrat, que anos depois se tornaria um escritor famoso, autor do livro *Mar Cruel*.

Há também registros que sobreviveram oriundos do diário de um almirante, Karl Doenitz que dizem que “os tripulantes de um submarino alemão enxergaram o navio fantasma na mesma região”.

O compositor fica impressionado com essas histórias e, juntamente com a observação contínua da paisagem e do eco formado nas gigantescas paredes de granito, criaram na mente detalhes do que seria sua ópera mais famosa. Como o navio onde viajavam ainda necessitava de reparos, o casal Wagner passou alguns dias numa aldeia de pescadores chamada Tromsø.

Alguns dias depois, já em Londres, Wagner planeja uma ida a Paris para se apresentar ao compositor Giacomo Meyerbeer, autor de *Les Huguenotes*. Mas ainda era desconhecido e não conseguia espaço para

divulgar suas obras. Vivia dos empréstimos de amigos e da venda de um livreto de sua autoria sobre Beethoven. Em desespero por sua situação, resolve vender por 500 francos o primeiro esboço em prosa do *Holandês Voador*. O comprador, um tal Pierre Dietsch, desenvolve uma ópera, *Le Vaisseau Fantôme* (O Navio Fantasma), mas obtém resultados medíocres.

Algum tempo depois, em 1841, Wagner volta a trabalhar na concepção do *Der Fliegende Hollander* (o nome original da ópera), que seria regida pela primeira vez em janeiro de 1843, no Hofteather, de Dresden.

Daí por diante, a lenda do capitão Van Der Decken passou a ser usada em vários meios, de livros a filmes, de óperas a histórias em quadrinhos. E o segundo filme da série *Piratas do Caribe* prova que a história ainda atrairá muita plateia. O que isso tem a ver com piratas? Ora, é só dar asas à imaginação. E não se esqueça: piratas podem ser bandidos, mas continuam sendo marinheiros.

O tesouro de Tortuga

Tortuga foi e ainda é ligada intimamente ao cenário pirata. Próxima da região que era conhecida na era de ouro da pirataria como Hispaniola, hoje dividida e ocupada pelos países do Haiti e da República Dominicana, a pequena ilha-refúgio foi palco de uma das várias lendas que assombram o local, a de um tesouro que lá foi depositado.

Durante o verão de 1713, cinco piratas famosos se encontraram por lá para estabelecerem um pacto de não agressão. Como gesto de boa vontade, cada um levou consigo um saco com um tesouro pessoal que deveria ser lá enterrado. Se algum deles fosse morto, seu tesouro deveria ser dividido entre os que ficaram.

Cada um enterrou sua parte num buraco individual e um mapa foi feito, mostrando as localizações. Havia apenas cinco cópias do mapa, uma para cada capitão.

Mas os piratas tinham mesmo vida curta, e apenas dois anos depois desse encontro todos os cinco estavam mortos, sendo que cada um havia sido morto em ação ou levado pelas autoridades e executados.

Havia rumores sobre o tal encontro em Tortuga, mas ninguém sabia do paradeiro do tesouro ou quem teria algum dos mapas. Logo a história foi considerada mito e esquecida.

Um dia, em junho de 1926, um jovem, filho de um marinheiro mercante, achou uma velha carteira de couro na praia, próximo ao local onde vivia na Cornualha (Inglaterra). Ao abri-la, descobriu dois pedaços de pergaminho, um deles com um mapa rudemente desenhado e o outro com algumas instruções.

Ele levou o que descobriu até seu pai, que logo reconheceu o mapa como sendo de Tortuga. Ele conhecia a lenda dos cinco piratas e pensou que esses dois documentos caindo aos pedaços pudessem mesmo dar as direções para encontrar o tesouro. Logo o pai os levou até as autoridades que verificaram a idade e a validade dos documentos, e uma expedição foi montada para encontrar o tesouro.

Quando chegaram a Tortuga, viram que o mapa indicava um caminho composto por cinco pedras que cruzavam um pequeno rio, seco há muito tempo. As pedras ainda estavam no lugar e, ao levantarem cada uma, os homens da expedição encontraram velhos sacos de couro. O desapontamento tomou conta de todos, pois quatro dos sacos mostravam que os piratas haviam trapaceado. Mas o quinto continha dobrões de ouro, que valiam muitos milhares de libras! O rapaz e seu pai foram muito bem recompensados e os dobrões ficaram em exibição num museu local.

A lenda de Bell Rock

Esta é uma história de dois irmãos. Um se tornou religioso e o outro foi para o mar. Um se tornou monge, depois prior, e por fim, abade. O outro, marinheiro, capitão e, por fim, um famoso pirata, pois ele era mau na mesma proporção em que seu irmão era bom.

Embora um tivesse noção da profissão do outro, tinham pouco contato pessoal. O abade rezava frequentemente pelo ladrão do mar que, por sua vez, desprezava a tendência do irmão e lançava mão de toda oportunidade para ridicularizá-lo e constrangê-lo.

Um dia, o abade foi designado para a abadia de Aberbrothock, que ficava a uns 32 quilômetros a nordeste de Dundee. Agora em ruínas, a abadia se localizava no centro de uma pequena cidade da costa, que hoje atende pelo nome de Arbroath.

Por causa da proximidade com o Mar do Norte, o abade se tornou muito preocupado com o número de navios que se chocavam contra uma pequena

ilha cheia de rochas chamada Inchcape. Era perigoso passar por lá, mesmo com a maré baixa. E mesmo quando estava alta, a ilha tornava-se praticamente submersa e invisível. “O que poderia ser feito para proteger os navios e as vidas dos marinheiros que estão em constante risco ao passar pelo trecho?”, pensava.

O abade convocou uma reunião entre os proprietários de navios e os principais cidadãos de Perth e Dundee, muitos dos quais eram afetados diretamente pela perda dos navios e de suas cargas. Depois de muita discussão, foi decidido que um sino grande seria fixado na rocha. Seu soar ao vento alertaria as tripulações dos navios dos perigos à espera.

Doações foram feitas e em três meses tinham fundos suficientes para adquirir um grande sino de bronze em Amsterdã. Trabalhadores foram enviados para o rochedo, a fim de construir uma ponte de sinalização onde o sino seria posto.

Enfim, tudo estava pronto e um pequeno grupo de barcos seguiu para levar o sino até seu local. Os prefeitos das cidades envolvidas estavam presentes, bem como o abade e outros clérigos.

Em um pequeno período de tempo, o sino estava no lugar. Foram cantados hinos e ditas preces para a bênção. Os barcos retornaram a Aberbrothock, onde um banquete os esperava para celebrar o sucesso da missão. Não demorou muito para que os sons do sino fossem ouvidos à distância. O abade agradeceu a Deus e achava que muitos desastres seriam evitados. Logo a ilha do sino passou a ser conhecida como Bell Rock (A Rocha do Sino).

E o pirata, quando entra? Agora mesmo. Enquanto isso acontecia na cidade do abade, distante dali, no clima quente do Mediterrâneo, o irmão mais novo roubava e pilhava navios e cidades ao longo da costa da África do Norte. Recebeu as notícias dos feitos do irmão com desdém: alegava que havia posto mais gente temente a Deus em um mês do que o irmão em toda a sua carreira. Apesar disso, irritava-se com o fato de que o humilde padre recebia mais reconhecimento do que sua própria fama. E, claro, pretendia tomar uma providência quanto a isso.

Seis semanas depois, seu navio pirata, carregado de botim, seguiu para a Escócia, onde havia ricos e inescrupulosos mercadores que pagariam muito pelo ouro, prata e joias obtidas nos saques. Quando o navio se aproximou da faixa de terra que levava a Bell Rock, o sino passou a ser ouvido. Mesmo

com o mar calmo, a brisa gentil era o suficiente para fazer o badalo se mexer. O capitão deu ordens para baixarem um bote e, juntamente com seis marujos, rumou para o local. Uma vez lá, levou menos de dez minutos para desamarar o sino e jogá-lo ao mar, onde afundou silenciosamente.

O capitão contemplou o lugar do sino e disse a si mesmo: “Os próximos visitantes não vão abençoar o abade!”. Sua tripulação entreolhou-se inquieta, consciente do terrível ato do qual tinham participado. Eles retornaram ao navio e zarparam para Dundee, onde o capitão completou suas transações fora da lei.

Dois dias, depois estava pronto para zarpar novamente de volta à costa africana. Dessa vez, o mar estava com uma elevação incrível. O vento se tornou um vendaval e então começou a chover. A tripulação estava nervosa e muito quieta. Embora fossem bucaneiros rudes, também eram supersticiosos. Tinham consciência de que um preço terrível seria pago pela maldade de seu capitão.

Conforme a tempestade aumentou sua força, a visibilidade foi reduzida a quase nada, e o controle do navio se tornou impossível. De repente, com um enorme som de madeira se esmagando, o navio parou de forma abrupta e imediatamente começou a tombar. Eles haviam atingido a Rocha do Sino. Água começou a entrar no navio enquanto seu casco rachava. Os tripulantes gritaram de terror enquanto caíam nas águas.

Em pouco tempo, não restava nada do navio a não ser um solitário sobrevivente. Ele contou a seguinte história: que o capitão desaparecera no mar e que naquele mesmo momento ouviu o soar de um sino, como se o próprio demônio estivesse dando as boas-vindas ao capitão.

O sino nunca foi substituído e só em tempos mais recentes é que um farol foi construído na rocha. Este, chamado, de Farol Inchcape, ou O Farol da Rocha do Sino, como é mais conhecido, tem protegido os marinheiros desde então. Mas, mesmo hoje, os marinheiros contam essa história e dizem que, quando o tempo está muito ruim, pode-se ouvir o som de um sino. E quando se olha para o céu, pode-se distinguir um navio fantasma, com uma única figura solitária no convés, cruzando os céus.

Capitão Daniel e o padre

A seguinte história foi retirada do livro *The Buccaneers*, de autoria de Neil Grant e publicado em 1976, inédito no Brasil.

Os bucaneiros são por natureza uma raça sem lei, nem Deus. A religião não tem muito destaque num navio pirata, embora houvesse ocasiões em que um capitão poderia sentir necessidade de se comunicar com o Criador.

Havia um capitão, Daniel, um francês que achou necessário ir até uma pequena ilha no Caribe para estocar comida e bebida. Encontrou-se com alguns habitantes que o viam de maneira desconfiada e assustada. O capitão garantiu que não lhes faria mal e que pagaria por qualquer coisa que pudessem arranjar. Acontecia que havia um padre na ilha, e ocorreu a Daniel que um pouco de instrução religiosa pudesse fazer bem à sua tripulação. O capitão convidou-o para que rezasse uma missa a bordo, enquanto as provisões eram obtidas.

O clérigo, com medo, começou o serviço e fez o melhor que pôde, mas era constantemente interrompido por observações vulgares por parte de um membro da tripulação que estava bêbado. O capitão gritou com o homem de igual para igual e mandou-o calar a boca. O pobre padre, a essa altura nervoso demais para continuar, tentou de novo, mas mais uma vez foi interrompido pelo mesmo pirata boca-suja.

O capitão sacudiu a cabeça em desespero, sacou a pistola e atirou na cabeça do pirata. O padre quase desmaiou, mas foi prevenido pelo capitão que tudo ficaria bem. “Não se preocupe, padre”, disse o capitão. “O cara era um vagabundo que não sabia se comportar. Eu o castiguei para ensinar-lhe boas maneiras.”

A vingança de Emmy Tot

O mundo da pirataria era essencialmente um universo masculino. Poucas eram as mulheres aceitas a bordo, apesar de suas exceções. Além das histórias já relatadas sobre Ann Bonney e Mary Read, há outra que fala de uma jovem que foi levada para o mar contra sua vontade e de como ela lidou com a situação. Seu nome era Emmy Tot.

Ela não era pirata, nem se tornou uma, mas teve um jeito “especial” para lidar com os ladrões do mar. Emmy nasceu na aristocracia escocesa. Chamava-se na verdade Emmaline Tottington e aos 19 anos foi designada como empregada na casa da condessa de Eglinton, no distrito de North

Ayrshire, em Cunninghame, numa região onde a cidade de Irvine ocupa posição principal. Lá, em seu centro, há um tributo às conquistas de Emmy. No topo de uma lanterna, sobre a porta de entrada do Eglinton Arms Hotel, está a figura de uma garota, segurando em uma das mãos uma espada que pinga sangue, e em outra uma cabeça cortada.

A história diz que o conde de Eglinton estava dando um banquete em seu castelo. Naqueles dias, Irvine era um porto marinho famoso e havia muitos navios mercantes de vários tamanhos e diferentes países atracados. Um era o Amsterdã, comandado por Jan Van der Goot, um corsário que navegava sob bandeira holandesa. Era costume do conde convidar para seu banquete o comandante de qualquer navio que estivesse atracado na ocasião, e Van der Goot foi incluído.

No momento em que Goot viu Emmy, se apaixonou. Convidou-a para juntar-se a ele no navio, mas ela não se interessava e recusou. O capitão, entretanto, era determinado e à noite retornou com quatro tripulantes, invadiu o quarto dela e a raptou, levando-a para seu navio. Lá ela foi levada para a cabine de Goot e trancada. O navio, claro, zarpou imediatamente. Uma vez no mar, o covarde capitão ficou no convés bebendo com seus homens, enquanto Emmy ponderava sobre seu destino na cabine.

Várias horas depois, e mais bêbado, Goot voltou para a cabine e encontrou sua cativa encolhida num canto, aparentemente adormecida. Totalmente bêbado, ele se atirou com roupa e tudo em sua cama e logo estava roncando. Mas Emmy, de fato, estava bem acordada e esperando sua oportunidade. Esperou pelo menos meia hora até ter certeza de que o capitão estava totalmente adormecido, levantou-se e se aproximou da cama dele. Cuidadosamente retirou a adaga de sua bainha e a encostou no peito dele, furando seu coração. Por um momento, os olhos dele abriram-se surpresos e logo se fecharam. Goot estava morto.

Mas o trabalho de Emmy não havia acabado. Ela retirou a espada do capitão e, com alguns golpes, cortou a cabeça dele. Saiu então da cabine levando o bizarro troféu em uma das mãos e a espada na outra. Subiu então ao convés e, apontando a espada, forçou um pirata a tocar o sino da embarcação. Era quase manhã, e muitos estavam adormecidos e ainda meio bêbados. Mas logo se tornaram sóbrios quando viram a cabeça decepada do capitão nas mãos daquela mulher. Ela exigiu que voltassem a embarcação

para o porto de Irvine e que lá a deixassem. Eles estavam chocados demais para discutir e fizeram o que ela queria.

O conde de Eglinton ficou tão impressionado com o que aconteceu que, como tributo, adicionou a figura da garota com a espada e a cabeça cortada em suas armas, e lá permanece até os dias de hoje.

A maldição do pirata

Tom Sweeney era um pirata. Não um capitão ou mesmo um feroz. Era apenas um marinheiro que preferiu a vida de bucaneiro e que desfrutava a companhia de rufiões bêbados. Teve sua dose de ação com os anos, incluindo a experiência de estar com Henry Morgan no Cerco de Maracaibo, uma das várias aventuras do famoso pirata, tida como um de seus mais notáveis feitos.

Dizem que Sweeney tinha pais ciganos, embora ninguém saiba com certeza. Mesmo ele próprio não sabia exatamente onde tinha nascido. Mas uma coisa que o distinguia do resto dos piratas era um urso que estava com ele havia pelo menos quinze anos. Ele disse que o tinha ganhado num jogo. Mas o fato era que tinha um enorme urso preto o qual levava para toda parte. Diziam até que bebia com os demais piratas. O urso adorava Sweeney e vice-versa; eram inseparáveis. Pelo menos assim foi até o dia em que chegaram a Liverpool, Inglaterra, cidade portuária que, em tempos mais modernos, chegou a abrigar os famosos transatlânticos que partiam do Velho para o Novo Mundo.

O navio estava atracado, e Sweeney, alguns piratas e o urso desembarcaram. Foram até uma taverna, beberam e jogaram cartas com alguns locais. Conforme a tarde avançava, a bebedeira ficou pesada e os temperamentos começaram a esquentar. Uma discussão enfim surgiu entre um dos companheiros de Sweeney e um pescador local. Na luta que se seguiu, o pescador foi esfaqueado.

Embora sem nada a ver com a briga, Sweeney foi reconhecido no dia seguinte pelas pessoas que estiveram na taberna como o líder do grupo. Na verdade ele não era, mas foi imediatamente reconhecido por causa do urso. Acabou sendo trancado numa cela, e o urso foi levado de seu convívio. Os dois nunca mais se viram. O pirata foi solto algum tempo depois, mas isso não o impediu de manifestar sua indignação com a injustiça, e ficou quase

louco com a perda de seu amado companheiro. Dizem que ficou tão bravo com a situação, que lançou uma maldição na cidade de Liverpool, que, segundo alguns, dura até hoje. A chamada Maldição do Urso de Sweeney estabelece que cada criança por lá nascida possuirá uma marca de barra nas costas para lembrar a estada do pirata na cadeia por um crime que não cometeu.

Capítulo 10

Shakespeare era um farsante?

O maior dramaturgo de todos os tempos pode, de fato, nunca ter existido. Essa é a pesquisa que alguns acadêmicos realizam hoje e que pode mudar a história como a conhecemos

A genialidade e o brilhantismo dos roteiros escritos por William Shakespeare (1564-1616) são questões que se arrastam nos meios acadêmicos há anos. Há quem acredite que o nome não seria de uma só pessoa, mas sim a denominação de um grupo de autores que se reunia para criar histórias cativantes para o público da época, nos melhores moldes de uma equipe de roteiristas de novelas televisivas. Outros já acham que a assinatura escondia uma espécie de sociedade secreta de escritores que, temendo aparecer em público, criavam suas histórias e usavam o pseudônimo para esconder sua verdadeira identidade.

Talvez todos estejam certos, bem como errados ao mesmo tempo. A vida “oficial” do escritor é de fato bem confusa e um tanto vaga, mas conhecida pela maioria dos acadêmicos. Façamos uma rápida recapitulação: Shakespeare teria nascido em Stratford-upon-Avon, de onde ficou conhecido mundialmente como o poeta nacional da Inglaterra e como “Bardo do Avon”. De suas obras, restaram 38 peças, 154 sonetos, dois longos poemas narrativos e diversos outros poemas. Muitos de seus textos são

frequentemente revisitados pelo teatro, TV, cinema e literatura, passando por reinterpretações e análises profundas.

De sua vida sabemos que, aos 18 anos, casou-se com Anne Hathaway, que lhe deu três filhos: Susanna e os gêmeos, Hamnet e Judith. Entre 1585 e 1592, começou uma carreira bem-sucedida em Londres como ator, escritor e um dos proprietários da companhia de teatro Lord Chamberlain's Men, mais tarde conhecida como King's Men. Ele teria retornado à sua cidade natal por volta de 1613, e lá morrido três anos depois. Restaram poucos registros de sua vida, o que teria dado origem às especulações sobre como seria sua real aparência física, sexualidade, crenças religiosas e se ele não teria sido ajudado, ou mesmo substituído, por outros autores.

Até o século XVIII, ninguém contestaria a autenticidade das obras. Quando começou a ser questionada, e a questão se arrastou por muito tempo, foi em 1903, pelo romancista Henry James (1843-1916), uma das principais figuras do realismo da literatura do século XIX. Eis a declaração de James na época: “Estou convencido, quase ao ponto da obsessão, de que o bom William é o maior e o mais bem-sucedido farsante que já brincou com a paciência humana”. Outros escritores, políticos e cientistas começaram a manifestar serem a favor dessa polêmica opinião e a confusão estava armada.

Se desconsiderarmos algumas opiniões mais antigas e obscuras, a primeira pessoa que tentou provar a farsa de Shakespeare foi um tal William Henry Smith, que teria afirmado que obras como a famosa peça Hamlet fora na verdade escrita pelo político e filósofo Francis Bacon (1561-1626). Para ele, sua teoria era apoiada por traços paralelos estatísticos entre a peça e os demais escritos de Bacon. Muitas pessoas passaram a concordar com ele: uma senhora Henry Pott afirmou ter descoberto nada menos do que mais de quatro mil semelhanças entre os textos de Bacon e os de Shakespeare. Outros, que consideraram isso como uma espécie de delírio, afirmaram que as tais coincidências se resumiam ao uso de expressões cotidianas comuns como “bom dia” e “amém”, bastante comuns e usadas por todos os escritores da época.

Os que passaram a questionar a autoria das peças shakespearianas passaram a ser chamados de antistratfordianos. O interessante é notar que eles eram um grupo de tamanho considerável e, ao longo dos anos, indicaram cerca de 60 “shakespeares genuínos”. Um deles, além de Bacon (que era

sempre citado), era Edward de Vere, conde de Oxford. Um dos defensores mais frenéticos dessa teoria foi ninguém menos que o pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), que chegou a interpretar psicanaliticamente os dramas de Shakespeare e mudou as datas de suas publicações originais para que correspondessem aos acontecimentos da vida do conde.

Outro candidato apontado foi o também dramaturgo britânico Christopher Marlowe (1564-1593). Ele era o dramaturgo mais popular do período anterior ao de Shakespeare e seus dramas, como *Eduardo II* e *O judeu de Malta*, foram de fato muito bem recebidos por seus contemporâneos. Seu fim, entretanto, foi bem obscuro: morreu durante uma briga numa taverna, na véspera do dia em que seria preso e acusado de ateísmo. Esse foi o panorama pintado pelo jornalista canadense Calvin Hoffmann para suspeitar que a morte de Marlowe foi uma encenação, e que este teria escapado e fugido para o exílio, onde continuou a escrever sob o pseudônimo de Shakespeare. Assim poderia mandar secretamente suas peças para a Inglaterra, onde seriam interpretadas.

Para os antistratfordianos Shakespeare nada mais era do que um testa de ferro para outros indivíduos que, por serem perseguidos por seus ideais políticos, ou serem avessos a terem seu nome divulgado no meio artístico, mudavam os nomes.

Outras evidências são apontadas para “provar” a farsa de Shakespeare. Uma delas deixa claro que apenas uma pessoa bastante viajada e erudita poderia ter bagagem cultural o suficiente para produzir peças tão geniais. Ignoram completamente, porém as provas apresentadas pelos biógrafos do bardo, de que ele teve uma excelente educação e que as janelas que se fazem presentes em sua biografia, causadas pela escassez de instrumentos, são o principal motivo de tanta desconfiança.

Os historiadores acreditam que os poucos documentos preservados que nos permitem reconstruir a linha de tempo da vida de Shakespeare, de fato dão asas à imaginação. Um deles, um testamento de três páginas assinado pelo próprio Shakespeare, não faz qualquer referência às suas peças. Os analistas falam que na época isso seria um procedimento normal, visto que não havia leis de direito autoral como as conhecemos hoje em dia. E mesmo sabendo que a lei poderia proteger sua propriedade intelectual, ele poderia ter preferido ser discreto sobre suas realizações.

O problema todo está no fato de que a existência da controvérsia não é nenhuma surpresa, visto que nenhum dos manuscritos originais sobreviveu, e seus conterrâneos do século XVI tinham uma visão diferente do teatro, que consideravam uma forma de arte inferior à poesia lírica e épica. Considera-se que nenhum dramaturgo faria a apresentação de seus textos, na frente de uma plateia de ricos e educados, assinando-os com seu próprio nome. Isso se aplicaria também ao famoso bardo, embora tivesse conhecido o sucesso em Londres desde cedo.

O que realmente intriga, entretanto, é que as fontes usadas por Shakespeare para suas peças seriam apenas cópias de obras alheias e não adaptações. Segundo os especialistas, quase todos os dramaturgos daquele tempo teriam preferido usar os mesmos protótipos. Dão como exemplo *Romeu e Julieta*, que teria como base um drama do século XV, escrito por Masuccio de Salerno, lavado para a Inglaterra pelo poeta Arthur Brooke, que por sua vez, publicou um poema de três mil versos sobre os amantes de Veneza.

Isso não diminuiria a genialidade do bardo. Os especialistas, aqueles que o defendem contra a teoria da farsa, dizem que seria necessário pelo menos um editor para arrumar os diferentes estilos de textos. Talvez o tempo ainda venha a mostrar que, de fato, sua obra possa ser uma farsa. Ou talvez descubramos que Shakespeare era um gênio literário que sempre foi.

As obras do bardo inglês estão, em uma análise mais profunda, mais para obras de ficção do que para relatos históricos, então é necessário certa cautela para não levar os fatos ao pé da letra. Vamos dar uma olhada em algumas e suas fontes.

Ricardo III, o rival derrotado por Henrique VII, foi difamado à exaustão pelos cronistas Tudor. Ao que se pensa, ele não era como aparece na peça de mesmo nome, deformado e corcunda. Também não é certo que teria matado dois jovens e inocentes príncipes na Torre de Londres e nem se acovardado num campo de batalha.

Em *Conto de Inverno* há cenas que se passam na Boêmia, descrita como “um território deserto à beira-mar”. A verdadeira, hoje é uma região da República Tcheca, sem acesso ao mar.

Em certa passagem de Júlio César, lê-se que, ao fundo, um relógio bate as horas, quando a ação se passa mais de mil anos, mais precisamente em 44 a.C., antes da invenção de tais mecanismos.

Hamlet se baseia num livro do século XIII de Saxo, historiador dinamarquês, que não se esforçou muito para diferenciar ficção de fato. Nem sabemos ao certo se o príncipe do título existiu de fato ou se levou a vida descrita na peça. Shakespeare teria expandido a trama da traição e juntado seus próprios personagens (Rosencrantz e Guildenstern). Estes últimos não poderiam ter estudado em Wittenberg, uma vez que tal universidade só seria fundada no século XVI.

Capítulo 11

Personagens ou pessoas reais?

Figuras muito conhecidas por suas histórias populares podem nunca ter existido na realidade. Nem todos os nomes com os quais estamos familiarizados tiveram sua existência comprovada pelos historiadores. Há muitas delas cujas pistas se tornaram tão elusivas que os jogam em uma linha tênue entre o imaginário e o real, como Drácula, cujo suposto modelo verdadeiro (Vlad, o Empalador) já está sendo colocado em dúvida. Ou Marie Duplessis, a inspiração para o romance *A Dama das Camélias*. Ou o verdadeiro Robinson Crusoé, ou as pessoas que teriam sido os modelos reais para o famoso casal trágico Romeu e Julieta, imortalizado na literatura teatral por William Shakespeare, e até Carlos Magno e as circunstâncias que o levaram a se tornar o soberano registrado pelas crônicas.

Os pesquisadores tentam provar há anos a existência de pelo menos três delas: rei Arthur, Fausto e Guilherme Tell. Teriam esses personagens sido mesmo pessoas reais ou foram fruto da imaginação popular? Essas três figuras chamam mais atenção dos que as demais. Os motivos são os mais variados: o fato de serem de certa forma ligados à lei, de terem suas histórias transformadas em filmes e adaptações diversas ou até mesmo de se tornarem símbolos de diferentes motivos: nacionalismo, lado obscuro da humanidade ou de pureza por vezes corrompida.

O rei Arthur

Começemos pelo famoso soberano da Bretanha. A história conhecida e propagada é a de que se trata de um rei mítico, que teria tirado uma espada de uma pedra ou bigorna e se tornado rei. A partir das orientações que recebeu de Merlin, um mago, ou um feiticeiro em algumas versões, ele traz um período de paz e prosperidade para a Bretanha até ser morto por um filho ilegítimo (Mordred) numa batalha e ser levado para a mítica Avalon, onde aguarda o momento de voltar quando aquele país mais necessitar.

Muito já se foi falado sobre quem realmente seria Arthur. De general romano revoltado a gaulês indignado com o domínio romano, várias hipóteses foram levantadas. Se hoje em dia é possível fazer uma visita à Grã-Bretanha, especialmente à região oeste da ilha, e visitar a Cornualha, onde estão as ruínas do castelo de Tintagel, suposto lugar de nascimento de Arthur, seria verdade que tal indivíduo teria existido?

Supõe-se que o rei tenha vivido entre o final do século V e o princípio do VI. Dá-se por padrão os anos 537 ou 542 para sua batalha com Mordred. O panorama parecia propício para o surgimento do mito: um século antes, os romanos haviam abandonado aos poucos a antiga colônia, que dominavam desde a conquista feita por Júlio César, em 54 a.C.. Os romanos, antes poderosos dominadores, foram incapazes de resistir às invasões dos bárbaros anglos e saxões, vindos do continente europeu, e à pressão exercida também por uma tribo do norte, os Pictos.

Nos anos seguintes, surgiram vários chefes guerreiros que enfrentavam os invasores e lutavam entre si. Não há registros de um reino unificado, nem de um governante que tenha obtido mais poder do que o da região. O cristianismo só aparece para aqueles lados depois da chegada de Santo Agostinho de Cantuária e seus quarenta monges em 597.

Assim, se acreditarmos no monge galês Nennius, havia mesmo um guerreiro com o nome de Arthur, que teria chefiado a resistência aos bárbaros. Em sua obra, *História dos bretões*, escrita por volta do ano 826, ele menciona cerca de doze batalhas em que a vitória foi conduzida pelo que seria o futuro rei. Na última, ele teria matado pessoalmente 960 inimigos, segundo o relato. Depois do monge, cerca de 150 anos após, surge a obra de um autor galês anônimo chamado Anais da Cambria, onde é mencionada a Batalha de Camlann, entre Arthur e Medraut, talvez uma forma antiga para

Mordred, ou talvez este último nome seja uma leitura incorreta daquele último. Seja como for, foram precisos mais 150 anos para que o rei voltasse a ser citado por um historiador, embora de maneira bem passageira, mas num relato enfático o suficiente para chamar a atenção.

Isso aconteceu no relato do monge William de Malmesbury, que fala sobre um guerreiro que se chamava Artur (sem o h). Vale lembrar que, ao se analisarem os textos existentes, vê-se que Arthur sempre é citado como sendo um guerreiro. Ele só vai se tornar um rei pelas mãos desse monge. Diz o texto:

(Artur) sobre o qual os bretões falam entusiasmados, com palavras vazias, mas que, na verdade, merece ser objeto de contos e sonhos fantasiosos, mas da verdadeira história: pois ele foi durante muito tempo o sustentáculo de sua pátria e incitou à luta o ânimo enfraquecido de seus conterrâneos.

Em 1139, um diácono galês, que mais tarde se tornaria o bispo Godofredo de Monmouth, completou sua *História dos reis da Bretanha*, que trazia um relato completo de todos os governantes desde os tempos dos romanos. Ele acrescentou detalhes colhidos da tradição celta local e misturou com detalhes escandinavos e até mesmo retirados da Bíblia. Ele dedicou dois de seus doze volumes a Arthur e é neles que aparece pela primeira vez uma menção a Merlin, bem como a história do rapto de Guinevere e da traição de Mordred. Assim começa literariamente a transformação do mito.

Em 1155, um clérigo anglo-normando chamado Wace traduziu a narrativa de Godofredo para o francês e introduziu elementos de cavalaria. No final do mesmo século, o monge anglo-saxão Lamayon transformou o herói de Godofredo num guerreiro feroz e pai ríspido.

Quem, de fato, modela Arthur na figura mais próxima da que conhecemos hoje foi o poeta francês Chrétien de Troyes, que fez isso entre 1160 e 1180. No começo do século seguinte, aparecem duas narrativas germânicas que ajudam ainda mais na tarefa: o *Parsifal* de Wolfram Von Eschenbach, e o *Tristão* de Gottfried Von Strassburg.

Por fim, o modelo do cavaleirismo não seria o mesmo sem a influência de sir Thomas Mallory que, em pleno século XV, torna Arthur o que hoje

conhecemos. Ele adaptou e reorganizou as versões anteriores numa narrativa mais ou menos coerente, com a introdução dos demais elementos ligados à lenda. *La Mort D'Arthur* é lido e relido por todos os que estudam hoje o mito arthuriano.

No começo do século V, o imperador romano, Honório, cansado dos problemas que tinha com as revoltas da província da Bretanha, retirou as legiões e os quadros administrativos de lá. Tais legiões deviam ser do tipo comitenses, ou seja, móveis, uma vez que sabemos que as tropas junto à muralha de Adriano continuaram a cumprir o seu dever, mesmo sem ter soldados que a guardassem.

A muralha de Adriano localiza-se no norte da Grã-Bretanha, aproximadamente entre a Inglaterra e a Escócia. Foi erguida com o propósito de prevenir as investidas militares das tribos que viviam na Escócia e assinalava o limite ocidental dos domínios do império. Nem por isso se fala menos sobre o mito como se fosse algo histórico. De fato, há até mesmo agências de viagem que chegam a vender pacotes turísticos, que levam as pessoas a lugares mais ou menos datados da época em que o Grande Rei teria vivido.

O lugar mais procurado, com certeza, são as escavações de Camelot. Diz sobre isso o site Templo de Avalon:

Com a história de Arthur tão divulgada e tão persistente, era inevitável que os cientistas acabassem por procurar despistá-la dos adornos literários e chegar à verdade por detrás da lenda. Em 1965, foi constituída a Comissão de Investigação Camelot, e após cinco anos de escavações em Somerset, os arqueólogos da comissão identificaram as ruínas do castelo de Cadbury, perto de Glastonbury, como sendo Camelot. O lugar, no topo de uma colina, fortificado nos tempos pré-romanos, fora escolhido indubitavelmente pela sua posição, que permitia dominar a planície que se estende até o canal de Bristol. O entulho incrustado numa muralha acima do forte original indica que o castelo de Cadbury continuou a ser utilizado durante os séculos de ocupação romana. Mas a descoberta mais excitante para os investigadores da comissão foram objetos de cerâmica que sugeriam que o local fora usado por um chefe bretão por volta de 500 d.C. – depois da retirada dos romanos e antes da conquista saxônica. O seu quartel-general seria uma sala de 18 metros por 9 metros, construída em madeira e, provavelmente, com telhado

de colmo. Se o chefe não foi o heroico Arthur da lenda e da literatura, era pelo menos um bretão que lutou pela preservação da civilização romana contra a investida dos invasores bárbaros. As descobertas da Comissão de Investigação Camelot não foram aceitas pela investigadora americana Norma Lorre Goodrich, que sugeriu que o rei Arthur não governara na Inglaterra, mas mais para o norte, na Escócia. Suas investigações exaustivas apontam para Stirling, a noroeste de Edimburgo, e não para o castelo de Cadbury, como local de Camelot.

Guilherme Tell

Arthur não é o único herói lembrado em um país por seu suposto envolvimento com a liberdade e a sua independência. A história de Guilherme Tell, aquele mesmo que foi obrigado a atirar uma flecha na maçã que se achava na cabeça de seu filho, amarrado em uma árvore, tem muito a ver, na verdade, com o processo de libertação da Suíça.

Popularizado em histórias infantis, muito citado em textos com personagens Disney. Ao lado de Leonardo da Vinci, Tell, ou Thall, como muitos acreditam, acabou no centro de uma polêmica porque teria vivido no começo do século XIV, numa época em que houve uma aliança entre os cantões, que eram governados pelo Sacro Império Romano-Germânico. Para eles, a independência do país não passava de um sonho distante e, por muitas vezes, intangível. Um dia, nosso herói passa por um chapéu que ficava em cima de um poste. Acompanhado pelo filho, que nota tal detalhe, ele não se impressiona e passa pelo artefato sem fazer o cumprimento que faria a qualquer pessoa de carne e osso. Acontece que tal artifício foi estabelecido por ordem de Hermann Gessler, o governador de Viena. O chapéu representava sua autoridade e, em sua ausência, as pessoas deveriam passar e saudar o chapéu como se fosse o dono dele.

A falta de disciplina de Tell é vista por um mercenário chamado Friesshart, que o manda parar e o ameaça de prisão. O filho do herói, Walter, sai para pedir socorro e logo junta um grupo de camponeses indignados com o acontecido. Nesse meio-tempo, Gessler aparece e fica sabendo de tudo. Tell é famoso por sua habilidade com o arco e a flecha, e Walter piora as coisas ao comentar que o pai acerta numa maçã numa árvore a 100 metros. A cena é então preparada, mas a maçã é colocada na cabeça de Walter. Tell

hesita por um instante e pede clemência. Gessler é taxativo: ou ele atira ou ambos, pai e filho, serão executados.

O acusado realiza a proeza, que o tornará célebre, não uma, mas duas vezes. Mesmo assim, o governador não se dá por satisfeito e manda prender o acusado. Quando é levado para a prisão, uma tempestade cai e agita as águas do barco que o leva. Os remadores, com medo dos redemoinhos que se formam, lembram que o prisioneiro é também um timoneiro experiente e pedem ao governador que deixe que os ajude. Tell leva o barco em segurança para a margem e aproveita uma ponta rochosa para escapar. Ele agora é um fugitivo e começa a planejar sua vingança. Faz uma emboscada para Gessler e o mata com uma flecha tão certa quanto as que disparou contra a maçã. Começa assim o movimento pela independência do país.

Tal história se tornou conhecida com a obra *Guilherme Tell*, de Friedrich Von Schiller, que foi representado pela primeira vez em 1804, quinhentos anos depois dos acontecimentos terem supostamente ocorrido. O autor se baseia em narrativas do final do século XV, que, por sua vez, parecem ter vindo de tradições orais ainda anteriores.

A primeira referência ao herói surgiu numa balada de 1477, chamada *Canção da Origem da Confederação*, sendo que quatro de suas estrofes que têm por tema a conquista da independência, e o citam. Porém não há menções ao governador, ao chapéu, à fuga do herói ou à morte do governador, que aparecem pela primeira vez em obras posteriores.

Entre 1467 e 1474, um tabelião anônimo da cidade de Sarnen reúne uma série de contos históricos numa coletânea chamada *O livro branco*, devido à cor de sua capa em pergaminho. Numa delas aparece Gessler, identificado como um *bailiff*, ou seja, uma pessoa subordinada ao xerife, mas com poder de prisão. Tell, então chamado de Thall, já é ligado à rebelião que levou à independência suíça.

Um fato é apontado pela maioria dos historiadores como definitivo: até o final da Idade Média era normal que se achasse que uma prova de sofrimento físico era determinante para provar culpabilidade ou inocência. Porém, o tema do atirador que é obrigado a acertar a maçã na cabeça do filho está na tradição oral de vários países, incluindo Alemanha, Dinamarca e Noruega, entre outros.

A *Gesta Danorum*, uma história dinamarquesa do século XII, é um exemplo de obra semelhante, escrita por um tal Saxo Grammaticus. Lá, um

herói, chamado Toko ou Tiki, gaba-se de sua perícia com o arco e o cruel rei Harad Dente-Azul o submete a tal prova. Assim como Tell, Toko reserva uma segunda flecha para o caso de falhar e poder matar o soberano opressor. Numa rebelião posterior, ele mata o rei numa emboscada na floresta. Assim, muitos acreditam que este possa ser o verdadeiro Tell.

Fausto

Nada eleva mais a imaginação do que pensar que é possível pactuar com o diabo. A fama do clássico de Goethe é objeto de estudo de várias universidades ao redor do mundo, como podemos atestar neste trecho de um texto disposto no site ebooks Brasil:

De nenhum outro livro se tem dito e escrito tanto; é por que este é que foi o verdadeiro padrão que estremou o mundo poético antigo do mundo poético hodierno. Pode-se-lhe já hoje, sem medo de arriscar a profecia, aplicar o que o diabo e os anjos dizem da Margarida no final da primeira parte do poema: – Sentenciada! – Salva! Como quer que seja, o indubitável é que esta Bíblia ou Alcorão, esta como que filosofia mal distinta, esta reforma da religião poética, merece e necessita que se teime ainda (e Deus sabe até quando) em a discutir; que só depois de bem padejado o grão na eira e levado no vento o palhiço, é que se averigua que abastança entrou para a tulha, e com que pão se pode contar, se ainda assim o gorgulho se não meter meeiro com o lavrador. Para que tais apurações (que segundo as mostras têm ainda de tardar) se possam vir a fazer, claro está que a primeira condição é conhecer-se a coisa que tem de ser sentenciada. Daqui a multidão de traduções da tragédia *Fausto* tentadas em todos os países em que há literatura; daqui o acolhimento que mais ou menos a todas elas se concede, e daqui também o continuar-se na própria Alemanha o estudo dum sem conto de dificuldades de que o poema original nasceu inçado e ouriçado para os seus próprios contrerrâneos.

Neste caso não vemos um herói que se mete numa causa importante, mas sim uma pessoa simples, talvez um alquimista, que foi encontrado morto numa estalagem. O nome dele, claro, era Fausto, e teria feito um pacto com um demônio de nome Mefistófeles que, enquanto sua vítima vivia, era

chamado de cunhado. Tal criatura teria partido o pescoço dele porque o pacto que haviam feito cerca de vinte e quatro anos antes teria chegado ao fim e era chegada a hora de levar a alma dele em pagamento.

Acontece que, de fato, houve um crime em circunstâncias semelhantes na vida real em 1540. Os relatos não concordam com essa data, mas todos dizem que o Magister Georgius Sabellius Faustus Junior, como se chamava a vítima, fora famoso por um bom tempo por toda Europa. Se essa fama, devida aos seus feitos e resultados que obtinha com seus experimentos, era merecida ou não, pode-se apenas especular.

Um pastor protestante, Johann Gast, deixou um relato onde dizia que o mágico, não um alquimista, tinha um cavalo e um cão, ambos artistas, e que eram, na verdade, espíritos malignos que trabalhavam para seu dono. Ambos faziam parte do pacto.

Outro autor, anônimo, descreveu Fausto como “uma besta desgraçada, esgoto de muitos diabos”. Além disso, o monge Thrithemius, intelectual respeitado e também interessado na magia, desprezava seu contemporâneo, considerando-o louco e charlatão e afirmava que o acusado deveria ser chicoteado. Há ainda quem concordasse com ele, como um historiador que comparava Fausto com “médicos, desonestos, perversos, inúteis e ignorantes”.

Fausto teria se formado na Universidade de Heidelberg em 1509, e estudado ciências naturais na Polônia. Pouco depois se tornou astrólogo e necromante ambulante. Com o nome de Georg Faust, porém, não foi bem recebido na Universidade de Erfurt por algum motivo que não consta dos registros oficiais. Em 1532, trabalhou como diretor numa escola de rapazes em Nuremberg, mas foi despedido e expulso da cidade por “corromper a mocidade de seus jovens alunos”.

Para muitos, é possível que ele, como muitos dos que admitiam em público que eram praticantes da Alquimia, declarasse estar em busca da Pedra Filosofal. Alguns historiadores especulam que Fausto teria sido, na verdade, um “verdadeiro alquimista”, ou seja, aquele que se esforçava para atingir a perfeição interior e purificar a alma por meio de estudos solitários e fatigantes. De acordo com esta teoria, os muitos intervalos que se conhece em sua biografia, ou tentativa de se fazer uma, seriam períodos de reclusão durante os quais, com o dinheiro que ele obtinha com leituras de destino e outras mancias, ele conseguia estudar em segredo.

A fama de Fausto se espalhou rapidamente a partir de 1587, e se tornou um clássico pelas mãos de Goethe. Mas o Fausto histórico continua sendo um mistério tão grande quanto seu modelo da vida real. Um caso de assassinato não resolvido e ocorrido em circunstâncias misteriosas.

Capítulo 12

As mensagens subliminares são perigosas?

Muita gente já ouviu falar, pelo menos de maneira superficial, sobre as mensagens subliminares: aquelas que estariam contidas em filmes ou peças publicitárias e que teriam o poder de obrigar os espectadores e se comportar de determinado jeito. Para todos os efeitos, elas nunca aparecem por completo e se assemelham a um Teste de Rorschach (ou o popularmente conhecido como *teste de borrão de tinta*), no qual qualquer um pode ver o que quiser a qualquer hora, e todos têm uma interpretação particular do que viram.

Para entender bem essa técnica, é necessário em primeiro lugar definir o que é uma mensagem subliminar. Será que para ser subliminar basta ocultar uma frase-chave em uma imagem, ou em um discurso, para que funcione? Vamos dar uma boa olhada no conceito e veremos até que ponto isso corresponde à verdade ou não. As mensagens subliminares derivam de sistemas básicos que determinam seu grau de percepção e persuasão:

Percepção subliminar: Trata-se da capacidade de captar de forma inconsciente mensagens fracas demais para provocar uma resposta

consciente. Assim, o subconsciente percebe, interpreta e guarda uma quantidade muito maior de dados do que seu lado consciente. São imagens com um tempo de exposição pequeno demais para serem percebidas conscientemente, ou ainda sons baixos demais para serem claramente identificados.

Persuasão subliminar: Capacidade que uma mensagem tem de influenciar o receptor. Aqui, toda mensagem subliminar tem um determinado grau de persuasão, que pode influenciar desde as vontades, de uma forma imediata (como fazer alguém ter vontade de comer ou beber algo), até influenciar a personalidade ou os gostos pessoais de alguém em longo prazo (por exemplo, mudar uma pessoa tímida para extrovertida). Tal grau de persuasão deveria variar de acordo com o tempo de exposição à mensagem, juntamente com a profundidade da personalidade do receptor.

Esses sistemas já foram constatados com vários experimentos que resultaram em fortes evidências. Porém, como a persuasão subliminar não foi comprovada cientificamente, não há nenhum tratado formal que confirme de fato o efeito das mensagens subliminares.

Hoje em dia, considera-se que o conceito moderno de subliminar origina-se com o especialista em marketing norte-americano James McDonald Vicary (1915-1977), o fundador de uma empresa chamada Subliminal Projection Company, que justamente tinha como missão pesquisar esse tipo de técnica. Em uma entrevista coletiva, ele revelou ter patenteado uma “nova técnica de vendas chamada de projeção subliminar”, que consistia em usar um taquitoscópio (um instrumento que permite projetar material escrito sobre uma tela em diversas posições durante períodos de tempo rigorosamente controlados por computador) que projetava imagens com uma velocidade de 1/3.000 de segundo. Assim, as imagens apareciam entre os quadros de um filme por uma fração de segundo. Como eram apresentadas em uma velocidade maior que a processada pela capacidade da vista humana, não eram percebidas de forma consciente. Segundo Vicary, elas atingiam diretamente o subconsciente e assim eram absorvidas de forma quase instantânea. Por essa característica, a projeção subliminar teria um potencial enorme e seu uso em campanhas de publicidade provocaria um visível aumento no efeito das propagandas.

Para comprovar o que afirmava, ele apresentou resultados de um experimento realizado com frases inseridas num filme e mediu as diferenças percentuais nas reações de dois grupos, um presente nas sessões da projeção, outro não, mas ambos expostos ao mesmo filme. Os resultados apontaram o aumento nas vendas de pipoca em 57,7% e de Coca-Cola em 18,1%. Tais relatos foram publicados na revista *Advertising Age* (identificada como v. 37, p. 127, edição de 16 de setembro de 1957).

Retificações

Cinco anos depois, Vicary foi obrigado a se retratar na mesma revista que havia publicado seus resultados. Isso porque ele admitiu que se “sentiu obrigado a forjar parte dos resultados da sua pesquisa”. Explicou que na época sofreu muita pressão dos investidores para apresentar resultados e que, por causa disso, alterou os dados.

Com o passar dos anos houve muitos cientistas que repetiram as experiências de Vicary, sem sucesso. Há muitos trabalhos hoje nessa área, mas a maioria possui falhas em metodologia que não permitem afirmações conclusivas. Mas o efeito psicológico pela repercussão do experimento foi o suficiente para causar muitas teorias conspiratórias que envolveram o assunto. E assim, as mensagens subliminares permaneceram como um tópico a ser discutido até hoje.

Atualmente, o sentido de subliminar tem algo um pouco diferente do seu significado original. Se no começo estava intimamente ligada a sugestões inconscientes, por causa das teorias de conspirações (que invariavelmente colocavam assassinos sendo treinados para matar celebridades como o ex-presidente norte-americano Ronald Reagan ou o músico John Lennon), atualmente o termo é empregado como um sinônimo de subentendido. Pode ser assim considerada toda mensagem não expressa de forma imediata, com seu significado implícito. Segundo alguns especialistas, mensagens subentendidas não ficam abaixo do limiar de percepção, mas podem ser apresentadas de forma bastante sutil, dificultando assim a associação. Em artigo especial sobre o assunto, publicado no site Monte Sião, temos o seguinte trecho que explica o funcionamento dessas mensagens:

Não se pode afirmar com certeza quando ou porque houve essa mudança, mas uma possível explicação é o fato de que a publicidade sempre usou de mensagens subentendidas como ferramenta para a construção de propagandas. Talvez por causa da impressão de existir um “significado oculto”, as duas técnicas tenham sido agrupadas em um único significado. No entanto, existe uma evidente diferença entre ambas. Outro ponto é que até hoje, não existe nenhum estudo científico que comprove qualquer tipo de influência persuasiva de uma mensagem subentendida que vá além de uma persuasão convencional (presente em qualquer propaganda de televisão). Podemos encontrar muitos sites que usam o conceito subliminar com essa definição. Em outros casos, pessoas simplesmente são induzidas a encontrar um significado qualquer onde necessariamente não há nenhum. É um exemplo de pareidolia, também definida como validação subjetiva ou uma forma de autoilusão. Nesse caso, uma pessoa costuma usar de seu conhecimento, vivência e suas opiniões pessoais, imprimindo suas ideias naquilo que ela está analisando, causando uma distorção. O resultado, é que ela cria um novo significado para aquilo que ela está vendo. Outras pessoas, ao entrarem em contato com essa afirmação, fazem uma análise condicionada à opinião anterior - encontrando algumas vezes os mesmos resultados.

Vale também falar um pouco sobre o conceito de controle mental, que foi ligado também às mensagens subliminares. Esse tipo de controle é ligado ao termo lavagem cerebral, cuja origem é rastreada até países como a China. Na época da Guerra da Coreia, entre 1950 e 1953, o Partido Comunista chinês usava o termo para descrever seus métodos de ortodoxia para persuadir membros que não concordavam com a mensagem propagada. Essa frase, lavagem cerebral, foi baseada em outra, lavagem de coração, que era uma exortação encontrada em templos taoistas para que os fiéis se despojassem de seus sentimentos impuros antes de lá entrar.

No Ocidente, o termo apareceu pela primeira vez em setembro de 1950, num artigo assinado por Edward Hunter no Miami Daily News. Logo o termo se tornou popular na Guerra Fria e Hunter, que foi identificado como “um operador de propaganda da CIA”, escreveu livros e artigos especializados sobre o tema.

Entre 1954 e 1956, dois estudos sobre a Guerra da Coreia, de autoria do psicanalista Robert Lifton e do professor do Massachusetts Institute of

Technology (MIT), Edgar Schein, ambos norte-americanos, revelaram que havia um efeito de lavagem cerebral transitória em prisioneiros de guerra. Os dois disseram que os chineses não faziam qualquer tipo de reeducação sistemática dos prisioneiros e que usavam técnicas de persuasão para perturbá-los. Os dois concluíram que a lavagem cerebral era uma mistura de aspectos sociais, psicológicos e físicos e pressões aplicadas a um indivíduo para produzir mudanças em suas crenças, atitudes e comportamentos.

Depois que a Guerra da Coreia chegou ao fim, um grupo de oficiais da inteligência, psiquiatras, psicólogos e soldados das Nações Unidas receberam missões para repatriar os soldados. O governo dos Estados Unidos queria entender o nível de colaboração, a repartição de confiança entre os prisioneiros. Estudos formais em revistas acadêmicas começaram a surgir em meados dos anos 1950 e, em 1961, foram publicados livros sobre o assunto, que sintetizaram esses estudos para os não especialistas preocupados com as questões de segurança nacional.

Capítulo 13

Descobertas arqueológicas seriam fraudes?

O trabalho de um arqueólogo é por vezes bem mais complexo que o de um historiador. Enquanto este último trabalha com muitos documentos que ele sabe serem comprovadamente antigos, o primeiro lança mão de fragmentos, muitas vezes incompletos, para poder “adivinhar” sua verdadeira procedência. Esse trabalho detalhado, infelizmente, leva muitas vezes a conclusões incorretas e os objetos estudados terminam por entrar para a História da maneira errada, como grandes fraudes ou engodos. Muitas vezes, essas fraudes simplesmente são produto de especulações errôneas, que teimam em permanecer como verdades intocáveis até o surgimento de uma nova tecnologia que consiga jogar mais um pouco de luz sobre o assunto.

Se, ao mesmo tempo, temos hoje tecnologias antes impensáveis que ajudam (e muito) no reconhecimento e na datação das peças, paradoxalmente esses mesmos recursos podem provocar erros quase imperdoáveis na hora de reconhecer um artefato. Segundo declaração de Eric H. Cline, professor no Departamento de Literaturas e Línguas Clássicas da Universidade George Washington, em Washington D.C., e diretor associado de escavações em

Megiddo, Israel, em recente entrevista para um site de arqueologia da Inglaterra:

Ao mesmo tempo em que vivemos uma época de fascinantes descobertas arqueológicas no Oriente Médio e que podem contribuir muito para a compreensão do mundo bíblico, vivemos uma época de fraudes generalizadas, pressupostos científicos duvidosos, teorias fantásticas e fanáticas sem nenhum fundamento. É hora de dar o troco. É hora de denunciar. É hora de combater o amadorismo daqueles que se autoproclamam arqueólogos e que montam espetáculos grandiosos para ganhar dinheiro e vender ao público falsos produtos como as “descobertas” da Arca de Noé, da Arca da Aliança, do Jardim do Éden, de Sodoma e Gomorra, do Êxodo, do Sepulcro Esquecido de Jesus, do Ossuário de Tiago, dentre outros. É hora de a arqueologia séria também divulgar, por todos os meios, suas descobertas. O público merece e quer o melhor. E os especialistas têm a obrigação de desafiar e desmistificar as mentiras e o sensacionalismo das cada vez mais frequentes fraudes arqueológicas que dizem, via jornais, revistas, televisão, Internet e outros meios eletrônicos que, finalmente, a verdade bíblica, oculta ao mundo, por séculos, pelas autoridades religiosas judaicas e cristãs, acaba de ser revelada.

Isso talvez não acontecesse, segundo o arqueólogo, se o campo não fosse tão aberto a charlatões que estão até hoje tirando dinheiro dos crédulos em ETs e vida extraterrestre, que insistem em que as descobertas têm um significado que não corresponde à cultura estudada e que manipula os fatos para que se encaixem em suas teorias distorcidas. Olhando com calma, veremos que a simples observação pode levar a interpretações completamente diferentes, e ser a origem de inúmeras fraudes.

As caveiras de cristal

Entre as várias fraudes que já encontramos ao longo dos estudos de peças arqueológicas, nenhuma supera o caso das famosas caveiras de cristal, que foram até mesmo tema do último filme de Indiana Jones (para o desespero dos fãs do personagem).

Para o norte-americano Nick Nocerino, fundador da Sociedade Internacional dos Crânios de Cristal e proprietário de uma dessas “reliquias”, a aparição de tais objetos “é, foi e continuará sendo um mistério”.

O número de caveiras existentes não é conhecido com exatidão. Há apenas um crânio recuperado (novamente à base de suposições) por meio de escavações arqueológicas pelo britânico Frederick Albert Mitchell-Hedges (1882-1959), segundo ele próprio deixou registrado. Tal peça, que mede 13 centímetros de altura e pesa 5 quilos, teria sido descoberta por volta de 1920 por sua filha adotiva, Anna, no dia em que ela havia completado 17 anos, quando ambos, pai e filha, estavam na antiga cidade maia de Lubaantun, localizada no sul do México.

Anna concordou em submeter seu achado a um restaurador de objetos, em 1970, chamado Frank Dorland, para provar sua autenticidade. O profissional ficou impressionado e estimou que apenas o trabalho sem parar de uma pessoa por trezentos anos seguidos teria obtido tal resultado, considerando-se as ferramentas que os maias tinham em seu poder. Essa afirmação (ou seria lenda?) espalhou-se por meio de dezenas de livros sobre o caso.

Três desses crânios são mantidos e conservados por museus de excelente reputação. Um deles, o Crânio de Paris, foi oferecido em 1878 ao Museu de Etnografia do Palácio de Trocadero, em Paris, na França, e por muito tempo foi tido como uma obra-prima asteca. É esculpido em puro cristal de quartzo e mede 11 centímetros de altura com 2,8 quilos de peso. Hoje pertence ao acervo do museu do Quai-Branly.

O segundo ficou no Museu Britânico e é chamado de Crânio de Londres. Foi adquirido pela Tiffany's de Nova York, nos Estados Unidos, comprado pela instituição britânica em 1898 e exposto como um objeto pré-colombiano. É mais opaco que os dois exemplares anteriores.

O terceiro e último fica com a Smithsonian Institution, em Washington, também nos Estados Unidos. É o mais imponente, pois mede 15,5 por 22,5 centímetros, o mais pesado, com 14 quilos e o menos cristalino. Foi doado em 1990 por um anônimo que afirmou tê-lo adquirido em 1960 no México.

A Smithsonian foi de longe a instituição que mais se dedicou a fazer uma análise séria do achado. Em 1922, a pesquisadora Jane MacLaren Walsh concluiu que as três caveiras dos museus eram falsificações que teriam sido

feitas entre 1867 e 1896 com cristal de rocha vindo do Brasil. Na ocasião declarou: “Embora os crânios de cristal tenham sido identificados como sendo de origem asteca, tolteca, mixteca ou maia, as peças não têm características de nenhuma dessas culturas”.

Sua origem, ainda segundo a pesquisadora, era a mesma para os três crânios: o antiquário francês Eugène Boban-Duvergé (1834-1908). Foi ele de fato quem vendeu o Crânio de Paris para Pinart, e o de Londres para a Tiffany’s. A fim de diminuir as dúvidas, as peças foram submetidas a novos exames. As conclusões praticamente foram as mesmas: os três crânios apresentavam sinais de moldagem e abrasão produzidas por instrumentos de metal desconhecidos na América pré-colombiana e tinham uma lapidação condizente com as técnicas modernas.

Quanto ao crânio descoberto por Mitchell-Hadges, Joe Nickell, um cético norte-americano, comprovou que o aventureiro mentira. Sua filha não descobrira nada em 1925 e a joia havia sido comprada por 400 libras muito mais tarde, em 1944, segundo se descobriu com o próprio vendedor, o marchand londrino Sidney Burney.

Isso tudo aconteceu porque as culturas pré-colombianas, a exemplo do que também fora a cultura egípcia no Velho Mundo, foi objeto de colecionismo no final do século XIX, quando praticamente todos os museus do mundo almejavam possuir em seus acervos peças mexicanas. Como em determinado momento as pilhagens já não acompanhavam as demandas, o caminho mais fácil foi “fabricá-las”.

Jane MacLaren Walsh, segundo a revista francesa *Historia*, disse sobre o assunto em artigo da publicação:

Eu, de fato, tinha conhecimento de uma caveira de cristal em tamanho natural exposta no Museu Britânico, e de uma versão menor que o Smithsonian havia exibido certa vez como falsa. Depois de alguns minutos tentando descobrir o significado e a importância desse estranho objeto, ele me perguntou se o departamento de antropologia teria interesse em ficar com ele. Sem hesitar, respondi que sim. Se a caveira se revelasse uma genuína peça pré-colombiana, um objeto tão raro deveria definitivamente passar a integrar a coleção do Smithsonian. Na época, eu não poderia imaginar que essa doação inesperada abriria uma linha de pesquisa totalmente nova para mim. Nos anos seguintes, minhas investigações sobre essa caveira me

levaram a pesquisar a história de coleções pré-colombianas em museus ao redor de todo o mundo e a colaborar com diversos cientistas estrangeiros e curadores que depararam com caveiras de cristal. Não faltam teorias sobre suas origens. Alguns acreditam que sejam peças do artesanato maia ou asteca, mas elas se tornaram tema também de constantes discussões em sites de ocultismo. Alguns insistem em afirmar que surgiram em um continente submerso ou em uma galáxia distante.

O homem de Piltdown

Londres é uma cidade que, graças ao fabuloso acervo de seu Museu Britânico, é um local onde os achados arqueológicos estão sempre em destaque. Porém, em 18 de dezembro de 1912, o foco foi outro, um pouco distante do museu: a Sociedade Geológica da Inglaterra, que estava lidando com uma multidão concentrada e impaciente. Isso porque o curador do museu, Arthur Woodward, prometeu apresentar o que, em suas palavras, era “uma descoberta extraordinária”. Assim que adentrou, passou a palavra para um homem pequeno chamado Charles Dawson, de 48 anos, que se dizia arqueólogo e que era um dos mantenedores do museu, além de ser advogado, motivos mais do que suficientes para ninguém duvidar de sua respeitabilidade.

Ele contou como, alguns anos antes, passeava numa pequena trilha nos arredores da cidade de Piltdown (no condado de Sussex, cerca de 60 quilômetros ao sul de Londres). Homens que trabalhavam no local entregaram-lhe um crânio humano que ele anunciou como sendo do *Eoanthropus dawsoni*, “um ser humano que viveu na aurora da humanidade”.

No dia seguinte, como era de se esperar, as manchetes dos jornais estampavam os dizeres “Descoberto o homem de Piltdown”. Dawson declarou que aquele era o hominídeo mais antigo já encontrado, com quinhentos mil anos e que ele seria o elo perdido entre o homem e o macaco. Tinha uma caixa craniana semelhante à do homem e uma mandíbula comum à dos símios. Os dentes tinham um aspecto próprio dos hominídeos.

Isso passou a ser uma crença até mais ou menos metade do século XX quando o paleontólogo britânico Kenneth Oakley viu que a datação dos restos encontrados estava totalmente errada. Os sinais de flúor contidos nos

ossos indicavam que o homem de Piltdown não devia ter mais de quarenta mil anos.

O carbono-14 terminou por derrubar o mito em 1959. O esqueleto era na verdade um grosseiro ajuntamento de um crânio datado da Idade Média e uma mandíbula de menos de quinhentos anos. Os dentes haviam sido tirados para parecer que haviam sido desgastados, tal qual pareceria numa mandíbula humana.

Porém o caso não morreu por aqui, como podemos verificar nesta notícia publicada no portal IG em 12 de dezembro de 2012:

Uma equipe de quinze pesquisadores do museu, liderada por Chris Stringer, chefe do departamento de origens humanas do Museu de História Natural em Londres, está reexaminando os vestígios do *Eoanthropus dawsoni* a partir de técnicas modernas como datação de carbono e informações do DNA para elucidar de uma vez por todas a fraude. Não se sabe, por exemplo, quem teria montado o fóssil. Stringer afirmou que a grande lição que fica neste caso é que devemos manter sempre a crítica em relação a uma nova descoberta, principalmente quando ela atende às nossas expectativas. “Este era o problema em 1912, vários cientistas estavam predispostos a acreditar em Piltdown principalmente por dois motivos. Primeiro por ser uma descoberta britânica e os cientistas queriam descobrir que eram os indivíduos que faziam ferramentas de pedra na Grã-Bretanha antiga. Além disso, Piltdown mostrava que o cérebro era grande já no início da evolução humana, o que muitos cientistas da época queriam acreditar”. A equipe de pesquisadores acredita que a motivação da farsa seja a ambição pessoal de Woodward e Dawn. Mas, isto, eles sabem que será mais difícil ainda de descobrir.

O ossuário de Tiago

Alguns achados, entretanto, levantam tantas dúvidas que colocam os peritos em posições comprometedoras e divididas. É o caso do famoso Ossuário de Tiago, irmão de Jesus, que pesa 25 quilos, mede 50 centímetros de comprimento por 25 centímetros de altura e que está em análise contínua desde 2005. Isso porque a caixa mortuária contém em aramaico os dizeres “Tiago, filho de José, irmão de Jesus”.

Desde 2002, quando o engenheiro judeu Oded Golan, um homem de negócios aficionado por antiguidades, revelou o objeto ao mundo, a possibilidade da existência de um depositário dos restos mortais de um parente próximo de Jesus agitou o circuito da arqueologia bíblica. Seria essa a primeira conexão física e arqueológica com o Jesus do Novo Testamento?

A veracidade da peça foi colocada em prova pela Autoridade de Antiguidades de Israel (IAA). Em dezembro de 2004, Golan foi acusado de falsificador e a Justiça local entrou em cena. Em outubro de 2010, o juiz Aharon Farkash, responsável por julgar a suposta fraude, encerrou o processo e acenou com um veredicto a favor da autenticidade. Também recomendou que o IAA abandonasse a defesa de falsificação da peça. Nos cinco anos em que a investigação correu, a ação se estendeu por 116 sessões, foram ouvidas 133 testemunhas e produzidas doze mil páginas de depoimentos. Segundo artigo publicado no site da revista *Istoé*:

O especialista em arqueologia pela Universidade Hebraica de Jerusalém, Rodrigo Pereira da Silva acredita que todas as provas de que o ossuário era falso caíram por terra. “A paleografia mostrou que as letras aramaicas eram do primeiro século”, diz o professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). “A primeira e a segunda partes da inscrição têm a mesma idade. E o estudo da pátina indica que tanto o caixão quanto a inscrição têm dois mil anos”. O professor teve a oportunidade de segurá-lo no ano passado, quando o objeto já se encontrava apreendido no Rockefeller Museum, em Jerusalém.

Àquela altura do campeonato o valor para a peça, sendo falsificada ou não, já havia sido dado. Diz o artigo:

O Ossuário de Tiago, que chegou a ser avaliado entre 1 milhão e 2 milhões de dólares, é tão raro que cerca de 100 mil pessoas esperaram horas na fila para vê-lo no Royal Ontario Museum, no Canadá, onde foi exposto pela primeira vez, em 2002. Agora que a justiça dos homens não conseguiu provas contra sua autenticidade, e há chances de ele ser mesmo uma relíquia de um parente de Jesus, o fascínio só deve aumentar.

Até hoje, o imbróglio não se resolveu e até o momento não se pode ter certeza de que o ossuário é ou não falso. Os arqueólogos bíblicos continuam a debater e a revirar a peça em busca de indícios que comprovem uma das duas alternativas.

Glozel

Logo no começo do mês de março de 1924, em Glozel, lugarejo da França, um agricultor chamado Claude Fradin e seu neto Émile foram preparar a sementeira de alguns campos, quando um dos bois que aravam manquejou, prendendo o casco numa depressão do terreno. Ao ajudar o animal a se desvencilhar, os fazendeiros descobriram uma fossa oval forrada de tijolos e lajotas de argila. Émile, que continuou a cavar, encontrou ainda cacos de cerâmica, tabuletas, pequenas lousas cheias de sinais enigmáticos e ossadas.

Avisada da descoberta, a Sociedade de Emulação do Bourbonnais enviou um magistrado que era apaixonado por arqueologia, Joseph Viple, ao local. Auxiliado por um professor, Benoite Clément, começou a escavar e pegar algumas amostras. Mesmo ao declarar, pouco tempo depois, que as amostras nada revelaram de importante, outra equipe continuou a escavar, encontrando mais três mil outros vestígios, entre os quais uma série de plaquetas com inscrições que os especialistas haviam declarado autênticas, mas de datação incerta, com algumas pertencendo ao Paleolítico Superior e outras, ao Neolítico.

As datações contradiziam as teorias correntes que indicavam haver um espaço grande entre os dois períodos e não uma convergência cultural. Numa das pedras encontradas, havia um animal semelhante a uma rena e um alfabeto com sinais parecidos com os usados pelos fenícios. As suspeitas de falsificação começaram quando constataram que a rena era um animal que havia desaparecido no fim do Paleolítico e o alfabeto fenício datava de 1.000 a.C.

As ossadas encontradas foram enviadas para Portugal, onde o especialista Mendes-Correa analisou e concluiu que mineralização estava bem avançada, enquanto outro especialista dizia que os ossos eram, em sua maioria, restos de uma sopa. Para se ter uma ideia do que realmente

acontecera, um “antiglozeliano” confessou de fato haver introduzido alguns ossos frescos em pleno sítio arqueológico.

Em 1983 o carbono-14, junto com outras tecnologias, provou que a grande maioria dos ossos e vidros lá encontrados datava da Idade Média. Os demais objetos encontrados eram na verdade de 300 a.C., época dos gauleses, ou seja, de um período bem mais recente. Alguém havia introduzido no local as placas com as figuras copiadas em estilo pré-histórico. Mas quem seria ele? E qual o objetivo? Até o momento, o mistério continua.

Fraudes conhecidas

Há vários achados que ainda estão sob análise dos especialistas. Porém, alguns, já se sabe, que são mesmo falsificações. Abaixo estão listadas cinco das mais conhecidas:

A pedra de Kensington: Pedra gravada com um texto de supostos sinais rúnicos, encontrada, em 1898, em uma fazenda perto da aldeia de Kensington (EUA). A intenção era testemunhar que os vikings chegaram em Minnesota, em 1362. No entanto, todos os especialistas foram demitidos ao descobrir que ele foi escrito em uma mistura de norueguês, sueco e inglês.

O gigante de Cardiff: Fraude perpetrada em 1869 por George Hull, que comandou a escultura de uma figura humana de 12 pés e 4 centímetros de altura a partir de um bloco de gesso para e depois enterrá-lo e descobri-lo. Atualmente, está em exposição no Museu de Agricultores de Cooperstown (Nova York).

O dinossauro com asas: Nem a *National Geographic* escapa. Em 1999, foi apresentado um fóssil da China que supostamente era o elo perdido entre aves e dinossauros terópodes. Em fevereiro de 2000, a mesma publicação anunciou que iria investigar a autenticidade da descoberta e, pouco depois, foi constatada a falsificação.

As pedras de Ica: Coleção de pedras do tipo andesito (rocha magmática cujo nome deriva de Andes) encontradas em uma caverna próxima de Ica, no

Peru. São caracterizadas por serem decoradas com desenhos antigos de supostos dinossauros e avançados objetos tecnológicos.

Pinturas rupestres de Zubialde: Em abril de 1990, um estudante de história chamado Serafin Ruiz Selfa encontrou a entrada de uma caverna pelo rio Zubialde, na Espanha, onde descobriu pinturas de todo tipo, de um mamute a rinocerontes. No entanto, os cientistas descartaram as imagens ao afirmar que os animais pintados haviam desaparecido da área muito antes da chegada do homem.

Capítulo 14

O que está por trás dos famosos crimes sem solução?

Muitas mortes famosas, violentas e assustadoras, têm autoria desconhecida até hoje. Tais casos, conhecidos e dissecados pela mídia e pelo cinema, são o material de autores que os pesquisam em busca da verdade sobre os culpados. A fórmula parece bastante conhecida: cenários variados, uma vítima, um assassinato, vários suspeitos, um desfecho onde a polícia dá seu parecer que leva à captura do culpado. Certo? Errado.

A história está lotada de casos de assassinatos e crimes que nunca foram resolvidos. Alguns, como os famosos Jack, o Estripador, ou o Zodíaco, tornaram-se tão enraizados no imaginário popular, que terminaram por ser adaptados para filmes e livros das mais variadas naturezas. Outros, como os casos de Jimmy Hoffa e Lizzie Borden, foram assuntos de filmes antigos e hoje em dia não são levados em consideração por serem “histórias antigas”. E há outros, como o Monstro de Florença e os assassinatos de Camden Town que são até hoje discutidos, inclusive em fóruns de internet.

O que fascina e intriga em cada um desses casos é justamente o fato de as autoridades encarregadas nunca terem conseguido resolvê-los. Para os historiadores, é uma oportunidade de analisar os fatores que levaram ao

desencadeamento de cada um, que os influenciaram e à análise de cada época, como numa cápsula do tempo. Para os detetives amadores, é uma diversão sinistra, pois os suspeitos, a metodologia usada nas investigações e os cenários analisados, enfim, todos os elementos estão à disposição em páginas e volumes especializados.

A dúvida que permanece é a mesma: será que, com a alta tecnologia forense que existe nos dias de hoje, os policiais modernos não conseguiriam, de alguma maneira, reabrir esses casos e tratá-los como “casos antigos não resolvidos”, o equivalente aos *Cold Cases* norte-americanos? Os especialistas ressaltam que, por mais que se queira analisar as pistas que sobreviveram, por exemplo, de 1888, época em que Jack, o Estripador, estava na ativa, é quase impossível, pela passagem do tempo, obter dados com a precisão que se obteria em casos mais modernos.

Porém o campo da ficção usa e abusa desses casos, imaginando possíveis soluções, elaborando teorias e colocando elementos que seriam compatíveis com os casos reais.

Dos casos analisados a seguir, temos muitos que intrigam pela maneira como aconteceram. Quem se lembra de que, nos anos 1960, aconteceu uma espécie de cópia dos assassinatos de Jack, o Estripador, que desta vez foi apelidado de Jack The Stripper (Jack, o Striper), já que as vítimas eram prostitutas que foram encontradas nuas em lugares como o rio Tâmesa. Ou ainda o mistério que ronda a morte do astro de TV, Bob Crane, da série de TV *Guerra, Sombra e Água Fresca* (Hogan's Heroes), assassinado com o que muitos pensam ter sido um tripé de câmera, embora a verdadeira arma nunca tenha sido encontrada.

A lista com os dez casos apresentados a seguir foi feita com base na quantidade de páginas de internet e livros publicados relativos a cada caso. Por mais que se tenha ouvido falar de alguns, como o Zodíaco, vale ressaltar que, volta e meia, as autoridades vivem reabrindo os casos, o que significa que, com o passar do tempo, podem aparecer novidades em cada um deles.

Jack, o Estripador

O assassino não identificado que atacou no bairro pobre de Whitechapel, em Londres, no segundo semestre de 1888, é, de longe, o mais intrigante de todos. O nome do assassino, entretanto, não foi dado por ele mesmo, mas sim

por uma carta que foi enviada à Agência Central de Londres por alguém que dizia ser o criminoso e, com a ação da mídia, tornou-se o padrão para se referir a ele.

Das vítimas oficialmente atribuídas a ele, cinco no total, todas eram prostitutas que atuavam especificamente naquele bairro. Duas delas tiveram a garganta cortada e o corpo mutilado. O que mais intriga, entretanto, é saber como, numa cidade iluminada com lampiões a gás e cujo silêncio noturno era bem mais pesado do que o atual, pela falta de máquinas como carros, não se ouviu nem de longe um único grito de nenhuma das vítimas.

Uma teoria que ganhou força era que as vítimas eram primeiramente estranguladas, o que talvez explicasse a falta de sangue nos locais dos crimes. Pelo fato de algumas das vítimas terem órgãos internos retirados, a polícia concluiu que o culpado chegou a possuir conhecimentos anatômicos ou cirúrgicos, o que fez com que os principais suspeitos fossem profissionais como médicos ou mesmo açougueiros.

Devido à cobertura do caso, a circulação dos jornais da época cresceu vertiginosamente, o que provocou um verdadeiro frenesi entre aqueles que acompanhavam o desenrolar dos fatos. A natureza selvagem dos crimes era colocada de maneira sensacionalista e atraía cada vez mais interessados. O fracasso da polícia em descobrir o verdadeiro culpado tornou a operação de captura e a investigação em si uma espécie de peça de teatro satírica.

Para entender melhor o contexto da época e o porquê da repercussão do caso, é necessário fazermos uma rápida retrospectiva. Em meados do século XIX, a Inglaterra teve um grande influxo de imigrantes irlandeses, que aumentou a população menos favorecida do país. Em outubro daquele ano, a Polícia Metropolitana estimou a existência de 1.200 prostitutas de “classe muito baixa”, que viviam em Whitechapel em aproximadamente 62 bordéis. Os problemas econômicos aumentavam de forma alarmante e, entre 1886 e 1889 as ruas de Londres eram tomadas por manifestações de famintos e desempregados.

Apesar das mortes principais terem acontecido na metade final de 1888, a série de mortes brutais em Whitechapel continuou a acontecer até 1891, embora muitos dos casos então registrados não fossem atribuídos ao Avental de Couro, nome de uma lenda urbana local que era a denominação de Jack, o Estripador, até o envio da famosa carta que batizou o assassino anônimo.

Como muitos detalhes pavorosos da mutilação das vítimas chegavam ao conhecimento do público pelos relatos dos jornais, a população começou a se manifestar com um interesse quase mórbido e a clamar por uma solução. Entre setembro e outubro, os rumores de que os assassinatos poderiam estar conectados se intensificaram a partir do recebimento das cartas. Vale dizer que muitas, muitas mesmo, foram enviadas com as mais diversas caligrafias, o que levou os especialistas a acharem que até mesmo a carta assinada como Jack, o Estripador, pudesse ter sido enviada por uma pessoa qualquer, alguns arriscaram até que era obra dos próprios jornais, que queriam assim criar uma identidade própria para o assassino e tirar o nome Avental de Couro dos relatos populares.

Uma dessas cartas, recebida por George Lusk, do Comitê de Vigilância de Whitechapel, incluía metade de um rim humano preservado. Outra não continha nenhuma assinatura, mas começava com “Dear Boss” (Caro Chefe) e tinha como endereço “From Hell” (Do Inferno).

Os *ripperologistas* (de *ripperologists*, o nome em inglês dos pesquisadores dos assassinatos do Estripador) tentam conectar pelo menos mais sete outros assassinatos, o que levou a uma discussão quase interminável sobre a validade de tal afirmação. As cinco vítimas oficiais são:

- Mary Ann Nichols, morta em 31 de agosto de 1888, uma sexta-feira. Seu corpo foi descoberto aproximadamente às 3h40 da manhã num terreno em frente a um estábulo em Buck’s Row, hoje renomeado para Durward Street. Sua garganta teve dois cortes profundos, e a parte de cima do abdômen foi arrancada em parte por um golpe intenso. Também foram notados cortes em outros pontos do abdômen, causados pela mesma faca.
- Annie Chapman, morta em 8 de setembro de 1888, um sábado. Seu corpo foi descoberto por volta das 6 da manhã no quintal de uma casa em Hanbury Street. Assim como sua antecessora, teve a garganta aberta por dois cortes, um mais profundo que o outro. O abdômen foi totalmente aberto e o útero, removido.
- Elizabeth Stride, morta em 30 de setembro de 1888, um domingo. O corpo foi descoberto à uma da manhã no chão da Dutfield’s Yard, na

Berner Street, hoje renomeada para Henriques Street. Havia uma incisão no pescoço e ela morreu pela perda excessiva de sangue a partir da artéria principal no lado esquerdo. A ausência de mutilações no abdômen lançou incerteza sobre sua ligação com o Estripador. Já outros tiveram certeza de que estava ligado ao assassino pelo fato da vítima seguinte ter sido assassinada na mesma noite.

- Catherine Eddowes, morta em 30 de setembro de 1888, um domingo. Foi encontrada na Mitre Square, na região mais próxima do centro londrino. Sua garganta estava aberta como nos dois primeiros casos e o abdômen foi aberto por um corte longo e irregular. O rim esquerdo e parte do útero foram removidos. Eddowes e Stride foram consideradas como um “assassinato duplo”.
- Mary Jane Kelly, morta em 9 de novembro de 1888, uma sexta-feira. Foi o corpo mais mutilado e que mais saiu do *modus operandi* do estripador, pois foi morta dentro do quarto que ela alugava. Foi descoberto pouco depois das 10h45 da manhã, deitada na cama do cômodo, que ficava na Dorset Street. A garganta foi cortada até a coluna vertebral e o abdômen, quase esvaziado de seus órgãos, com a retirada do coração.

Zodíaco

Outro caso bastante explorado pela mídia em geral, incluindo adaptações para cinema e TV, é o do célebre assassino do Zodíaco. Esse caso fez muito alarde por ter acontecido no período mais turbulento da história recente dos Estados Unidos, ou seja, no final dos anos 1960 e começo da década seguinte.

No total de vítimas houve um saldo de cinco homens e três mulheres, todos na faixa etária entre 16 e 29 anos. Destes, as primeiras vítimas foram um casal de estudantes adolescentes, mortos em 20 de dezembro de 1968, na estrada do lago Herman, nos limites da cidade de Benicia, na Califórnia. Betty Lou Jensen e David Faraday haviam parado o carro num local próximo ao lago, frequentado principalmente por namorados. Foram depois encontrados por uma moradora local, Stella Borges, que morava próximo à cena do crime.

O ataque seguinte aconteceu em 4 de julho de 1969, em Vallejo, próximo ao local de crime do lago Herman. O casal em questão, Darlene Ferrin e Michael Mageau, foi perseguido por um segundo carro que chegou a parar ao seu lado numa estrada, foi embora e voltou dez minutos depois, com uma Luger equipada com uma lanterna, que apontou para Mageau. Atirou cinco vezes neles.

Alguns dias depois, um homem telefonou para o Departamento de Polícia de Vallejo e disse que era o autor do crime novo e também do caso anterior. A polícia rastreou a ligação e chegou a uma cabine telefônica próxima ao local do crime. Ferrin morreu no hospital, e Mageau sobreviveu, embora tenha recebido tiros na face, pescoço e no peito.

Em 1º de agosto de 1969, três cartas chegaram a três jornais, o *Vallejo Times Herald*, o *San Francisco Chronicle* e o *San Francisco Examiner*. A letra, idêntica nas três, gabava-se dos ataques anteriores e incluía um criptograma com 408 símbolos, no qual o assassino dizia que estava registrada sua verdadeira identidade. O autor exigia que as três partes fossem publicadas nas primeiras páginas respectivas ou ele iria “sair por aí matando pessoas a esmo”. Os jornais cumpriram sua parte.

Em 7 de agosto de 1969, outra carta foi enviada ao *San Francisco Examiner*, na qual o assassino finalmente atribuía um nome para si mesmo: “Caro Editor, aqui quem fala é o Zodíaco”. A carta foi uma resposta para o chefe de polícia de Vallejo, Jack E. Stiltz, que pedia mais detalhes para provar que ele tinha sido o autor do primeiro crime. E seu pedido foi satisfeito, pois o Zodíaco deu muitos detalhes que não haviam sido divulgados pela imprensa.

Em 8 de agosto de 1969, um casal de entusiastas de enigmas, Donald e Bettye Harden, da Califórnia, quebraram a cifra que revelou ser uma mensagem em que o assassino afirmava que matava para coletar almas para o além-vida. Nenhum nome apareceu no texto codificado.

Em 27 de setembro de 1969, Bryan Hartnell e Cecelia Shepard estavam à beira do Lago Berryessa quando um homem com capuz se aproximou com uma arma e usou corda para amarrá-los. Afirmou que havia escapado de uma prisão e matado um guarda. No peito tinha o símbolo de um círculo que continha uma cruz de braços iguais, como se fosse a mira de uma arma. Apesar de o casal não ter oferecido resistência, o assassino os esfaqueou repetidamente, pegou o carro das vítimas e telefonou para relatar o crime. O

casal foi descoberto por um homem e seu filho, que pescavam lá perto. Mais uma vez, a mulher morreu enquanto o homem conseguiu sobreviver. Hatnell contou o que vira para a imprensa.

Por fim, em 11 de outubro de 1969, um taxista negro, Paul Stine, pegou um passageiro e, após levá-lo até um cruzamento de duas ruas, foi morto com um tiro na cabeça. Um dos indícios de que o assassino poderia estar modificando seu modo de operação, pois até aquele momento, deixou de atacar casais e fez uma única e solitária vítima.

Mais cartas foram enviadas para os jornais após a morte de Stine: uma delas, recebida pelo *Chronicle*, em 14 de outubro de 1969, continha uma amostra da camisa ensanguentada de Stine como prova de que era o verdadeiro assassino. Outras mostravam outros criptogramas. Um deles, com 340 símbolos, nunca foi decifrado. Há ainda outra que conta que dois policiais o pararam na rua e conversaram com ele, na noite em que matou Stine.

Como no caso do estripador, houve outras mortes ou tentativas de assassinato que não foram ligadas diretamente ao Zodíaco, mas que especialistas e até mesmo testemunhas afirmam que foi o verdadeiro assassino, como no caso de Kathleen Johns, em 22 de março de 1970, que, ao dirigir de San Bernardino para Petaluma, para visitar sua mãe, deu carona a um homem que teria saltado de seu carro para ajudá-la, pois o carro dela estava com problemas nos pneus, que precisavam ser trocados e inclusive havia a companhia da filha ainda bebê. Ele se ofereceu para levá-la até um posto de gasolina. Durante o caminho vários postos apareceram, mas o homem não diminuiu a marcha. Quando o homem finalmente parou num cruzamento de estradas, saltou do carro e fugiu. Ela fechou a porta e continuou o caminho. Ao parar numa estação da polícia em Patterson, viu o retrato falado do Zodíaco e o reconheceu como o homem que quase a sequestrou.

Durante grande parte da primeira metade da década de 1970, o Zodíaco continuou suas comunicações com a polícia, mas aparentemente nunca mais atacou. Muitas delas tinham frases como “meu nome é” seguido de cifras de treze caracteres, mas nada foi concluído daí. Numa outra carta, de 24 de julho de 1970, ele admitiu que era o culpado pelo sequestro de Kathleen Johns quatro meses após o incidente.

Paul Avery e Robert Graysmith, que na época trabalhavam para o *Chronicle*, chegaram a acompanhar o caso mais de perto do que queriam. Avery recebeu um cartão ameaçador do Zodíaco, e Graysmith, embora fosse apenas um desenhista de charges políticas, acabou por se aprofundar na história, em busca da verdade, e escreveu muitos livros sobre esse caso, um deles transformado em filme assinado por David Fincher, de *Clube da luta* e *Seven*.

A última carta assinada pelo Zodíaco chegou ao *Chronicle* em 29 de janeiro de 1974, exaltando *O exorcista* como a melhor comédia que ele já vira e citando o placar dele contra a polícia de San Francisco: 37 X 0. O caso foi reaberto em março de 2007, o mesmo ano em que o filme chegou às telas. As cidades de Vallejo e os condados de Napa e Solano, onde os ataques oficiais aconteceram, também mantêm o caso em aberto.

O monstro de Florença

Entre os casos insolúveis, este talvez seja o mais intrigante de todos, já que deu mais trabalho para a polícia de Florença, na Itália, que os anteriores nos Estados Unidos e na Inglaterra, respectivamente. O caso diz respeito ao ataque realizado entre 1968 e 1985 na cidade de Florença, o berço do mesmo Renascimento, que deu ao mundo os trabalhos e o talento de artistas como da Vinci, Boticelli, Michelangelo e muitos outros.

No total, foram dezesseis vítimas que encontraram seu fim com a mesma arma. Quatro homens locais: Stefano Mele, Pietro Pacciani, Mario Vanni e Giancarlo Lotti, foram acusados de serem os autores dos crimes em diferentes épocas. Entretanto, tais acusações foram ridicularizadas pela imprensa local, que sugeriu que o verdadeiro, ou verdadeiros, autor(es) estaria(m) ainda à solta.

O mistério começou em agosto de 1968, com os assassinatos de Barbara Locci, uma mulher casada, de 32 anos, e seu amante, Antonio Lo Bianco. Embora Barbara tivesse um filho, ela andava pela cidade como uma garota de programa, e tinha o apelido de “Abelha Rainha”. Na tarde de 21 de agosto, ela, seu filho pequeno e Antonio voltavam do cinema quando ele sugeriu que parassem num cemitério próximo para terem uma rápida relação sexual. Como o filho estava dormindo no banco de trás, Barbara aceitou sem hesitar. Mas sua diversão durou pouco quando, ao retirar as roupas dela,

Antonio notou uma figura sair da escuridão com uma arma e atirou neles. Depois de matar o casal, o assassino pegou a criança e a levou.

Pouco depois, um fazendeiro local foi acordado com uma batida em sua porta. Quando a abriu, o menino estava lá chorando e afirmando que sua mãe e seu tio estavam mortos. Aparentemente, o assassino não quis machucar o menino e o deixou na fazenda, cujo dono logo chamou a polícia.

Quando os investigadores chegaram ao local, descobriram cartuchos de uma calibre 22 próximos ao carro. Ninguém soube determinar o autor do crime nem sua motivação.

A partir de então, muitas outras vítimas apareceram em circunstâncias semelhantes, todas mortas com uma arma do mesmo calibre. Algumas com um lapso de tempo que durou anos. A lista inclui:

- Em setembro de 1974: o barman de 19 anos, Pasquale Gentilcore, e a contadora de 18 anos, Stefania Pettini, namorados mortos e esfaqueados numa pequena alameda próxima a Borgo San Lorenzo, enquanto faziam sexo num Fiat 127, não muito longe da discoteca Teen Club, onde deveriam ter passado a tarde com amigos. O corpo dela foi violado com um galho de uma parreira e desfigurado com 97 facadas.
- Em junho de 1981: o gerente de armazém Giovanni Foggi, 30 anos, e a assistente de compras, Carmela Di Nuccio, de 21 anos, noivos. Levaram tiros e facadas num sábado à noite, próximo à comuna de Scandicci, onde ambos viviam. O corpo dela foi arrancado do carro, e o assassino cortou um punhado do pelo pubiano com uma faca entalhada. Na manhã seguinte um jovem voyeur, Enzo Spalletti, falou sobre os assassinatos antes da descoberta dos corpos. Passou três meses na cadeia, acusado da autoria desse crime, antes do verdadeiro assassino atacar de novo e assim livrar a cara do acusado.
- Em outubro de 1981: o operário Stefano Baldi, de 26 anos, e a telefonista Susanna Cambi, de 24 anos, noivos que deveriam se casar em breve. Também levaram tiros e facadas num parque nas proximidades da comuna de Calenzano. A área púbica de Susanna foi cortada como a de Di Nuccio. Uma pessoa anônima telefonou para a mãe dela no dia seguinte para “falar sobre sua filha”.

- Em junho de 1982: o mecânico Paolo Mainardi, de 22 anos, e a costureira Antonella Migliorini, de 20 anos, também noivos. Ambos eram conhecidos como Vinavil, uma marca de cola do tipo Superbonder, pois eram inseparáveis. Mortos do mesmo jeito que os casais anteriores. Dessa vez o Monstro não feriu a vítima feminina. Mainardi, com ferimentos sérios, ainda estava vivo quando o encontraram. Foi levado ao hospital, mas morreu algumas horas depois de lá chegar.
- Em setembro de 1983: os turistas alemães Horst Wilhelm Meyer e Jens Uwe Rüschi, ambos de 24 anos. Foram baleados em seu veículo, no subúrbio de Galluzzo. O fato de Rüschi ter longo cabelo ruivo e uma constituição pequena pode ter levado o assassino a confundir-lo com uma mulher. A polícia suspeitou que era um casal homossexual, mas isso nunca ficou plenamente esclarecido.
- Em julho de 1984: o estudante Claudio Stefanacci, de 21 anos, e a garçonete Pia Gilda Rontini, de 18 anos, mortos de maneira similar no carro dele numa área próxima à comuna de Vicchio di Mugello. O assassino removeu a área púbica e um seio dela. Há relatos de um estranho homem que os teria seguido desde uma cafeteria, horas antes do assassinato. Uma amiga dela teria confidenciado que Pia era assediada por um estranho no serviço.
- Em setembro de 1985: o músico Jean Michel Kraveichvili, de 25 anos, e a vendedora Nadine Mauriot, de 36 anos, ambos de Audincourt, na França, acampando em férias na Itália. Nadine foi morta com tiros e esfaqueada enquanto dormia na pequena barraca numa área próxima a San Casciano. Jean Michel foi morto à distância, enquanto tentava escapar da barraca. O corpo dela foi mutilado. Por ter matado dois estrangeiros, não houve queixa de pessoas desaparecidas. O assassino ainda mandou um bilhete, juntamente com um pedaço do seio de Nadine, para a promotora pública, Silvia della Monica, dizendo que tinha cometido mais um assassinato e desafiava as autoridades locais a encontrarem as vítimas, que só foram descobertas quando um caçador de cogumelos os descobriu horas antes de o bilhete chegar até seu destino.

O assunto prossegue como um dos mais polêmicos naquela cidade, a ponto de ter se tornado uma dor de cabeça para os autores do livro *O Monstro de Florença*, Douglas Preston, dos Estados Unidos e Mario Spezi, que chegaram a ser acusados de serem os mandantes dos assassinatos, embora já tivessem se passado muitos anos de sua realização. O livro foi comprado recentemente por uma produtora de Hollywood e logo deverá ganhar as telas com o astro George Clooney no elenco.

Dália Negra

Mais um caso que ficou famoso pela adaptação cinematográfica, feita por ninguém menos que Brian de Palma, em 2006. O caso gira em torno de Elizabeth Short, uma norte-americana que, em 1947, tornou-se a vítima de um dos assassinatos mais bizarros de toda a história da criminologia.

A história de Short ganhou o mundo pelas mãos do livro de autoria do escritor e ensaísta norte-americano James Ellroy.

Short era uma garota nascida em Boston, Massachusetts e criada em Medford, a terceira de cinco filhas de uma família que perdeu tudo durante a quebra da bolsa em 1929. Seu pai desapareceu no ano seguinte e abandonou a família. Mais tarde, foi descoberto que ele estava vivo em outro local.

Short, que tinha problemas respiratórios devido à asma e à bronquite, viajou para a cidade de Vallejo (a mesma em que atacou o Zodíaco, anos mais tarde), para viver com seu pai, que morava lá na época. Os dois foram juntos para Los Angeles, mas uma briga os afastou e ela foi procurar emprego.

Foi depois presa em Santa Bárbara por bebedeira pública, depois foi enviada para a Flórida, de onde ocasionalmente fazia excursões a Massachusetts.

Na Flórida conheceu o major Matthew Michael Gordon Junior, um oficial condecorado que a pediu em casamento, mas não pôde cumprir com a promessa, porque morreu numa queda de avião em agosto de 1945.

Short retornou a Los Angeles em 1946, quando foi visitar um antigo namorado da Flórida durante os anos da Segunda Guerra Mundial, chamado Joseph Gordon Flickling. Nos seis meses antes de sua morte, morou no sul da Califórnia, principalmente na área principal de Los Angeles.

Sua morte foi descoberta em 15 de janeiro de 1947. Seu corpo foi encontrado por uma moradora local que passeava com seu filho menor, no parque Leimert, num lote vazio do lado oeste. Estava nua e cortada na altura da cintura, completamente drenada de qualquer gota de sangue. Seu rosto foi dilacerado nos cantos da boca até as orelhas, o que dava uma aparência de um sorriso doentio à la Coringa, conhecido como o Sorriso de Glasgow. O corpo havia ainda sido lavado, limpo e posicionado com as mãos sobre a cabeça, e os cotovelos dobrados em ângulos retos. Descrições deram conta de que os restos pareciam os de uma boneca gigante quebrada.

A autópsia realizada detectou marcas nos tornozelos e nos pulsos feitos por corda, o que sugeria que tivesse ficado amarrada e até mesmo posicionada de cabeça para baixo. Também foram encontrados sinais em seu estômago de que ela poderia ter sido forçada a comer suas próprias fezes. A causa da morte teria sido a perda massiva de sangue combinada com uma concussão no cérebro.

Em 23 de janeiro de 1947, o assassino teria entrado em contato com o editor do *Los Angeles Examiner* e expressado preocupação com o modo como o caso estava sendo tratado pelos jornais de então. Enviou um pacote para o jornal que continha vários objetos pessoais de Short. Devido à grande repercussão do caso, mais de cinquenta homens e mulheres se apresentaram como sendo o assassino, mas nada foi provado ou concluído, principalmente o motivo das mutilações. Outros detalhes acabaram surgindo com o avanço das investigações, como o fato de que o assassino torturou a moça por três dias e pintou o cabelo dela com henna, para, depois, lavá-lo, possivelmente com a intenção de despistar a polícia.

O nome *Dália Negra* foi dado pelos jornais *Los Angeles Herald-Tribune* e *Los Angeles Examiner*, que usaram o fato de relatos darem conta de que Short fora vista pela última vez com o que parecia ser um *tailleur* preto, que depois teria se tornado uma saia apertada e uma blusa decotada, para apelidá-la dessa forma, que seria um eufemismo para chamá-la de uma “aventureira no Boulevard de Hollywood”. Com a passagem do tempo e a cobertura da mídia, aqueles que conheciam Short tiveram que entrar em ação e, por meio de declarações diversas, juraram em público que ela era um tipo diferente de mulher, que não fumava, bebia ou mesmo xingava.

Short foi enterrada no cemitério de Mountain View, no Colorado. Depois que suas outras irmãs se casaram, a mãe delas se mudou para ficar próxima

ao túmulo de sua filha assassinada.

O mistério, entretanto, continuou até hoje, pois ninguém conseguiu uma única pista que resolvesse de vez o caso. Vários foram os suspeitos, mas nenhum foi formalmente acusado. Pesquisadores e até mesmo conspirólogos chegaram a relacionar seu assassinato com outros casos, como o do Torso de Cleveland, ocorrido naquela cidade entre 1934 e 1938, quando vítimas femininas apareciam mortas com o corpo mutilado, do qual restava apenas o torso. Os investigadores responsáveis pelo caso não conseguiam descobrir nenhuma ligação entre os casos. Porém um detetive anunciou, em 1980, que um tal Jack Anderson Wilson, suspeito de um dos casos dos crimes do torso, teria alguma implicação com o caso e estava para prender seu suspeito quando o mesmo morreu num incêndio em fevereiro de 1982.

As investigações foram consideradas as maiores e mais complexas que o Departamento de Polícia de Los Angeles já tinha enfrentado. Por causa da repercussão, a polícia local foi obrigada a requisitar a ajuda de centenas de outros colaboradores de outras jurisdições que, por causa da complexidade do caso, tratavam qualquer um que conhecesse Short como um suspeito oficial. Cerca de duzentas pessoas foram investigadas e milhares chegaram a ser entrevistadas, sem sucesso.

A obsessão pela descoberta do assassino e da determinação de seu real motivo já transformaram o caso em livros, histórias em quadrinhos, trabalhos de criminologia e até mesmo em tratados de ufologia. Sim, porque, segundo alguns, isso poderia ser um experimento alienígena. Acredite se quiser...

Bob Crane

Os entusiastas dos antigos seriados de TV devem se lembrar de duas produções que satirizaram o cotidiano dos tempos de guerra: *M.A.S.H.* (1972-1983), baseada no filme de mesmo nome de Robert Altman, de 1970, e *Guerra, sombra e água fresca* (Hogan's Heroes, de 1965-1971). Enquanto a primeira contava o cotidiano de médicos e enfermeiros de uma unidade do exército que atuava durante a Guerra da Coreia (1950-1953), a segunda satirizava a Segunda Guerra Mundial e falava sobre um grupo de soldados norte-americanos, liderados pelo coronel Hogan, que era prisioneiro dos alemães e que ajudava aliados a fugirem por uma complexa rede de túneis

subterrâneos. Quem conseguiu acompanhar na época guardou na lembrança a figura do coronel Hogan, o esperto do grupo e mentor intelectual das façanhas no campo batizado de Stalag 13, bem como a incompetência do narcisista e inseguro coronel alemão Klink e seu imediato, o atrapalhado sargento Schultz, entre outros. A série marcou época e durou exatas seis temporadas.

O que deixou muita gente de cabelos em pé foi a repercussão que tal produção teve na carreira do astro principal, Bob Crane. Nascido em 1928, Crane era ator e disc-jóquei. Nascido em Stamford, Connecticut, formou-se em 1946. Começou uma carreira musical ao tocar bateria, o que o ajudou a formar sua banda com amigos e vizinhos na época do colegial. Mais tarde, envolveu-se com bandas de jazz e com a orquestra da escola. Em 1948, Crane tentou entrar para a Guarda Nacional e foi dispensado dois anos depois.

Naquele ano, em 1950, começou sua carreira de apresentador de rádio na WLEA, em Hornell, Nova York. Logo passou para outras estações até que foi parar na rádio CBS, onde foram obrigados a remanejá-lo para impedir que sua própria popularidade atrapalhasse o nível de audiência da rádio. Crane, então, foi para a Califórnia, com sua família, para apresentar um programa matutino na KNX de Hollywood. Ele preencheu seu horário com apresentações musicais próprias de bateria e convidados famosos como Marilyn Monroe, Frank Sinatra e Bob Hope. Logo se tornou conhecido pelo público em geral de Los Angeles como “O rei das ondas de Los Angeles”.

As pretensões artísticas de Crane logo o levaram a procurar oportunidades em seriados hoje clássicos como *Além da Imaginação* e *Suspense*, entre outros. O sucesso, entretanto, somente viria com o convite para assumir o papel principal de *Guerra, sombra e água fresca*, que lhe valeu duas indicações para o Emmy em 1966 e 1967. Além de tocar bateria no tema de abertura, Crane também pode ser visto em um episódio da sexta temporada, quando realiza um longo solo de bateria durante uma *performance* de jazz.

Depois que essa série foi cancelada, Crane se frustrou porque lhe eram oferecidos poucos papéis de qualidade. Ele apareceu em dois filmes da Disney (*Superdad*, de 1973, e *Gus*, em 1976). Ainda fez aparições em seriados como *Police Woman*, de 1974, e *O barco do amor*, de 1977.

Chegou a tentar um seriado próprio, chamado *The Bob Crane Show*, mas foi cancelado depois de apenas três meses.

O assassinato de Crane tem suas raízes ainda em *Guerra, sombra e água fresca*. Durante as gravações seu companheiro de elenco, Richard Dawson, que fazia o cabo Peter Newkirk, apresentou o amigo, admirador de fotografia, a John Henry Carpenter, que na época trabalhava no departamento de vídeo da Sony Electronics. Por meio da nova amizade, ele passou a ter acesso a gravadores de vídeo, usados mais tarde por Carpenter para fotografar as aventuras sexuais de Crane com várias mulheres.

Em 1978, Crane estava em Scottsdale, no Arizona, para uma produção teatral. Na noite de 28 de junho, ele supostamente teria ligado para Carpenter para romper a amizade. No dia seguinte, seu corpo foi descoberto espancado até a morte com um objeto que nunca foi descoberto, embora exames do local do crime indiquem se tratar de uma espécie de tripé de câmera. Robert Graysmith, o mesmo que participou das investigações sobre o Zodíaco e foi o autor do livro no qual o filme de David Fincher foi baseado, se dedicou a analisar o caso de Crane. Em suas pesquisas ele teria descoberto que os investigadores teriam encontrado esperma no corpo do ator, que teria sido deixado pelo assassino após matá-lo.

Um documentário feito pela rede de TV A&E diz que os policiais que chegaram à cena do crime notaram que Carpenter tinha telefonado várias vezes, e que não se surpreendeu que a polícia estivesse no local, o que, claro, levantou suspeitas. O carro alugado pelo ex-amigo de Crane no dia anterior foi confiscado e nele havia várias manchas de sangue condizentes com o tipo sanguíneo do ator. Na época, o exame de DNA, que poderia confirmar se era ou não sangue de Crane, não existia ainda. Devido à falta de provas mais concretas, o promotor encarregado do caso não prestou queixa.

O caso foi reaberto em 1990, doze anos após o assassinato. O teste de DNA feito então, não pôde ser realizado por não ter restado muito o que examinar nas manchas de sangue colhidas. Os detetives encarregados, Barry Vassall e Jim Raines, esperavam que testemunhas adicionais, uma foto e um possível pedaço de tecido do cérebro encontrado no carro incriminariam Carpenter. Ele foi preso e levado a julgamento em 1994. Durante o processo, a defesa atacou as provas apresentadas como circunstanciais e inconclusivas. Carpenter foi liberado e manteve sua inocência até morrer, em setembro de 1998, e o caso continuou sem solução. Apesar disso, as

autoridades competentes continuam a acreditar na culpabilidade de Carpenter, já que nenhum outro suspeito foi mencionado no caso.

Jimmy Hoffa

O ator Danny de Vito também fez suas incursões ao mundo dos diretores de cinema. Num de seus filmes resolveu retratar, de maneira bastante inspiradora, a vida e a carreira de um dos mais famosos líderes sindicais norte-americanos, brilhantemente incorporado por Jack Nicholson. O filme *Hoffa – Um homem, uma lenda*, de 1992, fez um sucesso moderado e chamou a atenção para um mistério: o que teria acontecido a Jimmy Hoffa, que desapareceu em julho de 1975 e só foi declarado morto sete anos depois.

James Riddle “Jimmy” Hoffa nasceu na cidade de Brasil, no estado de Indiana, em 14 de fevereiro de 1913. Seus antepassados eram alemães e seu pai, um mineiro de carvão morto em 1920, quando o pequeno Jimmy tinha apenas 7 anos. A família foi para Detroit em 1924, e lá Hoffa foi criado e viveu pelo resto de sua vida. Começou a trabalhar com 14 anos, quando ganhou a reputação de “duro lutador de rua, que sempre defendia os direitos dos seus colegas trabalhadores contra os gestores das empresas onde trabalhou”. Devido à sua natureza, Hoffa perdeu vários empregos até começar a se envolver com atividades ligadas a sindicatos. Casou-se, em 1936, com Josephine Poszywak e teve dois filhos: Barbara Ann e James.

Tornou-se mais tarde líder sindical e autor norte-americano de pelo menos dois livros: *The Trials of Jimmy Hoffa*, publicado em 1970, que relatava o processo pelo qual seria julgado anos mais tarde, e uma autobiografia (*Hoffa: The Real Story*), publicada alguns meses após seu desaparecimento.

Esteve intimamente envolvido com um sindicato de caminhoneiros conhecido como International Brotherhood of Teamsters – IBT (Irmandade Internacional dos Caminhoneiros), entre 1932 e 1975. A entidade foi formada em 1903, pela fusão de várias organizações locais e regionais e caminhoneiros. Representava uma diversa coletividade de trabalhadores manuais e outros profissionais tanto públicos quanto privados. Em 2007, o mesmo sindicato contava com aproximadamente 1,4 milhão de membros.

Hoffa ocupou a presidência daquela entidade entre 1958 e 1971. Segundo relatos, teve papel importante no desenvolvimento da organização, que mais tarde veio a se tornar a maior dos Estados Unidos durante sua liderança, com um total de mais de 1,5 milhão de filiados. Tornou-se, assim, um dos homens mais influentes do país graças a seu relacionamento com outros homens influentes como os presidentes John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson e o ex-procurador-geral Robert F. Kennedy.

Porém, tal carreira não passou sem que tivesse alguns erros. Hoffa foi acusado e condenado, em 1964, por fraude e tentativa de suborno de um jurado. Depois de esgotar as tentativas legais para se safar, foi preso em 1967, com uma pena de treze anos de prisão. Apesar disso, só renunciou à presidência do Teamsters em meados de 1971, como parte de um acordo de perdão com o então presidente Richard Nixon, que facilitaria sua libertação no fim daquele mesmo ano. Também fazia parte do acordo que Hoffa não participasse de nenhuma atividade de cunho sindical até 1980. Hoffa ainda tentou reverter esse quadro, mas não obteve êxito.

O mistério que ronda sua morte começou no final de julho de 1975, por volta das 2h45 da tarde, no estacionamento do Machus Red Fox, um restaurante suburbano de Detroit. De acordo com relatos, ele teria ido lá se encontrar com dois líderes mafiosos de nomes Anthony Giacalone, de Detroit, e Anthony Provenzano, de Union City, Nova Jersey e Nova York. Provenzano também era um líder sindical dos Teamsters em Nova Jersey e havia sido alguém bem próximo de Hoffa no começo de suas atividades. Do restaurante, Hoffa telefonou para a mulher para lhe dizer que nenhum dos dois tinha aparecido para a reunião. Foi a última vez que alguém ouviu sua voz.

Quando, mais tarde, sua esposa notou sua demora em retornar do encontro, ligou para polícia informando que seu marido havia desaparecido. Quando a polícia chegou ao restaurante, encontrou o carro de Hoffa, mas nenhum sinal de seu proprietário, ou mesmo uma pista sobre o que teria acontecido com ele. Extensivas investigações começaram e duraram pelos anos seguintes, inclusive com a participação de grupos do FBI. Entretanto, tudo fora em vão. Ninguém conseguiu determinar o que teria acontecido ao ex-líder sindical. Tanto Giacalone, quanto Provenzano foram investigados e constatou-se que não estavam nas proximidades do restaurante naquela tarde, além do fato de que ambos negaram que houvessem marcado qualquer

encontro com Hoffa. O ex-líder sindical foi declarado morto em 1982, no sétimo aniversário de seu desaparecimento.

Um assassinato sem corpo, sem suspeitos, sem cena do crime e sem testemunhas. Sem dúvida, um dos maiores mistérios que já frequentaram os jornais e o meio trabalhista norte-americano. Quando do lançamento do filme de Vito, uma onda forte de teorias de conspiração veio à tona, e as mais estapafúrdias explicações foram dadas para seu sumiço, que iam de rituais secretos da Máfia a abduções por alienígenas (claro!). Hoffa era uma figura carismática e seu desaparecimento comoveu o país todo.

Até o ano do lançamento do filme, quando agentes do FBI escavaram um haras no Michigan. Os agentes obtiveram uma ordem de busca para entrar no local e imagens aéreas da TV mostraram a equipe que escavava um poço retangular, próximo a um estábulo. O agente especial de Detroit, Terry Booth, afirmou na época que havia uma nova pista no caso. Chegou a declarar que esperava encerrar o assunto e que não ia parar até encontrar o corpo. Àquela altura, muitas escavações haviam sido feitas, incluindo próximo a uma piscina, mas tudo em vão. Além disso, já naquela época muitos dos suspeitos do assassinato já haviam morrido.

Curioso saber que, apenas em 1983, o FBI concluíra que a morte de Hoffa foi ligada à sua luta para retomar o controle do Teamsters, cujo movimento poderia ter prejudicado os interesses da Máfia em controlar os fundos de pensões do sindicato.

Lizzie Borden

A Nova Inglaterra, uma região localizada na ponta nordeste dos Estados Unidos, foi o palco de mais um caso insolúvel. Dessa vez, de uma figura que, de tão polêmica, tornou-se personagem do folclore local: uma mulher chamada Lizzie Borden (1860-1927). Era uma solteirona que foi acusada de ser a personagem principal no duplo homicídio de seu pai e de sua madrasta, em 4 de agosto de 1892, em Fall River, Massachusetts. Ficou eternizada numa cantiga que possui a seguinte letra:

Lizzie Borden took an axe (Lizzie Borden pegou um machado)
And gave her mother forty whacks (E deu em sua mãe 40 machadadas)
When she saw what she had done (Quando ela viu o que tinha feito)

She gave her father forty-one (Ela deu em seu pai 41)

A rima teria sido feita por um escritor, com o objetivo de ajudar na venda dos jornais que cobriram o caso na época. O porém é que, embora o processo tenha avançado e Borden fosse absolvida de qualquer culpa, a imagem de assassina do machado ficou no imaginário popular.

Pesquisadores acusaram um distante parentesco entre a suposta assassina e o inventor do leite condensado, Gail Borden (1801-1874); com o primeiro-ministro canadense durante a Primeira Guerra Mundial, Robert Borden (1854-1937) e com a atriz Elizabeth Montgomery (1933-1995), famosa por sua interpretação nas oito temporadas do seriado *A feiticeira*.

Tudo começou no dia dos assassinatos, quando Andres J. Borden e sua esposa, Abby Borden, foram encontrados mortos. As duas únicas outras pessoas que estavam na casa eram Lizzie e a empregada da família, Bridget Sullivan. Testemunhas afirmaram que Sullivan limpava as janelas da casa quando Lizzie saiu e gritou para que ela chamasse o médico porque seu pai tinha sido assassinado. Mais tarde, o corpo da madrasta foi encontrado no segundo andar da casa. Ambos haviam sido mortos por pancadas causadas por um objeto pesado e aguçado, cujas marcas tornaram impossível a determinação de qual objeto teria sido. A única certeza que tiveram era a de que as duas vítimas tinham sido mortas com a mesma arma.

Pouco antes da tragédia, Andrew tinha ido até a cidade com seu cunhado, John Morse. Retornou às 10h30 e deitou-se no sofá para cochilar. Menos de uma hora depois, Lizzie teria descoberto o corpo. Esses fatos se tornaram a única confirmação de um caso onde todas as demais informações são fruto de especulações e testemunhos conflituosos.

Durante a investigação policial, foi encontrado um machado no porão e desde então foi considerado a arma do crime. Embora estivesse limpo, parte de sua alça estava faltando e o oficial encarregado do caso declarou que isso era porque a acusada tinha se livrado dela por estar coberta de sangue. Porém, há o relato de um policial chamado Michael Mullay, que testemunhou que o machado estava em outro lugar, o que lançou sérias dúvidas sobre ser ou não a verdadeira arma do crime, que até os dias de hoje permanece um mistério.

Nenhuma roupa suja de sangue foi encontrada, mas pouco depois do assassinato, Lizzie foi pega queimando um de seus três vestidos azul-claros,

alegando que havia derramado tinta nele. Testemunhos contraditórios duvidam do que Lizzie vestia no dia em questão, alguns diziam que seu vestido era marrom, outros falavam que era mesmo azul-claro mas de outro tipo.

Um detalhe que o tribunal deixou passar: Lizzie estava menstruando quando os crimes aconteceram. A polícia, assim, ignorou a acusada, que possuía muitas roupas com sangue em seu quarto. A empregada as levou da casa para serem lavadas. Enfim, qualquer um desses fatos poderia ajudar a lançar uma luz no mistério, mas nada disso foi mencionado durante o julgamento.

Após uma hora de deliberação do júri, Lizzie foi inocentada e libertada. Mas o mistério continuou: por que o casal Borden foi morto e por quem?

Várias teorias apareceram com o tempo. Uma delas dizia que Andrew tinha modificado recentemente seu testamento e que o documento excluía os direitos de Lizzie, mas nenhum testamento foi encontrado para corroborar.

Uma segunda versão explicava que Lizzie era lésbica e tinha um caso amoroso com a empregada e que isso foi descoberto por sua madrasta. O fato era que tanto Andrew quanto sua esposa eram odiados pela sociedade de então, portanto qualquer um poderia ter um motivo cabal para matá-los.

Uma terceira versão fala que a empregada foi a assassina e que teria cometido o ato porque Borden pediu para que ela lavasse as janelas, ato que seria, a seu ver, ultrajante num dia que estava bastante quente, mesmo depois de ter se recuperado de uma intoxicação por ingestão de alimentos envenenados. De fato, toda a casa ficou doente por causa de comida estragada por uma geladeira quebrada que o pão-durismo de Andrew se recusava a deixar consertar.

Há ainda uma versão de que Lizzie era epilética durante seu ciclo menstrual e, por vezes, entrava num estado de sono semelhante ao sonambulismo e que, assim, matou o casal inconscientemente.

O julgamento teve uma grande cobertura por parte da mídia da época e, mesmo com a absolvição, Lizzie foi condenada ao ostracismo pelos vizinhos. E seu nome voltou aos jornais algum tempo depois, quando foi acusada de roubar um produto de uma loja.

Apesar das evidências, as mortes nunca foram solucionadas e por muito tempo, sempre no aniversário dos assassinatos, a imprensa sensacionalista novamente a acusou pelo crime. A casa onde o crime foi cometido é hoje um

bed and breakfast, um alojamento que oferece cama e café da manhã por tarifas convenientes. Diz-se que, quando um dono anterior foi renovar a ocupação do imóvel, encontrou uma machadinha que foi dada à polícia, mas que não provou nada. Lizzie, anos mais tarde, comprou Maplecroft, uma mansão adquirida com o dinheiro herdado do pai após ser inocentada. Hoje é uma residência privada e é aberta ocasionalmente à visita pública.

E o mistério continua...

Jack The Stripper

O nome pode parecer mais uma sátira produzida por uma revista do tipo *Mad*, mas na verdade foi mais um caso sério, tão intrigante que foi transformado em filme, em 1972, por ninguém menos que o mestre do suspense, Alfred Hitchcock. Eis a sinopse da obra do diretor inglês:

Londres está sendo aterrorizada por um assassino em série que estupra suas vítimas e as mata estranguladas com uma gravata. Sabendo que pode ser preso a qualquer momento, o assassino resolve incriminar um amigo, Richard Blaney, mas ele fará de tudo para provar sua inocência.

O nome do caso, na verdade, é Jack The Stripper. A semelhança com o caso do Estripador não está apenas no nome recebido ou no fato de que ambos atacaram em Londres. Esses assassinatos, que ficaram conhecidos também como as Mortes de Hammersmith e Os Nus de Hammersmith, aconteceram entre 1964 e 1965.

A vitimologia, ou seja, o estudo das vítimas e dos danos que aquelas sofreram, deixaram o caso muito similar ao do Estripador. É claro que Hitchcock teve que fazer algumas alterações com o intuito de suavizar a história para a época em que foi gravada, mas isso não impediu que ele deixasse registrado todo o mistério que permeou o caso.

No total foram seis vítimas confirmadas, todas prostitutas, como no caso do Estripador. A lista abaixo mostra a relação de vítimas confirmadas:

- Hannah Tailford – 30 anos, encontrada morta em 2 de fevereiro de 1964. Foi estrangulada e faltavam vários de seus dentes. Sua lingerie

havia sido forçada dentro de sua garganta.

- Irene Lockwood – 26 anos, encontrada morta em 8 de abril de 1964, às margens do Tâmesa, não muito distante de onde Tailford foi encontrada. As duas mortes, bem como a de uma terceira vítima não ligada oficialmente (Elizabeth Figg), apresentaram uma ligação tão nítida, que a polícia declarou que oficialmente estavam atrás de um assassino em série. Um zelador, Kenneth Archibald, confessou este assassinato quase três semanas depois, mas tal confissão foi descartada devido a várias inconsistências dos eventos e à descoberta da vítima oficial seguinte.
- Helen Barthelemy – 22 anos, descoberta morta em 24 de abril de 1954, num beco em Brentford. Essa morte deu aos investigadores sua primeira prova concreta, flocos de tinta usada em fábricas de carros. A polícia achou que a tinta vinha do local onde o assassino trabalhava e logo se concentraram em localizar sua origem.
- Maty Flemming – 30 anos, encontrada morta em 14 de julho de 1964, numa rua do distrito de Chiswick, onde havia uma presença maciça de forças policiais. Mais uma vez, foram encontradas manchas de tinta no corpo. Muitos vizinhos também ouviram um carro dar marcha a ré pouco antes de o corpo ser descoberto.
- Frances Brown – 21 anos, descoberta morta em 23 de outubro de 1964, por sua amiga prostituta, natural de Edimburgo. Foi vista pela última vez com vida por sua amiga prostituta, Kim Taylor, antes de o corpo ter sido descoberto num beco em Kensington, um mês depois. Taylor, que estava com a vítima quando esta se juntou ao assassino, forneceu à polícia um cenário desenhado com uma descrição do carro do culpado.
- Bridget O'Hara – 28 anos, irlandesa, encontrada morta alguns dias depois de Brown, num armazém. Mais uma vez havia flocos de tinta que foram rastreadas até um transformador apenas alguns metros do local do crime. Ela também mostrou sinais de ter sido guardada num ambiente quente. O transformador era usado tanto para misturar a tinta quanto para preservar o corpo.
- Há ainda duas vítimas que não estão ligadas oficialmente ao caso, mas são consideradas até hoje suspeitas de serem resultado da ação do Stripper:
- Elizabeth Figg – 21 anos, descoberta morta em 17 de junho de 1959, exatos cinco anos após o início dos assassinatos do Stripper, próximo

do rio Tâmesa, em Chiswick. Sua morte é considerada por alguns como tendo similaridades com as demais vítimas, como a localização do corpo e por ter sido morta por estrangulamento.

- Gwynneth Rees – 22 anos, do País de Gales, encontrada morta em 8 de novembro de 1963. Mais uma vez, os investigadores acharam que poderia ter sido uma vítima devido às mesmas similaridades das demais vítimas. Neste caso seus dentes também faltavam.

O encarregado do caso, John Du Rose, da Scotland Yard, entrevistou cerca de sete mil suspeitos. Fez então uma coletiva de imprensa e anunciou falsamente que a polícia havia chegado a um grupo de vinte suspeitos. E pouco depois anunciou que restavam apenas dez suspeitos, por fim três. Curiosamente, o Stripper não matou mais ninguém depois daquela vez.

Como no caso do Estripador, os ataques do Stripper cessaram tão de repente quanto começaram, e geraram pouquíssimas pistas que ajudassem a polícia. O suspeito favorito de Du Rose era um segurança escocês chamado Mungo Ireland, que foi identificado num programa da BBC, de 1970, como um homem respeitável de seus 40 anos, que teria sido identificável logo após a morte de O'Hara, quando flocos de tinta industrial foram rastreados até a empresa que o empregava. Pouco depois do ocorrido, ele cometeu suicídio com monóxido de carbono e deixou um bilhete dizendo “não aguento mais”.

Uma investigação moderna revelou que, na época dos ataques, Ireland estava na Escócia e, portanto, não poderia ter sido o Stripper. Um livro recente acusou o campeão de peso pesado de boxe, Freddie Mills, de ser o assassino, embora nada tenha sido provado, mais uma vez.

Foi também levantada a hipótese de que pelo menos duas das vítimas, Hannah Tailford e Frances Brown, estavam ligadas a um grupo alternativo que produzia filmes pornô. Mais uma vez, nada foi provado e o caso permanece como um mistério para a polícia londrina.

O Assassinato do Vampiro

Nossos dois últimos casos são os menos divulgados, mas constam entre os mais estudados pelos pesquisadores de criminologia, e por isso mesmo

merecem ser citados.

O primeiro remete-nos à cidade de Estocolmo, na Suécia, de 1932. No dia 4 de maio, uma prostituta foi encontrada morta em seu pequeno apartamento numa área chamada Atlas, próxima a Sankt Eriksplan. Ela tinha 32 anos e havia sido assassinada já fazia alguns dias. Seu crânio estava despedaçado, e os detetives notaram que alguém havia bebido seu sangue. Não é nem preciso dizer o nome pelo qual o caso ficou conhecido: O Vampiro de Atlas ou O Assassinato do Vampiro.

Nenhuma prisão foi realizada em conexão com o caso e a coisa toda permanece sem solução até hoje.

Imaginem a histeria no momento em que esse caso em particular foi revelado. Muitos acreditavam que havia poucas informações disponíveis para o público. Muitos suspeitos foram levantados, inclusive supostos “vampiros” que chegaram de fato a matar suas vítimas para se aproveitar de seus “fluidos vitais”, mas absolutamente nada foi concluído.

Antes que alguém faça alguma crítica, é necessário lembrar que falamos de 1932, uma época em que os casos eram resolvidos à base de testemunhos, provas colhidas com impressões digitais, recolhimento de tipos sanguíneos e outras evidências que ligariam vítima a agressor. O exame de DNA não estava disponível e nem mesmo há registros da época que informem como os policiais chegaram à conclusão de que o sangue da vítima foi ingerido.

Há também alguns detalhes que chamam a atenção para o caso e que podem ter contribuído para que permanecesse insolúvel. Como a região era conhecida como um bairro de prostitutas, algo semelhante a Whitechapel, na Inglaterra, onde Jack, o Estripador atacou, a morte não recebeu a atenção que merecia e, assim, as pistas podem simplesmente ter se perdido por uma questão de preconceito das autoridades.

Outro ponto levantado pelos pesquisadores: se, por exemplo, o sangue estava em objetos de extração de sangue como seringas, que seria um objeto relativamente comum na casa de uma prostituta, poderia haver mais sinais que indicariam a extração do fluido. Talvez o sangue tivesse caído no chão e sido pisado pelo assassino, o que levou à falsa premissa de que o autor poderia ser uma “criatura da noite” ou algo mais fantástico.

Curiosamente a região, hoje, está um pouco alterada, e pouco, ou quase nada, se encontra que lembre o terrível assassinato que lá ocorreu. Os registros profissionais da polícia dão conta de que o caso foi esquecido e

nenhum dos envolvidos revelou maiores detalhes para as pessoas. Pelo visto, este será um caso que cairá no imaginário popular e será fonte de novas produções de cinema e TV. E justamente por ter poucas informações é estudado com atenção até os dias de hoje.

Os assassinatos de Camden Town

O tal assassinato do título aconteceu num distrito na região noroeste de Londres. Aconteceu em 1907, onde, em 11 de setembro, Emily Dimmock, conhecida como Phyllis, uma prostituta que atuava em meio período e que havia enganado seu parceiro, Bertram Shaw, um ferroviário, foi morta em sua casa. Depois do ato sexual, o homem rasgou por completo a garganta dela enquanto ela dormia, depois saiu da casa de manhã. No dia seguinte, Shaw voltou para casa após passar a noite fora e encontrou seu quarto trancado. Pediu uma cópia da chave para seu vizinho e encontrou Phyllis deitada nua na cama com a garganta cortada de orelha a orelha. Nada de muito valor foi levado do quarto e o motivo permaneceu um mistério. O caso logo se tornou uma sensação num país que ainda tentava se recuperar dos ataques de Jack, o Estripador.

Depois de começar as investigações, os policiais liderados pelo inspetor Neill conseguiram centrar seus esforços em Robert Wood, um artista que tinha uma relação com Ruby Young, que reconheceu sua letra num cartão postal encontrado no quarto da vítima. Wood foi levado a julgamento pelo assassinato, durante o qual o promotor lançou mão do exame minucioso das provas colhidas. Porém o próprio juiz se convenceu da inocência do acusado e da precariedade do caso. Assim, o juiz insistiu para que o júri chegasse logo a uma conclusão baseada nas provas. Quinze minutos depois, o caso chegava ao fim sem uma condenação.

O artista germano-britânico Walter Sickert adotou a denominação *O Assassinato de Camden Town* para uma série de esboços, pinturas e desenhos produzidos entre 1908 e 1909, no qual os elementos predominantes são um homem vestido sentado à beira de uma cama, com uma mulher nua virada de encontro à parede. A pintura, que recebeu um subtítulo que nada tinha a ver com o assassinato que a inspirou (*Como vamos fazer para pagar o aluguel?*), foi usada pela escritora policial norte-americana Patricia

Cornwell como “prova” no longo processo custodiado por ela mesma para provar que Sickert era a verdadeira identidade de Jack, o Estripador.

Uma pesquisa recente divulgada pelo Discovery Channel revelou que o assassinato de Camden Town é o terceiro maior mistério policial daquele país, perdendo apenas para, claro, os assassinatos de Jack, o Estripador e para outro caso insolúvel menos conhecido, ocorrido em Peasenhall, um vilarejo em Suffolk, também na Inglaterra. Lá uma dama chamada Rose Harsent foi brutalmente assassinada e um residente local, William Gardiner, foi julgado pelo crime. Por maioria, um segundo julgamento foi realizado, mas o acusado terminou por fugir e o verdadeiro assassino nunca foi encontrado.

Livros e especiais para a TV britânica foram feitos, nos quais procuraram levantar maiores informações sobre a vida da vítima, porém sem muito sucesso, uma vez que, como no caso do Vampiro, pouco ou quase nada foi divulgado que garantisse uma consistência no caso.

Capítulo 15

Os nazistas já sabiam sobre discos voadores?

Um dos pontos mais controversos quando se fala de nazismo e de suas supostas raízes esotéricas está nos chamados discos voadores. Boatos sobre discos voadores já eram comuns na época anterior à Segunda Guerra Mundial. Muitos historiadores sérios garantem, em trabalhos e páginas acadêmicas na internet, que esse tipo de boato, apesar de comum, nada tem a ver com uma comprovação séria sobre a tecnologia nazista. É claro que os conspiracionistas precisariam deixar Hitler e os alemães ainda mais diabólicos do que já se encontravam, e falar sobre pactos nazistas com forças sobrenaturais e seres de outros planetas seria o caminho mais lógico para conseguir isso.

Mas vamos analisar o assunto com muito cuidado para não nos enrolarmos nessa teia estranha de histórias. Vamos começar com um texto recente. O seguinte trecho é uma reprodução de um artigo de Kevin McClure, um especialista e estudioso dedicado aos OVNI's nazistas que, por sua vez, mantém uma página em inglês com detalhes interessantes sobre esse assunto. Veja o parágrafo de abertura:

Uma das poucas referências que não consegui encontrar antes de escrever esta parte é um livro, provavelmente de 1993, chamado *Close Encounters of the Kugelblitz Kind*, por Vladimir Terziski. Terziski apareceu primeiro dentro ou ao redor daquele ano, reivindicando ser o “Presidente, Academia Americana de Ciências Dissidentes, 10970 Ashton Ave. #310, Los Angeles, CA 90024, EUA”. Quando escrevi para a Academia pedindo por informação adicional, minha carta foi devolvida, pois a Academia não foi conhecida no endereço. Ele também alega que ele é “um engenheiro e físico búlgaro, graduado *Cum Laude* do programa de Mestrado em Ciência da Universidade de Tokai em Tóquio, em 1980. Serviu como pesquisador de energia solar na Academia Búlgara de Ciências, antes de imigrar para os EUA, em 1984”.

Por que esse nome parece ser tão interessante? Porque ele teria informações interessantes sobre os OVNI's nazistas. Essa estranha figura fala muito sobre Renato Vesco, um engenheiro italiano que trabalhou com os alemães durante a Segunda Guerra Mundial e que chegou a ocupar um cargo de gabinete com o governo italiano da época. O misterioso Terzinski define Vesco como “o Wernher von Braun italiano, o cientista pesquisador responsável pelo programa de Pesquisa e Desenvolvimento Especial da Força Aérea Italiana durante a guerra”.

Mas o que este e outros nomes ligados aos nazistas teriam de tão especial para serem lembrados até hoje? Bem, segundo várias fontes impressas e eletrônicas, todos eles teriam conhecimento de que, durante a guerra, uma “raça tutora alienígena” teria começado a cooperar secretamente com alguns cientistas alemães, ainda no final da década de 1920. Seu objetivo seria introduzir conceitos avançados de progresso tecnológico, filosófico e cultural de maneira discreta e que não fosse facilmente identificado pelos inimigos aliados.

Terzinski afirmou, por exemplo, que sua própria pesquisa indicou que a pesquisa alemã com naves que continham dispositivos antigravidade teria começado naquela mesma década, com a “primeira nave híbrida de antigravidade circular, a RFZ-1, construída pela Sociedade Secreta chamada Vril”.

Outro registro que o “pesquisador” esotérico teria indicaria a existência de uma série de máquinas que funcionariam com dispositivos do mesmo tipo,

entre 1942 e 1943. Essa série de máquinas teria culminado numa estação espacial enorme, batizada de Andrômeda, que mediria aproximadamente 106 metros de comprimento e que tinham formato de charuto. Essa maravilha da tecnologia teria sido construída em antigos hangares de zepelins próximo de Berlim, com o apoio da E4, uma espécie de divisão de pesquisa e desenvolvimento ligado às SS.

Vesco é citado como autor de certos comentários sobre o uso excessivo dos nazistas de trabalho escravo por, acreditem se quiser, “membros da SS puramente concebidos que vivem no subterrâneo, conduzindo experiências genéticas que continuam aquelas da Segunda Guerra, em prosseguimento do ‘pacto Alemães-Nazistas-Illuminati’, que foi estabelecido ‘com as raças-serpente’ muito anos antes que o governo híbrido ‘secreto/convencional’ o fizesse”.

Assim, não teríamos essencialmente uma só raça alienígena, mas sim várias, que, ao combinarem suas forças, teriam dado aos seguidores de Hitler um poder bélico incalculável. E essas são apenas duas histórias simples que aparecem quando se estuda esse assunto. Há seguidores neonazistas até hoje, em alguns países europeus e americanos, que acreditam que o conhecimento tecnológico adquirido pela troca de experiências com essas raças alienígenas já vinha de antes da Primeira Guerra Mundial e que foram criados vários grupos que teriam por objetivo proteger esse “tesouro nazista” até o advento do Quarto Reich.

Foo Fighters

Tudo que envolve esse tema tem uma raiz em assuntos amplamente conhecidos e divulgados em meios científicos. A capacidade de manipulação desses dados é que realmente impressiona. Por exemplo, o site da Infa (Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais) afirma que qualquer pessoa que se dedique a estudar relatos de pilotos na Segunda Guerra Mundial poderá constatar que, de fato, houve vários relatos de militares aliados que falavam sobre o avistamento de “estranhas esferas luminosas que surgiam inesperadamente e costumavam voar em formação com seus aviões”. Esses objetos não identificados causavam falhas nos radares de bordo e logo se tornaram conhecidos das pessoas pelo nome de Foo Fighters, um termo originário da junção das palavras francesas “feu”

(fogo) e “fou” (insano) com a palavra inglesa “fighter” (avião de caça). E foi esse o nome com que os norte-americanos batizaram essas bolas de luz.

Como se tratava de algo de que não se conhece explicação lógica, e como estamos falando de uma época em que o fogo cruzado da Segunda Guerra estava em plena ação, a explicação mais convincente acusou o fenômeno de ser uma arma secreta dos nazistas. E o mais curioso é que essa chegou a ser a opinião predominante, segundo relatos de militares da época, pelo menos até que o conflito terminasse e os aliados chegassem à conclusão de que as estranhas luzes não eram nenhuma arma nazista. Na verdade, também os alemães tinham problemas com os *foo fighters*, conforme provam relatos de pilotos da Luftwaffe, a ponto deles terem criado, em 1944, um projeto secreto de investigação que ficou conhecido como “Sonder Büro nº 13” (Base Especial nº 13).

O site da Infa também diz que tal projeto possuía um nome de código para disfarçar sua verdadeira atividade, que era conhecido como Operação Uranus. As atividades eram acompanhadas por equipes compostas por oficiais de aviação, engenheiros aeronáuticos e conselheiros científicos. O objetivo desses alemães era “recolher, avaliar e estudar os relatórios de observações dos pilotos sobre estranhos objetos voadores que apareciam perto dos aviões alemães e, ainda, voavam com eles em formação durante alguns minutos”.

Essa preocupação alemã com as luzes brilhantes começou em 1943, quando o Estado-maior do Exército do Ar da Alemanha começou a receber cada vez mais relatórios sobre esses estranhos avistamentos. Assim, somente o fato de existir um projeto nazista para o estudo do fenômeno prova que não se tratava de uma “arma secreta de Hitler”.

Por sua vez, no lado inimigo e no mesmo ano, os ingleses já tinham uma pequena organização em andamento, que estudava o mesmo fenômeno, chamado projeto Massey. Uma das conclusões mais incríveis de suas investigações era que as luzes que circulavam no meio dos bombardeios da guerra eram “flashes provocados com fins psicológicos para desorientar e assustar os pilotos”. Em resumo, os ingleses estavam convencidos de que realmente se tratava de uma arma psicológica nazista.

O inquérito preliminar conduzido pelo projeto Massey, e que chegou a conclusão tão estranha, refletiu, assim, a opinião dos aliados. O site Painel OVNI <<http://www.painelovni.com.br>>, ligado ao Centro Brasileiro de

Pesquisas Ufológicas, traz um artigo sobre o assunto onde consta o depoimento de um ex-oficial aviador da USAF que atuou na Segunda Guerra, colhido para a revista *American Legion Magazine*, de Nova York. Confira a seguir a transcrição:

[...] provavelmente os *foo fighters* são o desenvolvimento de uma arma psicológica usada pelos alemães. Durante as missões noturnas sobre a Alemanha Ocidental, eu avistei, por várias vezes, discos ou globos luminosos que perseguiram as formações aéreas. Como se sabe, os caças noturnos alemães tinham potentes faróis colocados na proa ou nos cubos das hélices... faróis que tinham a finalidade de apontar para o alvo, para enquadrá-lo melhor, e também para ofuscar as metralhadoras das torres de comando dos bombardeiros inimigos. E esses faróis resultavam em frequentes alarmes que provocavam uma contínua tensão nervosa nas tripulações de nossos aviões, baixando o rendimento das suas ações. E no último ano de guerra, os alemães enviaram contra nós certo número de corpos luminosos aéreos radiocomandados para perturbar o dispositivo de ascensão dos motores e o funcionamento do radar de bordo.

Aparentemente, esta é uma fonte que diz, textualmente, que os militares norte-americanos também achavam que os *foo fighters* eram uma arma secreta alemã, embora desconhecessem por completo que os alemães também se esforçavam para compreender o mesmo mistério.

É claro que isso se espalhou entre as pessoas por fontes não oficiais e os boatos começaram. A mesma revista norte-americana colheu outros depoimentos de ex-oficiais que davam uma versão ainda mais estranha sobre as luzes: elas seriam, na verdade, aparelhos controlados por rádio, que os alemães teriam usado para interferir nos radares inimigos durante os bombardeios noturnos.

Foi preciso que o projeto Massey lançasse mão de um espião infiltrado na Alemanha, para descobrirem que as luzes não eram dispositivos nazistas, já que estes pensavam que se tratava de uma arma secreta dos aliados. Depois disso, o projeto foi extinto em 1944, quase ao mesmo tempo em que o tal espião foi preso e executado na primavera daquele ano.

A Infa fala ainda que Renato Vesco, que na época se apresentava como engenheiro aeronáutico, foi um dos responsáveis por espalhar a história do

envolvimento alemão com OVNI's e mais especificamente com os *foo fighters*. Ele afirmava que as luzes eram “veículos voadores não tripulados com o nome código de ‘Feuerball’ (Bola de Fogo)”. Esses supostos aparelhos tinham a finalidade de realmente atrapalhar os radares aliados por meio da “ionização da atmosfera obtida a partir de fortes campos eletrostáticos e impulsos eletromagnéticos gerados por válvulas Klystron”. Eles seriam mesmo controlados por terra, por meio de ondas de rádio, e tinham sua propulsão gerada por meio de um motor de reação, que era de um tipo secreto que criava o halo luminoso característico avistado pelos pilotos.

É claro que, tudo junto, só poderia mesmo criar o ambiente propício para os boatos que cercaram os nazistas e as acusações de envolvimento destes com raças alienígenas que tentariam ganhar para eles a guerra.

Assim, não é de se espantar que muitos lembrem os relatos e impressões colocadas por Terzinski, que lançou mão dos relatórios e dados fornecidos por Vesco para falar dos supostos “progressos” tecnológicos dos nazistas.

O problema maior quando se estuda o caso é que mesmo os estudos do “pesquisador”, que não se baseiam diretamente em relatos de nazistas, são um tanto controversos. Por exemplo, quando falava sobre as supostas viagens dos seguidores de Hitler para a Lua ou Marte. Vejamos nas próprias palavras dele como esses feitos incríveis aconteceram:

Os alemães pousaram na Lua já em provavelmente 1942, utilizando o maior de seus foguetes-discos exoatmosféricos do tipo Miethe e Schriever. O foguete Miethe foi construído em diâmetros de 15 e 50 metros, e a turbina Walter que movia a nave Schriever projetada como um veículo de exploração interplanetária. Tinha um diâmetro de 60 metros, com 10 andares de compartimentos para tripulação, tendo 45 metros de altura [...].

Desde seu primeiro dia de pouso na Lua, os alemães começaram a perfurar e a escavar a superfície, e, ao final da Segunda Guerra, havia uma pequena base de pesquisa nazista na Lua. O motor de energia livre de táquion do Haunibu tipos 1 e 2 foi usado depois de 1944 para levar pessoas, material e os primeiros robôs para o local de construção na Lua. Quando os russos e americanos pousaram em conjunto na Lua secretamente, no começo dos anos 1950, com seus próprios discos, eles passaram sua primeira noite lá como convidados da base subterrânea nazista.

Vamos ver agora algumas informações colhidas de vários documentários alemães sobre essas naves. Segundo esses filmes, a única nave do tipo Haunibu-3, nome de um encouraçado de guerra de 74 metros de diâmetro, teria sido escolhida para realizar uma viagem a Marte. Essa nave tinha o formato de um disco voador tradicional e também possuía, além de motores Andrômeda Táquion maiores que os já utilizados, quatro torres de armas de “calibre naval grande triplo”, sendo três delas de cabeça para baixo e fixas do lado inferior da nave, além da quarta, localizada acima dos compartimentos de tripulação.

Como teria sido composta essa tripulação tão corajosa? Os documentários são quase unânimes em afirmar que os componentes eram alemães e japoneses que teriam plena noção de que se tratava de uma missão suicida, ou seja, de uma viagem que teriam poucas ou nenhuma chance de voltar.

Há também certos textos, que circulam em páginas de internet, que descrevem os elementos estruturais componentes do motor dessa nave, que possuíam campos eletromagnéticos de grande intensidade e eram compostos de uma liga metálica de baixa qualidade, o que faria com que a nave enfrentasse fadiga mais rapidamente.

Esse voo teria acontecido um mês antes do fim oficial da Segunda Guerra, abril de 1945, e teria sido controlado por meio de mensagens de rádio recebidas por um centro de controle subterrâneo, gerenciado por alemães em Neu Schwabenland e na sua base lunar.

Todas essas naves teriam mesmo existido? Para os pesquisadores e historiadores, tudo isso não passa de mais uma tentativa de mostrar o quanto os nazistas eram traiçoeiros e de má índole. Mas a relação das supostas “máquinas voadoras” encontradas em livros e páginas de internet é de impressionar. Vejamos algumas das mais citadas, a maioria criada pela Sociedade Vril:

Nave Original: Seria uma máquina do tempo que foi testada por dois anos. Teria sido desmontada no começo de 1934 e levada para Augsburg. Afirma-se que era um projeto baseado em informações extraídas de uma raça alienígena vinda de um planeta que orbitava a estrela de Aldebaran (Alfa Tauri).

RFZ-1: A sigla RFZ vem do termo “runflugzeug”, que significa “aeronave redonda”. Seria uma nave criada em 1934, que se acidentou em baixa altitude no primeiro teste realizado.

RFZ-2: Nave completada no fim de 1934, tinha quase cinco metros de comprimento e teria sido a primeira construída com “direção de impulso de campo magnético”. Supostamente foi flagrada por uma foto em 1940, quando estaria em operação, ao sobrevoar o Oceano Atlântico.

RFZ-4: Nave de teste movida por hélices com a finalidade de estudar a aerodinâmica de uma nave em forma de disco. Seria um experimento das SS (unidade E4).

RFZ-5: Conhecida como Haunebu I (de “nebel”, neblina). Media quase 26 metros de comprimento e teria sido posta em funcionamento em agosto de 1939, quando teria sobrevoado Praga. Teria uma tripulação de oito pessoas e alcançava a velocidade de mais de 19 mil quilômetros por hora e seria equipada com duas armas laser.

RFZ-6: Conhecida como Haunebu II, teria formato variado entre 26 e 30,5 metros de diâmetro e 9 e 11 metros de altura. Atingia a incrível velocidade de quase 6 mil quilômetros por hora. Há plantas que mostram como seria essa máquina, que teria sido projetada para conter dormitórios e uma arma de raio donar, embora ninguém saiba explicar que raio é esse.

Haunebu III: Nave em formato de disco, supostamente projetada para o espaço pela SS E4. Haveria várias versões de fotografias que a mostrariam. Possuiria quase 122 metros de diâmetro.

Projeto Andrômeda: Nave de grande capacidade supostamente projetada pela SS E4 para viagens estelares, que teria a capacidade de transporte de mais de 100 toneladas e 109 metros de diâmetro.

As demais naves que são citadas a seguir são classificadas como sendo todas Vril com 6 a 12 metros de diâmetro:

RFZ7T: Suposta nave iniciada em 1942 e descrita como sendo “nave leve, confiável e funcional”.

Vril I: Nave de quase 11 metros de diâmetro, que teria sido armada e testada antes do final de 1942. Teria voado em Brandeburgo e, apesar de sua velocidade atingir os 11.265 quilômetros por hora, mudava de direção instantaneamente.

Vril II: Nave que seria tão grande quanto a Vril I, e que teria possuído um motor de ar-água no centro da nave e que girava rapidamente como um tornado, seguindo um princípio de implosão original de Schauburger, e que neutralizaria a gravidade.

V7: Nave que teria sido considerada uma arma nazista de retaliação. Teria sido construída com doze motores a jato BMW e teria alcançado a altitude de 24.384 metros em testes realizados sobre o Mar Báltico, em 1945. Teria em sua estrutura um domo esférico cercado por uma asa giratória com lâminas de turbina.

É interessante verificar que, embora haja um grande número de obras literárias que explorem esse assunto, os supostos discos voadores dos nazistas são baseados em fatos e rumores que realmente aconteceram. É extremamente difícil registrar tudo isso num texto explicativo, principalmente para quem não conhece o ambiente no qual a Segunda Guerra Mundial aconteceu. Mesmo aqueles que publicaram artigos em livros e na internet sobre o assunto admitem que muito do que sabem sobre o assunto está mais para um amálgama de História e ficção do que um material de uma pesquisa séria.

Por isso mesmo, resta-nos fazer apenas uma pergunta sobre este estranho tópico: se os nazistas tinham mesmo acesso a ETs e tecnologia de outro planeta, como foi que a conseguiram em primeiro lugar?

Bem, de acordo com as várias fontes sobre o assunto, a mescla entre ETs e arianos sobreviventes é inevitável. A aura de mito que afirma que os arianos são a versão original da humanidade com seus poderes sobrenaturais e constituição próxima a de deuses, era de se esperar que afirmassem que haveria similaridades entre essa suposta raça original da humanidade e

aliens. Assim, afirmam as fontes, os nazistas nada mais estariam fazendo além de “ir em busca de seu legado das estrelas”.

Rudolf Luser, autor de *German Secret Weapons of the Second World War*, explica mais alguma coisa sobre o assunto:

Discos voadores têm girado pelo mundo desde 1947, aparecendo de repente aqui e lá, planando e partindo novamente a velocidades sem precedentes, com chamas envolvendo a beirada do disco. Eles foram localizados através de radar, perseguidos por caças, mas ninguém até agora teve sucesso em estabelecer a existência de tal “disco voador” ou conseguiu abater um ao chão. O público, até mesmo os peritos, está perplexo por um mistério ostensivo ou um milagre técnico. Mas lentamente está se revelando a verdade de que até mesmo durante a guerra, os trabalhadores e cientistas de pesquisa alemães fizeram os primeiros movimentos na direção desses “discos voadores”. Eles construíram e testaram tais aparelhos quase milagrosos. Os peritos e colaboradores nesse trabalho confirmam que os primeiros projetos, chamados “discos voadores” [N.T.: *flying discs*, não *flying saucers* no original em inglês], foram empreendidos em 1941. Os desenhos para esses “discos voadores” foram feitos pelos peritos alemães Schriever, Habermohl e Miethe, e o italiano Bellonzo. Habermohl e Schriever escolheram um anel de superfície ampla que girava em volta da cabine fixa do piloto em forma de cúpula. O anel consistiu em discos-asas ajustáveis que poderiam ser levados à posição apropriada para a decolagem ou voo horizontal, respectivamente. Miethe desenvolveu um prato em forma de disco de um diâmetro de 42 metros no qual foram inseridos jatos ajustáveis. Schriever e Habermohl, que trabalharam em Praga, decolaram com o primeiro “disco voador” no dia 14 de fevereiro de 1945. Dentro de três minutos, eles subiram a uma altitude de 12.400 metros e alcançaram uma velocidade de dois mil quilômetros por hora em voo horizontal. A intenção final era alcançar velocidades de quatro mil quilômetros por hora.

Para Kevin McClure, o autor dos estudos sobre os OVNI's nazistas, a mais antiga referência sobre a existência dessas máquinas viria mesmo de 1950, quando os relatos de discos voadores eram comuns na imprensa mundial. Em 27 de março daquele ano, o jornal italiano *Il Mattino dell'Italia Centrale* publicou um desenho feito pelo engenheiro Giuseppe

Belluzzo de aeronaves circulares que haviam sido desenvolvidas na Itália e na Alemanha desde 1942. Aparentemente, Belluzzo teria afirmado que naquele ano os tais discos voadores, que não chegaram a ser testados durante a guerra, já se encontravam prontos para lançarem bombas atômicas, eram não tripulados e tinham 10 metros de largura.

A história foi publicada em outros periódicos italianos, como os jornais *Il Corriere della Sera*, *La Nazione*, *La Gazzetta del Popolo* e *Il Corriere d'Informazione*.

Verga teria falado um pouco sobre as afirmações do engenheiro e sobre sua pessoa. Belluzzo teria vivido entre 1876 e 1952, e era “um perito de turbinas que publicou quase cinquenta livros técnicos”, eleito para o parlamento fascista antes da guerra e que atuou como ministro da Economia Nacional entre 1925 e 1928. Mesmo McClure diz em seu artigo que, de fato, teve acesso a um dos livros técnicos do engenheiro, edição de 1926, traduzida para o inglês. O mais interessante nesta história é que, embora fosse uma pessoa com grandes conhecimentos técnicos, Belluzzo nunca afirmou ter construído um disco voador ou citado os nomes dos que trabalharam com os alemães nesse projeto. Nenhum dado técnico a respeito da atuação dessas supostas máquinas foi mostrado ao mundo.

Não podemos dizer, ao certo, o que teria levado um homem, que já havia sido ministro fascista, a fazer essas afirmações. Seria Belluzzo um dos construtores das naves e que, por algum motivo, desistiu de fazê-lo e, mais tarde, procurou um pouco de glória para sua nação derrotada?

O fato é que muito material sobre esse assunto circula, mas é quase impossível encontrar algo que realmente prove se os nazistas, alguma vez, tiveram tal conhecimento e tecnologia em suas mãos.

Capítulo 16

Os Kennedy sofreram uma maldição?

Vítimas preferidas da teoria da conspiração, o ex-presidente norte-americano, que morreu durante um desfile aberto em 1963, e várias pessoas na sua família, que tiveram mortes estranhas, não conseguem ser deixados em paz. Mas isso revelaria algo sobre uma maldição envolvendo essas mortes misteriosas?

A história da morte de JFK é falada, conhecida e analisada desde que aconteceu, há quase cinquenta anos. No dia 22 de novembro de 1963, o então presidente John Fitzgerald Kennedy, acompanhado por sua esposa Jacqueline Kennedy, o governador de Dallas, no Texas, John Connally e a esposa deste, Nelly. A comitiva foi para o centro da cidade num carro aberto. Quando o veículo se aproximou da rua Elm, e passou em frente a um prédio que servia como depósito de livros, três tiros foram ouvidos e um deles acertou em cheio JFK na cabeça, despedaçando-a. Os agentes especiais que cuidavam da segurança, pegos totalmente de surpresa, correm de um lado para outro, tentando encontrar a origem dos disparos, mas ao verem que o presidente fora gravemente ferido, resolvem acelerar o veículo para ver se podiam chegar em tempo a um hospital.

Pouco depois, um alerta da polícia foi despachado e um oficial da polícia local, J.D. Tippit, foi morto pelo principal suspeito, mesmo antes

deste receber qualquer tipo de acusação, Lee Harvey Oswald, numa discussão na entrada de um cinema. Foi lá que Oswald foi preso e levado, após terem encontrado a arma do crime no depósito de livros e rastreado o nome sob o qual ela estava registrada.

Pouco depois, o pesadelo continuou. Oswald, ao ser transferido para outra delegacia, na frente de uma câmera de televisão, portanto, milhares de pessoas testemunharam o fato, foi, por sua vez, assassinado pelo dono de uma boate, Jack Ruby. Mais tarde, ele iria declarar que tomara a decisão de matar o assassino do presidente para poupar a senhora Kennedy de voltar à cidade para testemunhar num julgamento. Jacqueline, por sua vez, apenas declarou que seu marido poderia ter sido morto por alguém que acreditava nos direitos humanos, mas, em vez disso, “tinha que ser (pelas mãos de) um idiota de um comunista”.

A partir de então, começaram uma série de investigações da comissão especial apontada para tal tarefa. Conhecida como Comissão Warren, presidida por Earl Warren, juiz do supremo tribunal, apresentou um relatório completo sobre o caso em 26 volumes e concluiu de Kennedy fora morto por Oswald, um “fanático solitário”. Claro que os teóricos da conspiração não engoliram essa e, a partir de então, muita coisa foi “comprovada” por eles, que sugeriria a existência de uma teoria na qual poderia haver múltiplos culpados: a CIA, a Máfia, os cubanos de Fidel Castro, entre outros completamente estranhos e malucos. O filme de Oliver Stone, *JFK A pergunta que não quer calar*, explora uma dessas teorias ao apontar Clay Shawn, que seria um dos envolvidos na conspiração. Ninguém conseguia entender como um único homem teria conseguido burlar a segurança e matar o presidente da nação, de uma maneira relativamente fácil.

Especiais recentemente apresentados nas TVs por assinatura mostraram uma técnica extremamente complexa para restaurar os filmes em super-8 usados em câmeras que gravaram os momentos do desfile na rua Elm. Esse foi o ponto de partida para que especialistas voltassem ao fatídico depósito de livros para conseguirem o que queriam: provar que de fato haviam sido disparados três tiros e que era totalmente possível uma única pessoa ter conseguido o que Oswald conseguira. A explicação: o primeiro tiro havia ferido JFK, conforme mostra o filme restaurado do alfaiate judeu Abraham Zapruder, o mais famoso deles, mas o segundo havia sido desviado de sua trajetória por uma placa de trânsito que ainda hoje está no local. Foi

descoberto, inclusive, um buraco de bala na calçada e, com muito trabalho, conseguiram extrair a bala perdida, que ficara anos por lá. A terceira, claro, foi a fatídica, que matou o presidente.

A teoria da bala “mágica”, que teria desviado de Kennedy e atingido o governador Connally foi explicada também com a aplicação de simples leis da física e da análise do declive que a rua Elm possui. Enfim, tudo se encaixava e mostrava Oswald como o verdadeiro culpado desse episódio absurdo. Ou talvez não seja bem assim...

As muitas dúvidas levantadas pela análise do relatório da Comissão Warren ainda reverberam pelas cabeças dos pesquisadores do assunto. Por exemplo, o roteiro do filme *JFK* foi baseado nos livros *On the Trail of the Assassins* (No rastro dos assassinos) de Jim Garrison e *Crossfire: The Plot That Killed Kennedy* (Fogo cruzado: O plano que matou Kennedy), de Jim Marrs. Stone, um dos que ajudaram a adaptar os livros, descreveu o resultado de seu filme como um “contramito” ao “mito ficcional” da Comissão Warren.

Porém, as dúvidas, mesmo sanadas pela reconstituição feita pela equipe do canal National Geographic de maneira convincente, não satisfizeram os crentes na conspiração. Um deles, num blog via internet, chegou a colocar todo o trabalho dos pesquisadores da seguinte forma, numa tradução livre:

Farsa! É só isso que posso dizer. É como se tudo estivesse lá à espera deles por todos esses anos. Por que é tão difícil assim acreditar, como no filme de Oliver Stone, que o culpado poderia mesmo ser alguém ligado a um grupo influente? Quer dizer então que Lee Harvey Oswald, conhecido como um fuzileiro até certo ponto medíocre, conseguiu fazer o que gente bem mais capacitada do que ele não conseguiu? E essa história da bala perdida encontrada num buraco na calçada? Ela teria mesmo esperado todos esses anos para ser encontrada? E por que essa bala não poderia ter sido disparada pelo segundo atirador?

A teoria do segundo atirador afirma que, pelos ângulos em que os projéteis foram disparados, na primeira vez que uma bala atinge JFK, ele cai para frente, indicando que o tiro veio por trás. Já da segunda vez, quando a bala fatal atinge seu crânio, ele cai para trás, o que indicaria que foi disparada na frente. Nessa confusão chegou a sobrar acusação até mesmo

para o motorista que estava dirigindo o carro, e usados quadros do filme de Zapruder, antes deste ser restaurado, como prova. A National Geographic, em seu especial, desmentiu inclusive esse aspecto da teoria e mostrou os mesmos quadros restaurados e que mostravam claramente que o motorista nada tinha a ver com o fato. O mais chocante foi ver a névoa cor de rosa que surgiu do disparo, provando que o crânio de JFK havia mesmo sido despedaçado com o impacto da bala.

Porém, é mais fácil acreditar em ficção do que em fatos. E o mito prossegue, mesmo com as provas apresentadas pelo especial de TV e após o ataque ao túmulo de Lee Harvey Oswald, que teve sua lápide roubada e quase foi vandalizado a ponto de colocarem uma inscrição simples (OSWALD), as teorias de conspiração prosseguem com força total.

Uma delas diz que, na manhã de sua morte, Kennedy fizera uma profecia estranha a um de seus assessores, Kenneth O'Donnell. Segundo eles, as palavras exatas foram: “Se alguém quiser matar a tiros um presidente, não será difícil: basta subir a um edifício alto, com um rifle de mira telescópica e não há nada que se possa fazer”.

E essa foi a descrição exata que consta nos volumes do relatório Warren. Porém, a maior dúvida ainda paira sobre dois pontos: a verdadeira capacidade de Oswald como atirador e o fato de que ele negou o tempo todo, na frente das câmeras, que teria algo a ver com o assassinato e que era “apenas um bode expiatório”. Se ele foi mesmo o autor dos disparos, como comprova o especial da National Geographic, e foi preso pouco tempo depois de atirar e matar JFK, por que ele se recusaria a aceitar a autoria do delito?

Outra vertente conspiratória já foi para um outro lado. Segundo eles, as provas do caso teriam sido reexaminadas entre 1976 e 1978, quando uma comissão da Câmara dos Representantes denunciou que a autópsia feita no Hospital Naval de Bethesda, no dia seguinte ao assassinato de Kennedy, não obedecia às normas profissionais. Um dos médicos que participou dela, inclusive, chegou a se queixar na época de que não tinha sido autorizado a pesquisar o trajeto das duas balas através do corpo porque uma “figura de alto escalão”, possivelmente uma autoridade militar, teria impedido. Assim, a necropsia não permitiu determinar o ângulo dos projéteis, acabando de uma vez por todas com a dúvida sobre se tinham sua origem no depósito de livros ou num outro ponto famoso, o gramado no fim da rua, de onde algumas

testemunhas que estavam no filme de Zapruder disseram ter visto “algo similar a uma fumaça” saindo de trás.

O cérebro preservado de JFK e outros materiais da autópsia foram entregues à sua secretária. Quando, em 1966, foram depositados no Arquivo Nacional, o cérebro simplesmente havia sumido. Para muitos, essa seria uma prova quase definitiva de que teria havido supressão de evidências ligadas ao caso.

A Comissão Warren concluiu que Kennedy fora atingido por duas balas, ambas vindas de cima e de trás, o que batia com a versão oficial do assassino solitário Oswald. Porém, no fim da década de 1970, outro elemento entrou em cena e apenas recentemente foi divulgado: uma gravação feita por um policial de Dallas que, de moto, escoltava o cortejo. Devido a um defeito, o aparelho ficou ligado desde que a comissão saiu do aeroporto da cidade. E ficou esquecido durante anos, colocado junto a outras provas porque não continha “ruídos identificáveis”.

A comissão da Câmara dos Representantes pediu a peritos em acústica que estudassem a tal gravação, com as tecnologias sonoras mais modernas. Assim foram identificados ruídos que se assemelhavam a tiros. Os tais peritos retornaram a Dallas e dispararam vários tiros na cena do crime. Comparando as gravações obtidas com as que foram feitas em 1963, isolaram não três, mas quatro tiros distintos. Afirmaram também que era possível determinar a origem deles: três do depósito de livros e um de uma pequena distância, da frente e da direita do carro presidencial. Alguém, de uma pequena elevação do percurso, talvez o famoso gramado, também alvejara JFK.

A mais curiosa entre todas as linhas de pensamento vindos dos teóricos da conspiração é a linha que defende que Oswald, por ter sido considerado um mau atirador, errou o alvo. A verdadeira vítima deveria ter sido o governador de Dallas, John Connally. Talvez isso explicasse por que o assassino nunca assumiu a autoria do delito e por que teria demorado três tiros para atingir um alvo em movimento. Assim, seria fácil entender por que Oswald teria largado a arma: em pânico por ter visto que matara JFK, ele largou tudo, foi para um cinema e esperou que a polícia, que fatalmente encontraria a arma, o localizasse e prendesse. Também explicaria o ataque a Tippit: uma vez tenso, não hesitou em matar um policial que nada tinha a ver com o caso.

Havia também antecedentes a serem levados em consideração: devido à sua deserção para a Rússia, a saída honrosa de Oswald do corpo de fuzileiros o colocara na classe indesejável, apenas um grau acima da desonrosa. Ao perceber que isso poderia impedi-lo de ter um emprego quando regressasse aos Estados Unidos, ele escreveu da então União Soviética, onde estava, para Connally, que era secretário da Marinha, pedindo uma revisão do seu processo. Pedido que, claro, foi recusado. Quando veio à tona tal informação, foi fornecida pela esposa dele, Marina Oswald, a Comissão Warren já chegara às suas próprias conclusões e não incluiu o testemunho dela nos autos.

Numa pesquisa realizada em 1988 pelo jornal *The New York Times*, cerca de 66% dos entrevistados acreditavam piamente numa conspiração. Cerca de 61% afirmavam que havia uma operação “ainda em andamento” para encobrir a verdade sobre o assassinato do presidente, e apenas 46% diziam que, naquela época, já era tarde para se descobrir a verdade, e 59% eram contra realizar mais investigações. Segundo Louis Stokes, que chefiou a comissão da Câmara dos Representantes, não é provável que um dia se saiba a verdade. Ele acrescentou ainda que “penso ser mais certo que nunca descobramos o que realmente aconteceu”.

Quem pensa que apenas JFK está ligado a uma suposta conspiração, está muito enganado. Pelo menos duas outras pessoas ligadas ao ex-presidente podem ser incluídas nessa confusão: a atriz Marilyn Monroe, que teria tido um caso com ele, e seu irmão, que durante seu mandato era o procurador-geral dos Estados Unidos: Robert Kennedy.

Marylin, que morreu em agosto de 1962 por excesso de sedativos, teve um caso com JFK ainda nos anos 1950, que se estendeu por todo o primeiro ano do mandato dele. Quando esse envolvimento se tornou perigoso, ele teria pedido ao irmão Robert que a consolasse, pois era emocionalmente dependente. Os boatos dão conta que a estrela de cinema queria que o presidente se separasse de Jacqueline e se casasse com ela. Robert Kennedy também foi caso de Marylin e teria visitado a atriz na mesma tarde do dia em que ela morreu.

Já RFK foi vítima de um assassino vindo do Oriente Médio, Sirham Sirham, que o baleou durante um comício no hotel Ambassador, em 1968, quando o então candidato ao Senado estava para ganhar as eleições. No

quarto do assassino, várias páginas de um caderno tinham sua caligrafia repetindo a mesma frase: Robert Kennedy deve morrer.

Teriam os dois sido mortos porque tinham envolvimento direto com JFK e poderiam saber de algo? Apenas o tempo, os historiadores e, claro, os “conspirólogos” podem responder.

Capítulo 17

O 11 de Setembro foi combinado com o governo americano?

A data mais traumática da recente história mundial continua a levantar suspeitas de que nem tudo aconteceu sem o conhecimento do governo norte-americano. Nos últimos anos, a pergunta mais feita pelos teóricos da conspiração foi “onde você estava quando o 11 de Setembro aconteceu?”. De lá para cá, muitas teorias circularam para tentar explicar como um país inimigo conseguiu se mover, tão livremente, em pleno território do poderoso Estados Unidos. Vale de tudo para tentar explicar que a aparente incapacidade dos serviços de inteligência norte-americanos não foi tão gritante assim, e que tais profissionais não tiveram culpa sobre os acontecimentos.

Muito aconteceu desde então. O presidente George W. Bush se tornou ex-presidente, os serviços de inteligência conseguiram rastrear e matar Osama bin Laden, o mentor da Al-Qaeda, responsável pelos ataques; os envolvidos na execução do 11 de Setembro foram formalmente acusados e trancafiados na prisão de Guantánamo. Porém, a discussão continua: a maneira como os norte-americanos foram pegos de surpresa, quando se gabam de ter um dos melhores serviços de inteligência do mundo, suscitou as teses mais malucas

do momento que, juntas, colocam o 11 de Setembro sob holofotes de destaque e apontam para a existência de falhas, não apenas no sistema de segurança e inteligência daquele país, como também na maneira como os próprios oficiais lidaram com o assunto.

Neste capítulo, listaremos algumas dessas teorias. Vale a pena lembrar que muitas delas, apesar de aparentemente baseadas em fatos, e convincentes a ponto de parecerem reais, não passam de um pálido esboço do que poderia ser realmente uma conspiração convincente. Se aconteceu da maneira como é indicada ou não, só podemos especular e aguardar que, com o passar dos anos, tenhamos mais confirmações.

Antes de listá-las, entretanto, vale a pena fazer uma pequena menção a uma reportagem que foi publicada pelo portal G1 na internet, em 7 de setembro de 2011, na qual o psicólogo social Jovan Byford, autor do livro *Conspiracy Theories* (Teorias da conspiração, ainda inédito por aqui) analisa tal acontecimento em escala global. Para ele: “é impossível provar que uma conspiração não existe, e qualquer prova contra a teoria da conspiração pode ser interpretada por seus seguidores como parte da conspiração”. Vejam que até mesmo os psicólogos norte-americanos já admitem que houve uma conspiração, o que seria um item perigoso para se analisar o acontecimento de maneira imparcial.

O primeiro ponto, talvez um dos mais discutidos, é por que a força aérea mais poderosa do mundo foi não capaz de interceptar nenhum dos quatro aviões sequestrados. Para os conspirólogos, o então vice-presidente Dick Cheney teria dado ordens para que o Exército não recuperasse os aviões dos sequestradores. Segundo a versão oficial, foi “um sequestro múltiplo incomum, com violência a bordo, e no qual o transponder, que transmite a localização exata do avião, foi desligado ou alterado”.

A explicação oficial acrescenta que, no mesmo dia, estava acontecendo, quase ao mesmo tempo, um exercício militar de rotina e tal atividade teria causado confusão e falta de comunicação entre o controle de tráfego aéreo civil (FAA) e o Exército. Também é apontado como uma causa da bagunça o fato de que o equipamento militar estava obsoleto e foi, segundo oficiais, planejado para procurar alvos sobre o oceano durante a Guerra Fria (1945-1991).

O segundo ponto foi: por que as torres caíram tão rapidamente, dentro da própria área que ocupavam, após sofrer incêndios em poucos andares que

duraram somente algumas horas? Esse ponto, vale lembrar, é um dos mais divulgados entre os conspirólogos, que chegaram a sugerir que, no momento em que caíram, as construções teriam apresentado barulhos como se cargas de dinamite tivessem sido explodidas de dentro para fora de diversos pontos, o que teria acelerado o desabamento. Há, inclusive, aqueles que chegaram a analisar os vídeos do dia com tal frequência, que chegaram a indicar o ponto exato em que as tais cargas teriam disparado.

Essa, inclusive, é a explicação dos conspirólogos para o ocorrido: incêndios seriam incapazes de fazer com que os prédios daquele tamanho desabassem e tudo não passou de explosões controladas em pontos estratégicos. Nesse ponto, as teorias existentes se confirmam, ao calcular o tempo em que as torres vieram ao chão, cerca de dez segundos cada uma, e o tempo em que os incêndios perduraram cerca de 56 minutos no World Trade Center 2 e 102 minutos no World Trade Center 1, segundo relatos da BBC. O fantasma das explosões também teria sido corroborado por relatos de pessoas que os ouviram, antes da queda e de objetos que foram arremessados violentamente para fora das janelas nos andares inferiores.

A versão oficial tenta explicar tudo que os conspirólogos apontam ao afirmar que foi feito um inquérito extenso, dirigido pelo Instituto Nacional de Padrões e Tecnologia, que concluiu que os aviões romperam e danificaram colunas de suporte do edifício e deslocaram materiais à prova de fogo. Cerca de 39 mil litros de combustível de avião foram espalhados por diversos andares, dando início a incêndios generalizados. As temperaturas de até mil graus Celsius fizeram com que o piso dos andares cedesse e as colunas se curvassem, provocando sons que poderiam ser facilmente confundidos com o de explosões.

Além disso, o peso dos pisos de cada andar criou um peso muito maior do que as colunas dos edifícios foram projetadas para sustentar. Os tais objetos que teriam sido expulsos pelas janelas dos andares inferiores, conforme os andares de cima desmoronavam, foram causados por isso.

Outro ponto destacado foi que as demolições controladas são sempre iniciadas dos andares de baixo em direção aos de cima, justamente o fluxo contrário ao apresentado no desmoronamento das torres. Apesar das buscas constantes e até certo ponto detalhadas, não foram encontrados no local nenhum sinal de evidências que apontassem para o uso de explosivos. Também foram descartados quaisquer indícios de rompimento proposital de

quaisquer colunas ou paredes, um procedimento rotineiro quando é realizada uma demolição controlada.

Um dos pontos mais polêmicos foi o ataque ao Pentágono. Enquanto as imagens dos aviões sequestrados que bateram nas Torres Gêmeas foram transmitidas à exaustão pelas redes de TV, o vídeo de uma explosão no centro de defesa norte-americano, sem nenhum avistamento de avião, colocou mais este ponto da história em cheque. Afinal, como um piloto amador teria sido capaz de realizar uma manobra considerada complexa, com um avião comercial e tê-lo lançado sobre o Pentágono, exatos 78 minutos depois de divulgado o primeiro aviso de sequestro de aeronaves e não ter deixado nem um vestígio de sua passagem?

Aqui as imaginações começam a decolar e os conspirólogos não poupam nenhuma versão. Para eles não foi um Boeing 757 comercial que atingiu o edifício, mas sim a) um míssil; b) um pequeno caça; c) um avião não tripulado. E estas três são as opções mais comentadas.

Alguns dias depois do desastre, foram divulgadas evidências que comprovavam que o voo 77 da American Airlines se abatera sobre o local. Os conspirólogos, como era de se esperar, mudaram sua teoria para o fato de como um piloto amador suicida teria conseguido tal manobra. Um detalhe: há quem acredite, mesmo entre os norte-americanos, que o avião estava, na verdade, sob controle do próprio Pentágono e não da Al-Qaeda. Em outras palavras: mais uma manobra para simular um ataque e, assim, colocar a opinião pública concentrada em um inimigo comum.

E o que dizem as versões oficiais e os relatórios levantados? Que os destroços do avião, incluindo as caixas pretas, foram normalmente encontrados no local do acidente e catalogados pelo FBI. Algumas filmagens iniciais do acidente não mostraram os destroços, mas há outros vídeos e fotos que teriam ajudado a refazer a trajetória do avião durante o choque com o edifício. Entre as evidências que ajudaram nesse sentido, há os postes quebrados que o avião deixou no seu mergulho fatal. Há também o pessoal que trabalhou com a coleta de DNA que ajudaram a identificar a tripulação e os passageiros que foram vítimas, além de testemunhos dos que viram o avião atingir o Pentágono. Por mais que os conspirólogos queiram, é um pouco difícil falsificar tantos relatos.

E chegamos ao quarto avião sequestrado, aquele que teria, segundo os especialistas, a Casa Branca como alvo, e que teria sido abatido por um

esforço em conjunto de sua tripulação, num campo na Pensilvânia, matando 44 pessoas. A dúvida dos conspirólogos reside em por que a queda do avião sequestrado em Shanksville foi tão pequena, e como os destroços não foram vistos. A explicação dada por eles: o voo 93 da United Airlines foi derrubado por um míssil e se desintegrou em pleno ar, espalhando assim os destroços sobre uma área extensa.

Os relatórios oficiais explicam que há fotos que retratam os destroços e o gravador de voz da cabine do piloto, que foi recuperado, mostrando que, de fato, houve uma revolta dos passageiros e que os sequestradores derrubaram o avião deliberadamente. As teorias iniciais de que os destroços teriam se espalhado por quilômetros de distância do local principal da queda, logo se provaram falsos. O que teria mesmo acontecido foi que o vento jogou alguns dos destroços, que eram leves como papéis e materiais de isolamento da estrutura da aeronave por uma área equivalente a dois quilômetros.

Mesmo os oficiais que atenderam ao caso levantaram suas próprias teorias e alimentaram os boatos. Um deles foi uma frase de um médico-legista local, Wally Miller, citada incorretamente. Ele teria dito que “parou de ser um médico-legista cerca de vinte minutos depois de chegar ao local, porque não havia corpos”. Na verdade, segundo ele mesmo, o que ocorreu foi que percebeu que o que tinha em mãos era um acidente de avião e que seria necessário organizar um serviço funerário grande para as vítimas. E o exército garante: nunca deu ordens para abater o avião comercial.

O Edifício 7 do World Trade Center não apareceu nos noticiários na época. Apenas alguns anos depois, quando o 11 de Setembro passou a ser pesquisado extensamente, é que sua história surgiu em especiais sobre o assunto. O chamado Edifício 7 do World Trade Center, que abrigava escritórios da CIA e do Serviço Secreto norte-americano, inicialmente não havia sido atingido por um avião, mas desmoronou tão rápida e simetricamente quando nenhum outro prédio revestido de aço. Caiu por causa dos incêndios das Torres Gêmeas.

A explicação dos conspirólogos lançou novamente mão das cargas explosivas, e afirmam que o Edifício 7 teria sido destruído por uma demolição controlada. Outra versão troca as cargas por materiais inflamáveis, que teriam acelerado o desabamento.

Inicialmente, pensou-se que uma frase proferida pelo dono do prédio, Larry Silverstein, em uma entrevista de TV, explicaria tudo. Ele falou sobre a retirada dos bombeiros do edifício, que muitos acharam que se referia às tais explosões. Depois, o foco da teoria mudou para a velocidade do colapso do edifício, próxima à da queda livre por exatos 2,25 segundos. Para os especialistas, apenas “explosivos poderiam fazer com que o prédio desmoronasse tão rapidamente”. Há cientistas que não acreditaram no relato oficial e examinaram quatro amostras de poeira do local e afirmaram encontrar um material termítico, que reagiria violentamente em contato com o calor. Esse material teria sido colocado, não apenas no interior do Edifício 7, mas também nas Torres Gêmeas.

A investigação oficial demorou três anos e foi feita pelo Instituto Nacional de Padrões e Tecnologia. Para ela, o prédio desmoronou por causa de incêndios incontroláveis, causados pelo colapso da Torre Norte e que queimaram o prédio por sete horas. E mais: o tal material termítico seria apenas um tipo de tinta básica. Amostras da poeira do local dos desastres não apresentaram evidências de explosivos.

Apesar de todas essas explicações, a imaginação continua a correr à solta na internet e nos sites dedicados às teorias da conspiração. Se são verdadeiras ou não, só o tempo poderá dizer.

Os pontos mais polêmicos

No começo de 2013, uma notícia invadiu os principais jornais do mundo. O fatídico ataque de 11 de Setembro estava de volta, não como uma lembrança, uma retrospectiva ou uma apologia à guerra ao terrorismo, mas sim na notícia de uma família que foi encontrada morta.

O mercado editorial norte-americano é cheio de publicações de pessoas que, embora não possuam as credenciais necessárias, saem por aí colocando seus livros de investigações feitas por conta própria sobre assuntos polêmicos. E como nenhum outro assunto se encaixa nessa categoria que não seja necessariamente o 11 de Setembro, o mais polêmico desses últimos lançamentos pertence a Phillip Marshall, um pesquisador ex-piloto da CIA. Em 2 de fevereiro ele foi encontrado morto juntamente com sua esposa e filhos. Até o cachorro da família havia sido devidamente “apagado” da existência. As autoridades dos Estados Unidos trataram o caso como

suicídio coletivo, o que vai ao encontro da opinião de seus conhecidos, que afirmavam que ele vivia com medo desde que publicou seu livro, chamado *The Big Bamboozle: 9/11 and The War on Terror* (algo como A grande trapaça: o 11 de Setembro e a guerra ao terror, em tradução livre), que saiu pela CreateSpace Independent Publishing Platform em fevereiro de 2012. O livro em questão culpava o governo dos Estados Unidos pelos ataques sofridos naquele fatídico dia.

A publicação polêmica descreve como a administração Bush, em conjunto com a cooperação de inteligência saudita, foi responsável pelos ataques terroristas. De acordo com as reportagens da época, a editora teria declarado que o escritor “expressou, durante todo o processo de edição, certo grau de paranoia”. Marshall acusou o ex-presidente George W. Bush de estar em complô com os serviços de inteligência da Arábia Saudita na formação dos sequestradores que morreram nos aviões utilizados no ataque. A seguir, três trechos selecionados do livro, que explicariam a causa da morte da família Marshall:

A verdadeira razão para o ataque ter sido um sucesso foi uma operação coordenada que preparou o treinamento dos sequestradores para voar aviões comerciais de grande porte. Temos dezenas de documentos do FBI para provar que o treinamento de voo foi realizado na Califórnia, na Flórida e no Arizona, nos dezoito meses anteriores ao ataque.

Depois de um exaustivo estudo de dez anos do ataque mortal que usou um Boeing lotado de passageiros e tripulantes de como mísseis guiados, estou 100% convencido de que uma equipe secreta de agentes de inteligência sauditas foi a fonte a logística, treinamento de voo, financeiro e tático visando o essencial para sequestradores, dezoito meses antes do ataque. Essa conclusão foi proposta há seis anos e todos os testes posteriores só confirmaram essa conclusão.

Em 1º de março, dois ex-senadores norte-americanos de posições distintas, também levantaram a possibilidade da participação da Arábia Saudita nos ataques que mataram três mil pessoas e estimulou a guerra global contra o terrorismo. Em depoimento, os ex-senadores Bob Graham e Bob Kerrey disseram acreditar que o governo saudita desempenhou um papel direto nos ataques terroristas.

Os mais desavisados devem pensar que, como em toda teoria de conspiração, a coisa tomou proporções grandes e pode muito bem ter contribuído para provar que, a exemplo do que aconteceu no caso do chamado Experimento Filadélfia, os norte-americanos, sempre desconfiados sobre as verdadeiras intenções de seus governos, tenham sucumbido a mais uma fábrica de mitos e, como o 11 de Setembro produziu uma alta taxa de mortalidade, seria um assunto ideal para torná-lo a mais nova lenda urbana, por assim dizer, da cultura.

Seria mesmo? Como toda teoria de conspiração, é necessário separar os fatos da realidade, o que nem sempre é fácil. Vamos tomar, por exemplo, a lista descrita abaixo de teorias de conspiração que passaram a frequentar o ciberespaço nos últimos anos. Muitas delas só estão aqui por serem bem comentadas e consideradas por uma boa parte dos próprios norte-americanos como possível. O mais cético ainda poderá argumentar que, desde que o assunto entrou em evidência nos idos do saudoso seriado *Arquivo X* (anos 1990), o cidadão que vive nas terras do Tio Sam nunca deixou de crer que, seja quem for que estiver no comando da Casa Branca (Bill Clinton, George W. Bush, Barack Obama ou qualquer outro presidente), haverá sempre algum segredo obscuro que poderá vir à tona a qualquer momento. E, se for ligado ao 11 de Setembro, melhor ainda.

Mas voltemos à lista das conspirações. As mais populares, segundo artigo publicado no site do canal Discovery, são as seguintes:

1) As torres gêmeas do World Trade Center (WTC) foram destruídas por demolições controladas. Teria sido assim que, segundo os “pesquisadores de poucas credenciais”, aconteceu o desabamento das torres, ao contrário da versão oficial, que acusa as altas temperaturas da queima do combustível dos aviões como responsáveis. As explicações que rebatem tal afirmação, dadas pelo artigo, incluem:

- Os profissionais de demolição sempre explodem primeiro os andares inferiores de uma estrutura, mas o desabamento das torres do WTC começou nos andares superiores, no ponto de impacto dos aviões.
- Segundo observadores leigos, os destroços que voaram pelas janelas indicariam o uso de cargas explosivas. No entanto, especialistas afirmam que materiais leves, como papel e concreto pulverizado, foram

lançados com violência através das janelas, em decorrência do desabamento consecutivo dos andares.

- Empresas de demolição tinham sismógrafos altamente sensíveis funcionando em outros locais de Manhattan durante os ataques de 11 de Setembro. Nenhum deles registrou explosões anteriores ao desabamento da torre, mas houve picos sísmicos quando os destroços começaram a cair no chão.
- Cortar paredes, isolamentos, encanamentos e conduítes elétricos para instalar várias cargas nas colunas estruturais das torres com antecedência certamente é algo que não passaria despercebido.
- As equipes de limpeza não encontraram nenhum indício das supostas cargas explosivas que teriam sido usadas nas demolições controladas.

2) O Pentágono não foi atingido por um avião, mas por um míssil disparado por elementos do “aparelho de Estado norte-americano”. Isso também refuta a ideia oficial de que, pela velocidade da queda do avião e pelo impacto contra a estrutura do Órgão norte-americano, se teria, na verdade, contribuído para sua desintegração conforme o avião avançava para as camadas mais internas dos escritórios. A análise dos técnicos aponta vários aspectos ignorados pelos conspirólogos, incluindo:

- Os restos dos corpos dos passageiros e da tripulação do voo 77 da American Airlines foram encontrados no local do impacto no Pentágono, e suas identidades foram confirmadas por exames de DNA.
- As caixas pretas do voo também foram recuperadas no local.
- Numerosas testemunhas oculares viram o avião atingir o Pentágono. Alguns perceberam que havia passageiros nas janelas do avião. Mísseis não têm janelas nem transportam passageiros.
- Várias fotografias mostram destroços do avião no local da queda, fato confirmado por sobreviventes e equipes de resgate.

3) O voo 93 da United Airlines (protagonista do filme *Voo United 93*, de 2006), que caiu na Pensilvânia, foi derrubado por um míssil. Assim, não

houve “heróis” da batalha pelo controle da aeronave, uma vez que todos teriam sido vítimas do projétil.

Claro que mais esse ponto foi refutado pelos especialistas, conforme os pontos relacionados abaixo:

- O gravador de voz da cabine deste voo foi recuperado e revelou que a revolta dos passageiros fez com que os sequestradores deliberadamente derrubassem o avião. Os terroristas controlaram o avião até o impacto.
- O Exército norte-americano só soube que o voo 93 havia sido sequestrado vários minutos depois da queda, como demonstram gravações divulgadas em 2006.
- O Exército nunca deu autorização para que pilotos interceptassem e abatessem o voo 93 da United.

4) O Edifício 7 do World Trade Center foi destruído por uma demolição controlada. Esse comentário teria sido feito pelo proprietário do complexo do World Trade Center (WTC). Esse tipo de demolição é o mesmo que, na teoria de conspiração, foi usado para demolir os outros prédios mais altos que porventura ainda estivessem intactos. Segundo alguns conspirólogos, era na verdade o mesmo método usado para derrubar as Torres Norte e Sul.

Os pontos refutados pelos especialistas neste caso são:

- Depois que o WTC 7 foi considerado instável, o dono do complexo recomendou que um grupo de bombeiros fosse retirado do local, usando o termo “pull it” (que, neste contexto, significa “retire-o”). Ele se referia ao contingente de bombeiros, não ao edifício.
- Os teóricos da conspiração interpretaram “pull it” como uma gíria para demolir edifícios com explosivos. Mas os especialistas em demolição dizem que o termo significa prender longos cabos a uma estrutura enfraquecida para literalmente derrubá-la com escavadeiras e outras máquinas potentes – e não usando explosivos.
- No áudio dos registros em vídeo do desabamento das torres do WTC, não há sinal dos sons extremamente altos que indicariam o uso de

explosivos. Além disso, os sismógrafos não registraram nenhum indício de anomalias.

- Depois de uma investigação exaustiva que durou três anos, o Instituto Nacional de Padrões e Tecnologia (NIST) concluiu que os incêndios provocados pelo desabamento da Torre Norte do WTC causaram incêndios que não foram controlados no WTC 7. Os incêndios expandiram e entortaram as vigas de aço, levando ao desabamento do edifício.

5) Os aviões que se chocaram contra as torres do World Trade Center eram pilotados por controle remoto. Nunca houve um terrorista a bordo das naves e tudo foi feito com o uso de muita tecnologia à disposição dos terroristas, o que poderia corroborar com a afirmação do escritor assassinado, Phillip Marshall, de que tudo só foi possível com a ajuda da suposta inteligência da Arábia Saudita, que teria fornecido não apenas o treinamento, mas também a tecnologia que teria tornado isso possível.

Mais uma teoria posta abaixo pelos “caçadores de mito” dos especialistas, que destacam:

- A Boeing, fabricante dos aviões que atingiram as torres, afirmou que a configuração de todos os seus aviões comerciais de transporte não permite que só possam ser controlados da cabine da aeronave.
- Os passageiros a bordo deram vários telefonemas. Todos relataram que os sequestradores estavam no comando dos aviões.

6) O acesso a informações privilegiadas das empresas aéreas United Airlines e American Airlines pouco antes do 11 de Setembro prova que havia conhecimento prévio dos atentados. Isso porque, aparentemente, antes que o fatídico dia chegasse, tal acesso seria considerado confidencial e, portanto, de pouco acesso ao público em geral.

Os especialistas rebatem:

- Supostas negociações privilegiadas com ações da United Airlines e American Airlines, antes do 11 de Setembro, indicariam que os ataques já eram previstos.
- A Comissão do 11 de Setembro investigou essa questão em detalhes e concluiu que “houve algumas negociações com ações, mas todas tinham uma explicação inócua”.
- A Comissão explica, por exemplo, que “muitas das negociações aparentemente suspeitas de ações da American em 10 de setembro partiram de um boletim sobre opções de ações emitido nos Estados Unidos, em 9 de setembro, domingo, que recomendava estas negociações”.

7) Esta é uma das mais bizarras, tendo inclusive circulado por muito tempo em e-mails distribuídos por listas fechadas, acompanhados ocasionalmente de “supostas” fotos que provariam: cerca de quatro mil judeus não apareceram para trabalhar no World Trade Center no dia dos ataques. O que os conspirólogos se esquecem é que, hoje, editores de imagem são usados à exaustão para forjar tais imagens, como a de outro e-mail que circulou na mesma época e que mostrava uma norte-americana, no terraço de uma das torres, e atrás dela um dos aviões sequestrados se preparando para bater contra o edifício. Ninguém nunca entendeu que, se aquela imagem fosse verdade, a pessoa da foto teria no mínimo olhado para trás pelo simples barulho que os motores fariam ao se aproximar.

E os especialistas resolvem atacar esta teoria, alegando o seguinte:

- Calcula-se que entre 10% e 15% das vítimas do WTC eram judias, indicando que não houve ausência em massa.
- O número “4.000” parece ter sido retirado de uma declaração anterior do Ministro do Interior de Israel. Segundo ele, acreditava-se que “4.000 israelenses” estivessem em Nova York e Washington, os locais dos ataques, em 11 de setembro. Este número aparentemente foi usurpado pelos teóricos da conspiração para reforçar o falso boato.

8) A Al Qaeda não é responsável pelos ataques do 11 de Setembro. Na verdade, segundo os conspirólogos, tudo foi coordenado pelo governo norte-americano para terem motivo de se lançarem em intervenções no mundo árabe de maneira legal. E Osama bin Laden apenas quis tomar para si o crédito da obra, como acontece com muitos ataques terroristas em que uma organização toma o crédito da coisa e corre para assumir a autoria deste ou daquele evento. Nesse caso, as alegações dos especialistas afirmam:

- Os líderes da Al Qaeda, incluindo Osama bin Laden, confirmaram várias vezes que haviam planejado e executado os ataques do 11 de Setembro.
- Em uma fita de áudio divulgada em 23 de maio de 2006, bin Laden confessou: “Fui o responsável por incumbir dezenove irmãos [...] daqueles ataques”.
- Em uma fita de novembro de 2001, bin Laden afirmou: “Calculamos com antecedência o número de vítimas [...] que seriam mortas [...] Eu era o mais otimista de todos. [...] Devido à minha experiência nesta área, pensei que o incêndio provocado pelo combustível do avião derreteria a estrutura de ferro do edifício, provocando o desabamento da área atingida pelo avião e de todos os andares abaixo”.

Embora seja importante colocar aqui o parecer dos especialistas, que tem como origem o artigo do site de uma empresa confiável como a dos canais da Discovery, ainda assim há quem afirme que sempre se corre o risco de que as próprias fontes, por sua ligação com os Estados Unidos (afinal, são empresas de lá) possam também estar “de conluio” com setores estranhos ou obscuros do governo de lá e promover, assim, uma espécie de campanha que ajudaria na propagação de explicações como as listadas acima para que as pessoas não acreditem na verdade. Tudo com a suposta bênção do presidente Obama que, como todos os que sobem ao poder naquele país, tornou-se o principal alvo dos conspirólogos, sendo aquele que sabe de todos os serviços sujos de sua máquina governamental e se torna cúmplice de todas elas. Afinal, Obama já foi criticado pelos mesmos conspirólogos por causa da “facilidade” com que seus homens localizaram e

conseguiram matar bin Laden, em maio de 2011. “Como é que os funcionários da administração Bush não conseguiram impedir que os terroristas da Al-Qaeda entrassem em território nacional, se preparassem de tal forma e conseguissem controlar quatro aeronaves diferentes? E como bin Laden desapareceu tão facilmente após os ataques?”, pergunta um desses sites, voltado à divulgação da “Nova Ordem Mundial”.

Em 2011, outro site, chamado A Nova Ordem Mundial (<http://www.anovaordemmundial.com>), publicou um artigo em que falava sobre a BBC de Londres estar envolvida na produção de um programa sobre o 11 de Setembro e as teorias de conspiração a ele ligadas. Um dos participantes do programa é um tal de Charlie Veitch, um britânico filho de mãe brasileira que mora em Londres, muito conhecido por seus vídeos da “Love Police” (Polícia do amor), onde sai com um megafone pelas ruas de Londres falando sobre a manipulação das massas, a farsa do 11 de setembro e abraçando os policiais que vêm falar com ele.

Charlie foi convidado pela BBC para participar do programa, chamado *Na estrada com as teorias conspiratórias de 11 de Setembro*. Nele, o convidado e mais outros conspirólogos foram levados aos locais mais importantes dos eventos daquele dia e puderam conversar com oficiais do governo na época e especialistas das mais diversas áreas.

O resultado: o antes crítico mudou o nome de seu movimento. Agora, chama-se “A verdade do 11 de Setembro” (9/11 Truth Movement). Ele atualmente afirma que não há nenhuma evidência que mostre que os ataques tenham sido um ataque interno, o que gerou uma inundação de mensagens em seu perfil do Facebook onde seus antes seguidores se mostram desapontados. Diz-se inclusive que ele teria sofrido uma lavagem cerebral no melhor estilo do MK-ULTRA durante sua visita aos Estados Unidos. Será?

Capítulo 18

Qual a origem da Bíblia?

Seriam os textos bíblicos confiáveis ou a verdade estaria oculta apenas nos Evangelhos Apócrifos, ou seja, naqueles que foram recusados pelos clérigos para fazerem parte do Novo Testamento? Para saber mais, vamos dar uma olhada sobre o que se conhece de fato sobre a Bíblia e suas origens históricas.

O livro mais vendido do mundo possui ao todo 73 livros, sendo 46 do Antigo Testamento e 27 do Novo. Os deuterocanônicos são considerados pelas religiões que adotam a Bíblia, mas que não são católicas, como obras sem inspiração divina, porém reconhecem o valor histórico de obras como o Livro dos Macabeus.

Essa coleção de textos é o resultado das experiências religiosas do povo israelense e cita diversas pessoas e lugares que se tornaram referência mundial em termos de religião. Calcula-se que, para sua redação, devem ter sido gastos um período de 1.600 anos e pelo menos levado o trabalho de quarenta homens de diversas origens culturais, profissões e posições sociais.

Como todo livro sagrado, há quem siga a Bíblia ao pé da letra e leve seus ensinamentos a ferro e fogo. Mas vale lembrar que nem todos os que adotam essa obra como mentora de vida participam desse ponto de vista. De fato a grande maioria daqueles que a seguem considera muito de seu

conteúdo ou como sendo metafórico ou como registro de hábitos de muitos anos atrás, hoje desatualizados.

Antes de continuarmos, é importante lembrar o que os historiadores acham que seria o verdadeiro período de formação dos textos. Temos que ressaltar que a tradição oral persistiu por muito tempo até se tornar um produto da escrita, o que só aconteceu entre 1100 a.C.. (ou 1200 a.C.) e 100 d.C. Hoje, acredita-se que a parte mais antiga do Antigo Testamento é o Cântico de Débora, encontrado no Capítulo 5 do Livro dos Juízes.

Uma análise mais profunda dos historiadores revela que o alfabeto fenício, do qual se derivou o hebraico, já existia no século XIII a.C., quando os hebreus chegaram a Canaã (há documentos históricos que provam que o alfabeto fenício já existia na região no século anterior).

Além dos componentes da Bíblia, há textos hebraicos antigos conhecidos que datam de épocas remotas, como o Calendário de Gezér, uma espécie de “almanaque” que mostrava as datas que os agricultores deviam fazer seu plantio. Esse documento, datado de 1000 a.C., é o documento mais antigo encontrado na Palestina. Há também inscrições datadas dos séculos XIV ou XV a.C. no sarcófago do rei Airam na cidade fenícia de Biblos. Além desses, há textos semelhantes aos conhecidos salmos, datados do mesmo período desse sarcófago em tabuletas encontradas em Ugarit, uma antiga cidade portuária na costa mediterrânea da moderna Síria.

Se ficarmos apenas com os exemplos citados e comprovados pela moderna arqueologia, podemos perceber que, de fato, já havia uma escrita na região da Palestina muito antes dos hebreus lá chegarem e se estabelecerem, o que não descarta a hipótese de que eles teriam, de uma maneira ou de outra, absorvido elementos das civilizações lá existentes e os reciclado de alguma maneira ao confeccionar os textos da Bíblia.

Em Juízes 8:14 há a descrição de um acontecimento ocorrido por volta de 1100 a.C., um registro que os historiadores e pesquisadores bíblicos têm como certo ter sido feito pela primeira vez no alfabeto fenício.

O costume oral persistiu até os tempos do rei Davi, por volta de 1050 a.C., e somente após esse período é que a tradição javista foi registrada nos pergaminhos. Calcula-se que tenha sido por volta de meio século depois que a tradição eloísta também foi escrita. A história dos hebreus, como se sabe, sempre foi pontuada de episódios violentos e sangrentos por parte de conquistadores estrangeiros, o que sempre fez com que aquele povo corresse

para salvar seus escritos, que consideravam tão valiosos quanto seus pertences materiais. Assim, por volta de 721 a.C., quando os hebreus se dividiram em dois reinos (o de Israel, ao norte, e o de Judá, ao sul), os assírios atacaram a cidade de Samaria, capital do reino do norte, o que fez com que muitos sacerdotes do norte fugissem para o sul, levando consigo sua tradição. É nos anos que se seguem a esse acontecimento que as tradições se unem e se tornam um só escrito.

Capítulo 19

Onde Jesus estava durante sua infância?

É bem conhecido o fato de que não se sabe o que aconteceu com Jesus Cristo dos 12 aos 29 anos, pois os Evangelhos Canônicos não descrevem a história. Há muita especulação e, claro, várias teorias e pesquisas. Uma delas foi feita no fim do século XIX por um historiador russo chamado Nicolai Notovitch, em uma viagem que fez à Índia. Foi lá que encontrou, em um mosteiro budista, relatos sobre um profeta chamado Issa, cuja história era muito parecida com a de Jesus.

A pesquisa levou a textos que relatam o nascimento de um menino considerado “divino” em Israel, cujo nome seria Issa e que, aos 14 anos, foi para a região do Indo estudar budismo. Como ele teria começado a criticar as castas do Hinduísmo, foi pressionado a ir para o Nepal, onde passou seis anos. A pesquisa levou à teoria de que esse menino chamado Issa seria Jesus. Há ainda a menção a um segundo texto que fala sobre a suposta presença na Índia de Jesus entre os 12 e os 29 anos, a fase justamente não relatada (ou, segundo alguns, ignorada) nos Evangelhos Canônicos.

Outro pesquisador, Kersten, foi para o Himalaia, em 1973, para poder investigar essas histórias e lá confirmou, por meio de registros médicos, que o historiador russo esteve mesmo na região e que teria encontrado um

arqueólogo de nome Hassnaim, que pesquisava o mesmo tema havia cerca de vinte anos.

O pesquisador também traçou um paralelo entre as vidas de Buda e de Jesus e mostrou as semelhanças entre seus modos de vida e ensinamentos. Até o presente momento, não há nada de definitivo que prove a ideia da presença de Jesus na Caxemira ou mesmo se Issa e Jesus foram o mesmo homem, mas há um grupo de pesquisadores que segue a linha de investigação aberta por Kersten e acredita que possa descobrir mais sobre o mistério do profeta indiano.

Para muitos, talvez seja o suficiente para jogar luz sobre o que teria acontecido mesmo com Jesus, caso os dois não sejam a mesma pessoa. Porém, o que vale a pena para alguns e torna o divino mais humano é a ideia de que Jesus possa mesmo ter vivido, por pouco tempo, entre nós, na Índia ou em qualquer outro país do planeta Terra.

Enquanto há quem diga que Jesus teria vivido na Índia até os 12 anos de idade, onde teria se preparado para seu ministério, outros já acham que o verdadeiro local onde ele teria inclusive aprendido como operar certos milagres (embora não estejam especificados quais) seria mesmo o Egito. Sabemos pelo Novo Testamento que o Salvador fugiu para o Egito com os pais para se proteger da perseguição da matança ordenada por Herodes. Mas o que seria exatamente que ele teria aprendido por lá?

Entre muitos aspectos que revelam os detalhes sobre a personalidade de Cristo, um persiste: onde ele teria adquirido a sabedoria que possuía? Para muitos, há indícios de que ele teria se instruído no país em que mais se sabia das coisas na época: o Egito.

A única coisa que sabemos com 100% de certeza é que, ainda pequeno, ele teria fugido para o Egito, em companhia dos pais, para escapar da matança ordenada por Herodes. Pela cronologia oficial, isso teria acontecido por volta do ano 4 a.C. (os paradoxos de que Jesus teria nascido antes do ano 1 d.C. são coisas da cronologia oficial usada em discussões e no meio acadêmico).

A única fonte de informação substancial sobre o assunto é o Novo Testamento, mas há possibilidades de se obter alguns detalhes adicionais em outros lugares. Curiosamente a literatura judaica ou romana daquele tempo quase não o menciona, mas Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século, escreveu um livro sobre a história do judaísmo e tentou provar aos

romanos e gregos que a nova religião (o cristianismo) não se distanciava muito do estilo de vida deles. Vejamos um trecho dos escritos do historiador:

Ora, havia por esse tempo Jesus, um homem sábio, se for legítimo chamá-lo de homem, pois ele era um operador de obras maravilhosas, um mestre de quem os homens recebem a verdade com prazer. Atraiu para si muitos dos judeus e muitos dos gentios, ele era [o] Cristo. E quando Pilatos, por sugestão dos principais homens entre nós, condenou-o à cruz, os que o amavam a princípio não o abandonaram; pois ele apareceu-lhes vivo de novo no terceiro dia; conforme haviam predito os profetas divinos; essas e dez mil outras coisas maravilhosas concernentes a ele. E o grupo de cristão assim chamado em virtude de seu nome, não se extinguiu até hoje.

Para a historiadora nacional Fernanda de Camargo-Moro, autora do livro *Nos passos da sagrada família – um outro Egito*, reconstruir a rota original da Sagrada Família não foi difícil. No livro, ela coloca que, sem obter nenhum patrocínio ou apoio oficial, percorreu, de mochila nas costas e com uma amiga como companhia, da Faixa de Gaza até o local da segunda aparição do anjo Gabriel no Alto Egito, Maria e José forma avisados que já poderiam retornar para sua terra. A autora ainda conseguiu o prodígio de percorrer a rota antes de sua oficialização pelo governo egípcio, para que o caráter antropológico de sua viagem não se perdesse em meio a guias e souvenirs. Assim, a partir de Belém, cruzou o monte Sinai pelo norte e pelo sul, desceu o delta do Rio Nilo, avançou pelo vale do mesmo e visitou os monastérios do deserto de Scetis. Nesse meio-tempo, conseguiu reunir histórias e depoimentos de camponeses e populares com quem conversava pelo caminho. Fernanda conseguiu também chegar à cidade do Cairo, onde visitou o antigo bairro copta dos cristãos egípcios e verificou a beleza de suas velhas igrejas e dos locais onde supostamente viveram Maria, José e Jesus.

Curiosamente, enquanto ainda se fala da rota original, não há nenhuma outra menção sobre um segundo período em que Jesus teria vivido naquele país. Porém basta procurar na literatura acadêmica para encontrar obras que se prestam a revelar o que se consegue saber sobre esse período. Uma delas é o livro de D. M. Murdock, que assina com o nome Acharya S, uma

pesquisadora que se propõe a revelar todos os detalhes sobre a “conexão Jesus-Hórus”, como ela mesma chama seus estudos.

Um exemplo disso é a comparação quase inevitável com o mito Ísis-Hórus e Maria-Jesus. Ambas deram à luz em circunstâncias incomuns e fizeram representações de ambos os grupos de maneiras semelhantes. Há quem afirme, inclusive, que Ísis seria uma representação de Maria e Hórus, de Jesus.

A pesquisadora teria publicado uma lista de atribuições a Hórus que ela própria acreditava serem muito semelhantes às que são tradicionalmente ligadas à figura de Jesus. Todas elas possuem a literatura oficial do Egito como fonte, incluindo os textos encontrados em pirâmides e nos sarcófagos de múmias. Confira a relação abaixo:

- Hórus teria nascido em 25 de dezembro, numa mangedoura, em pleno solstício de inverno.
- Tinha ascendência real e sua mãe era conhecida como “virgem Ísis-Mery”.
- O nascimento de Hórus foi anunciado por uma estrela no leste e testemunhado por três “homens sábios”.
- Aos 12 anos, Hórus foi uma espécie de professor-mirim no templo e, com 30 anos, foi batizado.
- Hórus foi batizado por Anup, o Batista, que foi decapitado.
- O deus egípcio tinha no total doze companheiros, ajudantes ou discípulos.
- Hórus executou milagres, exorcizou demônios e trouxe Osíris de volta dos mortos.
- O deus andou sobre a água.
- Foi crucificado entre dois ladrões.
- Ele (ou Osíris, em algumas versões) foi enterrado por três dias num túmulo e ressuscitou.
- Hórus era conhecido por alguns títulos, dentre os quais estão: O Bom Pastor, O Filho do Homem, O Verbo Feito Carne, A Palavra da Verdade, entre outros.
- Hórus também era conhecido como “lusa”, o filho vindouro do Pai. Foi chamado de Sagrado Filho e de Ungido, enquanto Osíris era o KRST.

- Ele combateu o maligno Seth.
- Por fim, reinou por mil anos.

Todos esses detalhes são levados em consideração por quem acredita na iniciação de Jesus nos mistérios do Egito. Curiosamente, há outro personagem bíblico que também é acusado de ser um agente para a divulgação da sabedoria egípcia: Moisés.

Toda a passagem em que Moisés recebe sua missão de Deus e os milagres que ele realiza para tentar libertar os hebreus do jugo egípcio são considerados uma tentativa de deixar claro que também ele sabia como funcionava o conhecimento daquele povo, inclusive, em alguns pontos, como transformar a água em sangue que, de acordo com alguns, seria uma variante para a passagem em que Jesus transforma água em vinho. Da mesma maneira a abertura das águas do Mar Vermelho por Moisés também seria uma amostra de um suposto domínio sobre esse elemento que Jesus mais tarde demonstraria ao caminhar sobre as águas.

Seja como for, ainda há muito que ser pesquisado e embasado pelo mundo acadêmico para que se possa tirar alguma conclusão sobre quem foi mesmo Jesus e quais foram suas influências. Tal crença de que um conhecimento oculto egípcio seja a origem dos milagres ainda é uma ideia que encontra mais força no meio esotérico do que no acadêmico, mas já há registros de pessoas ligadas às grandes universidades mundiais que começam a ver essa hipótese como uma linha de raciocínio que deverão seguir nos próximos anos.

Referências

- ARAN, Edson. *Conspirações, tudo o que não querem que você saiba*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- BOURDEIX, Bernard. *Le Grand Livre des Conspirations*. Paris: Fetjaine, 2010.
- BYFORD, Jovan. *Conspiracy Theories*. New York: Palgrave USA, 2011.
- GIPSON, Therlee. *Who Really Killed JFK, MLK and RFK?* New York: Createspace Pub, 2012.
- GRAYSMITH, Robert. *Zodíaco*. São Paulo: Novo Conceito, 2011.
- HUDSON, Christopher. *Bible in World*. New York: Barbour, 2011.
- RAMSAY, Robin. *Conspiracy Theories*. London: Oldcastle Books, 2010.
- SCHMIDT, Paulo. *Jack o Estripador*. São Paulo: Geração Editorial, 2008.
- STEVENS, Henry. *Hitler's Flying Saucers*. Londres: Adventures Unlimited, 2003.
- TUCKETT, Kate. *Conspiracy Theories*. London: Berkeley Publishing, 2005.

Sites:

www.bibliaworldnet.com.br

www.cacp.org.br

www.ceticismoaberto.com/ufologia/ufosnazistas05.htm

www.droit-humain.org.br/v09.htm

www.fra.org.br

www.misteriosantigos.com

www.opusdei.org.br

www.painelovni.com.br

www.revistagalileu.com.br

www.triplov.com/carbonaria/maconaria_feminina/

Copyright © 2015 Sérgio Pereira Couto

Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou em cópia reprográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PUBLISHER

Alessandra J. Gelman Ruiz

REVISÃO

Lúcia Assumpção

Monique D'Orazio

EDITORIA

Silvia Tocci Masini

CAPA

Carol Oliveira

ASSISTENTES EDITORIAIS

Carol Christo

Felipe Castilho

DIAGRAMAÇÃO

Christiane Moraes

Andresa Vidal Branco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Couto, Sérgio Pereira

Grandes mistérios da história: a teoria da conspiração e os segredos por trás dos acontecimentos / Sérgio Pereira Couto. – Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.

ISBN 978-85-8235-020-1

1. Conspirações 2. História 3. Mistérios I. Título.

15-01860 CDD-001.94

Índices para catálogo sistemático:

1. Teorias conspiratórias : Mistérios da história 001.94

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. Rua Aimorés, 981, 8º andar

Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Teleendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700